



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ALINA APARECIDA DE PAULA

**ORAÇÕES VERBAIS – UMA DESCRIÇÃO SISTÊMICO FUNCIONAL DOS  
PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO DO DIZER DO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Mariana- MG

2017

ALINA APARECIDA DE PAULA

**ORAÇÕES VERBAIS – UMA DESCRIÇÃO SISTÊMICO FUNCIONAL DOS  
PROCESSOS DE REPRESENTAÇÃO DO DIZER DO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto no Instituto de Ciências Humanas e Sociais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da linguagem.

Linha 2: Tradução e Práticas Discursivas  
Orientador: Professor Doutor Giacomo Patrocínio Figueredo

Mariana- MG

2017

P324o

Paula, Alina Aparecida de.

Orações verbais- uma descrição sistêmico-funcional dos processos de representação do dizer do português brasileiro [manuscrito] / Alina Aparecida de Paula. - 2017.

105f.: il.: color; tabs.

Orientador: Prof. Dr. Giacomo Patrocínio Figueredo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Programa de PósGraduação em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Descrição Sistêmico-Funcional. 2. Orações Verbais. 3. Produção Linguística. 4. Abordagens sistêmicas da tradução. I. Figueredo, Giacomo Patrocínio. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 808.1 /5

Catálogo: [www.sisbin.ufop.br](http://www.sisbin.ufop.br)



UFOP  
Universidade Federal de  
Ouro Preto

Alina Aparecida de Paula

Orações Verbais - uma descrição sistêmico-funcional dos processos de representação  
do dizer do português brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Letras: Estudos da Linguagem da UFOP como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.  
Aprovada em 17 de maio de 2017 pela Comissão  
Examinadora constituída pelos membros:

Prof. Dr. Giacomo Patrocínio Figueredo  
(Orientador da pesquisa)  
Universidade Federal de Ouro Preto  
UFOP

Prof. Dra. Adriana Silvina Pagano  
Universidade Federal de Minas Gerais  
UFMG

Profa. Dra. Soelis Teixeira de Prado Mendes  
Universidade Federal de Ouro Preto  
UFOP

Dedico essa dissertação aos coleg@s do grupo Multilíngu@ que também se atreveram a aventurar pelas abordagens da Linguística Sistêmico-Funcional. Happy semiosis! E ao Árlen, a estrelinha que sempre ilumina meu caminho!

## AGRADECIMENTO

É o momento de agradecer. Mas como fazê-lo sem esquecer-se de enumerar tantas pessoas que de certa forma contribuíram para a concretização de mais essa etapa da minha vida profissional. Assim, restrinjo-me aos que diretamente contribuíram para a conclusão desse trabalho.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, autor da vida. A quem agradeço todos os dias por me permitir chegar até aqui. ELE sabe de todas as batalhas vividas durante esse processo. Quando Deus quer fazer, não há quem possa o deter, não há.

Agradeço imensamente ao meu orientador professor Dr. GIACOMO FIGUEREDO pelo comprometimento, parceria e pelas valiosíssimas contribuições durante a elaboração deste trabalho. Valeu cada minutinho seja presencial, via skype, e-mail, energias positivas e sinal de fumaça! Com certeza foi graças a sua dedicação que a caminhada foi menos árdua.

Ao grupo de pesquisa Produção de Significados em Ambientes Multilíngues – Multilíngu@. Valeu Aline Costa, Francieli Silvéria, Thaís Guerra, Luciene Alves, Gustavo Fechus, Letícia Santiago, Guilherme Kogut pelo compartilhamento de saberes e pelos divertimentos. Aos que chegaram para somar: Ricardo Alves e Nathan Andrade, meu recado é: A semelhança está na diferença!

À CAPES pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Aos professores do Pós-Letras pelo conhecimento e a secretaria Lúcia, por esclarecer muitas dúvidas durante o curso.

A todos os participantes da banca que dispuseram estar aqui e contribuir de forma enriquecedora para meu crescimento pessoal e profissional.

À Luciene Alves, companheira de caminhada, de passeios, angústias, desabafos, alegrias.

Aos meus pais pelo apoio e incentivo. Aos meus irmãos Aleksandro e Alex pelo companheirismo.

Aos amigos pela paciência e por entenderem os meus ‘agora não’ ‘hoje não’ ‘talvez semana que vem’.

Ó, São Ferdinando e Seu Miguel<sup>1</sup>,

Então... sei que o contexto não existe, bem como soar bem é mera probabilidade.

Vós que me ensinastes humildade, pois justificar com opinião pessoal é muito triste.

Mostrai que minha introspecção não tem valor,

mas dai-me a visão do pesquisador, para o objeto vir da teoria e seu motivador, das pesquisas anteriores.

Do corpus sagrado, extrairei o padrão; jamais farei sistema sem realização, análise sem descrição e modelo sem perfilação.

Perdoai-me por privilegiar o olhar de cima assim como nós nunca perdoa quem usa o discurso para explicar a gramática.

São Ferdinando e Seu Miguel, desculpai minha não-delicadeza ...

Mas tornai-me sábio para tratar a língua com profissionalismo e buscar na técnica minha fortaleza

para fazer do texto gato e sapato, e do sistema meu potencial.

Porém, de verdade mesmo, ajudai-me a entender que, sempre, o significado está na diferença.

Parole!

---

<sup>1</sup> Esta 'oração' foi criada pelo professor Giacomo e apresentada aos integrantes do grupo de pesquisa Multilíngu@ com o objetivo de explicar que toda e qualquer análise se baseia em texto.

## RESUMO

Para mapear o potencial sistêmico das orações verbais do português brasileiro, a presente pesquisa partiu das descrições das línguas de base sistêmico-funcional para observar as semelhanças e diferenças entre as línguas descritas tipologicamente (CAFFAREL *et al*, 2004). A descrição na perspectiva funcional e multidimensional da LSF permite análises linguísticas abrangentes integrando forma e significado com potencial para contribuir de forma importante com uma teoria mais ampla do contato entre as línguas, isto é, os estudos multilíngues (HALLIDAY *et al*, 1964; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004; MATTHIESSEN *et al*, 2008). Para conduzir a descrição da representação do dizer do português brasileiro, foi utilizado um *corpus* monolíngue compilado do CALIBRA\_SUB1 (Catálogo da Língua Brasileira), com base na tipologia do contexto de cultura (cf. MATTHIESSEN *et al.*, 2008, HALLIDAY, 1978). Para a realização da análise, adotou-se como ponto de partida para a descrição da representação do ‘dizer’, a dimensão da estrutura. No exame “de baixo”, foi possível observar quais são as classes de grupos que operam como elemento na estrutura da oração. Abordando mais delicadamente “ao redor”, identificaram-se os padrões distintos entre os subtipos de orações verbais –locução, verbiagem, atividade. “De cima” a realização da oração verbal em seu próprio nível (HALLIDAY *et al.*, 1964; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004, FIGUEREDO, 2007, 2011). Como resultado, a descrição de base tipológica permitiu mapear o potencial sistêmico da representação do dizer do português brasileiro compreendendo a produção linguística dentro do ambiente multilíngue, tornando tanto os estudos multilíngues quanto os estudos da tradução formas complementares do estudo do contato entre línguas.

**Palavras-chave:** Descrição Sistêmico-Funcional. Orações Verbais. Produção Linguística. Estudos Multilíngues. Estudos da Tradução.



## ABSTRACT

In order to map the systemic potential of verbal clauses in Brazilian Portuguese the present study started from the descriptions of the systemic-functional languages to observe similarities and differences between the typologically described languages (CAFFAREL *et al.*, 2004). The functional and multidimensional description of SFL allows for comprehensive linguistic analyzes integrating form and meaning with the potential to contribute significantly to a broader theory of contact between languages, that is, multilingual studies (HALLIDAY *et al.*, 1964; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004; MATTHIESSEN *et al.*, 2008). A monolingual corpus compiled from the CALIBRA\_SUB1 (Catalogue of Brazilian Language) context-based text typology, was compiled to describe the verbal clauses of Brazilian Portuguese (cf. MATTHIESSEN *et al.*, 2008, HALLIDAY, 1978). In order to carry out the analysis, it was adopted as a starting point for the description of the way the representation of the structure dimension. Experiential function in verbal clauses (sayer, verbal process) were analyzed and described “from below” it was possible to observe which class of groups operate as elements in the structure of the clause. “From roundabout” identifying the distinct patterns among the subtypes of verbal clauses - locution, verbiage, activity. “From above” the realization of verbal clause at its own rank. (HALLIDAY *et al.*, 1964; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004, FIGUEREDO, 2011). As a result, the typological base description allowed us to map the systemic potential of verbal clauses (Brazilian Portuguese) production within multilingual environments, placing both descriptive and translation analyses as complementarities in the study of language contact.

**Keywords:** Systemic-Functional Description; Verbal clause; Linguistic Production. Multilingual Studies. Translation Studies.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Localização da pesquisa nos estudos da tradução segundo o mapa de Holmes. .....	21
<b>Figura 2-</b> Localização da descrição da pesquisa na matriz de função-ordem do português brasileiro .....	22
<b>Figura 3-</b> Estudos contrastivos .....	25
<b>Figura 4-</b> Contínuo da instanciação: Lexicogramática .....	26
<b>Figura 5-</b> Organização da gramática na hierarquia composicional das línguas inglesa, espanhola, francesa e português brasileiro. ....	28
<b>Figura 6-</b> Elementos centrais e periféricos na estrutura experiencial da oração .....	39
<b>Figura 7-</b> Processos do Sistema de Transitividade da LSF .....	41
<b>Figura 8-</b> Elementos que compõem o Processo Verbal.....	44
<b>Figura 9-</b> Notação de rede de sistema.....	52
<b>Figura 10-</b> Classe gerada por opções no sistema 1 e 2. ....	53
<b>Figura 11-</b> Sistema hipotático complexo.....	54
<b>Figura 12-</b> Estratificação e o princípio da realização .....	55
<b>Figura 13-</b> Visão trinocular da gramática.....	56
<b>Figura 14-</b> Dimensão instanciação do sistema linguístico. ....	57
<b>Figura 15-</b> Metafunção .....	58
<b>Figura 16-</b> Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa.....	60
<b>Figura 17-</b> Tela capturada evidenciando o nível do percentual de confiabilidade.....	63
<b>Figura 18-</b> Tela capturada evidenciando o intervalo de confiabilidade .....	63
<b>Figura 19-</b> Tela evidenciando a busca dos radicais do processo verbal na ferramenta <i>Concord</i> . ....	64
<b>Figura 20-</b> Tela evidenciando a lista de concordância produzida no <i>corpus</i> pela ferramenta <i>Concord</i> . ....	65
<b>Figura 21-</b> Tela evidenciando o padrão não concordante aos verbos potencialmente realizadores de processos verbais. ....	66
<b>Figura 22-</b> Constituição aleatória do <i>corpus</i> .....	67
<b>Figura 23-</b> Sistema de Semiose do português.....	88
<b>Figura 24-</b> Sistema de atividade do português brasileiro .....	90
<b>Figura 25-</b> Sistema da oração verbal do português brasileiro .....	95

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Categorias para a teoria geral de descrição.....	27
<b>Quadro 2-</b> Distribuição dos sistemas das línguas na metafunção experiencial.....	38
<b>Quadro 3-</b> Diferenciação entre processos.....	43
<b>Quadro 4-</b> Teste padrão para identificar o processo verbal.....	47
<b>Quadro 5-</b> Especificidades de projeção do Processo Verbal.....	47
<b>Quadro 6-</b> Função do Ente dentro de uma figura específica.....	48
<b>Quadro 7-</b> Ente segundo os diferentes critérios .....	49
<b>Quadro 8-</b> As dimensões da língua e seus princípios organizadores .....	50
<b>Quadro 9-</b> Língua no contexto de cultura.....	60
<b>Quadro 10-</b> Exemplo 26: Processo Sócio Semiótico_ Recriar.....	69
<b>Quadro 11-</b> Exemplo 27: Processo Sócio Semiótico_ Compartilhar .....	70
<b>Quadro 12-</b> Exemplo 28: Processo Sócio Semiótico_ Relatar .....	71
<b>Quadro 13-</b> Exemplo 29: Processo Sócio Semiótico_ Explorar .....	72
<b>Quadro 14-</b> Exemplo 30: Processo Sócio Semiótico_ Explicar.....	74
<b>Quadro 15-</b> Exemplo 31: Processo Sócio Semiótico_ Capacitar .....	75
<b>Quadro 16-</b> Exemplo 32: Processo Sócio Semiótico_ Fazer.....	76
<b>Quadro 17-</b> Exemplo 33: Processo Sócio Semiótico_ Recomendar .....	77
<b>Quadro 18-</b> Organização da dimensão sistêmica do grupo em português .....	78
<b>Quadro 19-</b> Protocolo do Processo Verbal.....	80
<b>Quadro 20-</b> Notação sistêmica .....	81
<b>Quadro 21-</b> Locução- citação .....	83
<b>Quadro 22-</b> Realização do participante verbiagem em determinadas famílias linguísticas.....	87
<b>Quadro 23-</b> Características da Semiose.....	88
<b>Quadro 24-</b> Variedades nas gramáticas.....	93
<b>Quadro 25-</b> Exemplos de verbos que operam como processos verbais .....	94
<b>Quadro 26-</b> Principais características do tipo e dos subtipos de Processos Verbais .....	95

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1-</b> Orações verbais Recriar.....	68
<b>Tabela 2-</b> Processo Compartilhar.....	70
<b>Tabela 3-</b> Processo Relatar .....	71
<b>Tabela 4-</b> Orações verbais Explorar .....	72
<b>Tabela 5-</b> Orações verbais Explicar .....	73
<b>Tabela 6-</b> Orações verbais Capacitar .....	74
<b>Tabela 7-</b> Orações verbais Fazer.....	76
<b>Tabela 8-</b> Orações verbais Recomendar .....	77

## LISTA DE TERMOS

A lista de termos aqui apresentada segue o modelo recomendado pelos pesquisadores que participam da lista de discussão da linguística sistêmico- funcional do português brasileiro.

TERMOS EM PORTUGUÊS	TERMOS EM INGLÊS
Alvo	<i>Target</i>
Atividade	<i>Activity</i>
Cadeia	<i>Chain</i>
Delicadeza	<i>Delicacy</i>
Dizente	<i>Sayer</i>
Escolha	<i>Choice</i>
Estudos Descritivos da Tradução	<i>Descriptive Translation Studies</i>
Linguística Sistêmico-Funcional	<i>Systemic Functional Linguistics</i>
Manobras	<i>Shanting</i>
Português brasileiro	<i>Brazilian Portuguese</i>
Processo	<i>Process</i>
Processo Verbal	<i>Verbal Process</i>
Rede de Sistemas	<i>System Networks</i>
Receptor	<i>Receiver</i>
Semiose	<i>Semiosis</i>
Verbiagem	<i>Verbiage</i>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	16
<b>JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>18</b>
Objetivo geral: .....	19
Objetivos específicos: .....	19
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>21</b>
<b>1- DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO: CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO EM AMBIENTES MULTILÍNGUES .....</b>	<b>21</b>
1.1 Localização da pesquisa .....	21
1.2 Linguística sistêmico-funcional .....	22
1.3- Os estudos descritivos e contrastivos da tradução .....	24
1.4- A relevância dos estudos multilíngues como produção de significado para a descrição do português brasileiro .....	25
1.5- Organização interna dos sistemas linguísticos .....	27
1.6- Organização interna de base tipológica da descrição linguística sistêmico-funcional proposta por Halliday aplicada a várias famílias linguísticas. ....	29
1.7- Relevância da descrição da representação do dizer para as pesquisas em português brasileiro. ....	35
1.8- A metafunção ideacional e o sistema de transitividade .....	37
1.9- A representação do dizer: objeto de análise.....	42
1.10- Tipificando papéis: .....	47
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>50</b>
<b>2- METODOLOGIA DE DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL .....</b>	<b>50</b>
2.1- Eixo paradigmático: dimensões sistêmicas e princípio organizador da gramática .....	50
2.2- O papel do <i>corpus</i> .....	59
2.2.1- Anotação e extração de dados .....	62

2.2.2- Levantamento dos dados.....	62
2.2.3- Busca de padrões .....	64
2.2.4- Anotação .....	66
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>68</b>
<b>MAPEAMENTO DO POTENCIAL SISTÊMICO DA REPRESENTAÇÃO DO DIZER DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....</b>	<b>68</b>
3.1- Endereço semiótico.....	68
3.2- Descrição sistêmico-funcional da representação do dizer do português brasileiro .....	82
3.3- Verbos frequentes dos subtipos das classes.....	94
<b>4- CONCLUSÃO .....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa Produção de Significados em Ambientes Multilíngues – Multilíngu@ e insere-se na Linha de Pesquisa Tradução e Práticas Discursivas do programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP - no Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS, cujo olhar se volta para as organizações internas da língua e suas produções sociais enquanto sistema (Halliday, 1978, 2002, 2009, HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004, entre outros). A descrição aqui realizada contribui com a maior sistematização desse sistema linguístico do português brasileiro, orientando-se a partir da Metafunção Ideacional (HALLIDAY, 2002; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004).

A Linguística Sistêmico-Funcional que nos permite tanto descrever gramaticalmente um texto, como oferecer análises detalhadas para as abordagens textuais da tradução tem seu potencial incrementado por contar com uma teoria linguística o suficiente abrangente para direcionar a extração, análise dos dados e a interpretação dos achados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). É a linha entre teoria e descrição, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso (HALLIDAY *et al.*, 1964; HALLIDAY, 1968, 1970).

Investigar os fenômenos humanos requer levar em conta o fato de que o termo humano se refere a pessoas que produzem e interpretam línguas e, em muitos casos, implica em explicar o papel ocupado pela língua como parte central do fenômeno estudado; a relação da língua com a sociedade, o trabalho, a cultura, e assim por diante (cf. Martin, 2009). Descrever uma língua não é o mesmo que conhecê-la, já que a língua nada mais é que a repetição de unidades, e, como apontam Halliday *et al* (1964) ao descrever as características formais de uma língua, sua gramática e léxico estamos tentando dar conta de todos os contrastes significativos possíveis que a língua faz.

Como o objetivo da linguística é descrever as línguas para explicar o funcionamento de itens e padrões linguísticos (HALLIDAY, 1964), a descrição aqui apresentada se localiza na ordem da oração e investiga as funções relativas a esta ordem. Ideacional: o sistema de TIPO DE PROCESSO, especificamente as



configurações das ORAÇÕES VERBAIS. A visão sistêmico é adotada no sentido de garantir que as categorias descritivas não sejam meramente postuladas, mas justificadas no decorrer da descrição de todas as línguas a fim de que se possa aplicar essas categorias na descrição de várias línguas referindo-se ao padrão de uma determinada língua. (Caffarel *et al*, 2004).

Mathiessen *et al* (2008) aludem que a diferença entre as áreas de investigação dos estudos multilíngues varia, portanto, em maior medida quanto à escolha do *corpus*, pois segundo os autores, o elemento mais importante que propicia a convergência entre as diferentes áreas de investigação e aplicação dos estudos multilíngues é a crescente utilização do texto como objeto de análise e fonte de dados.

Para a análise contrastiva e classificação das categorias do presente estudo foi utilizado o *corpus* monolíngue constituído do CALIBRA\_SUB1, com aproximadamente 99.773 *tokens*. A observação foi feita por meio de ferramentas computacionais, que forneceram dados quantitativos e análises qualitativas. O *software WordSmith Tools* foi utilizado para a busca de padrões. A anotação foi feita de forma manual e arquivada no Microsoft Excel @. permitindo fazer uma busca aleatória de 310 das 1484 orações que após serem classificadas possibilitou o mapeamento do potencial das orações verbais do português brasileiro feita com o auxílio do *software Uam Corpus Tool*.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), para se descrever um sistema linguístico, uma das principais unidades de análise adotadas é a oração que é o domínio mais inclusivo ao longo da dimensão (hierarquia) da ordem. Em uma perspectiva sistêmico-funcional da língua, a realização do significado ocorre no nível da oração. Consequentemente, tal perspectiva oferece uma gramática da oração que, dentro da dimensão ideacional do significado, compreende a oração como representação (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Neste sentido a estrutura é o meio onde se realiza a escolha, partido de três diferentes perspectivas, a saber: 1)- de baixo, observar a unidade inferior a partir da lexicogramática, pois, Halliday (1978, p. 32) afirma que faz parte da competência comunicativa do falante saber como distribuir os itens lexicais em um texto conforme os diferentes usos da língua; 2)- ao redor, observar nas orações verbais as semelhanças fonológicas/morfológicas e sua relação semântica desde a gramática, tendo como unidade de análise a oração, que é o domínio mais inclusivo ao longo da dimensão (hierarquia) da ordem (MATTHIESSEN, 2004, p. 656); e 3)- de

cima, observar as implicações semânticas da oração, do ponto de vista do discurso, ou seja, a língua é interpretada como um sistema natural, de quarta ordem, superior (cf. HALLIDAY; MARTIN, 1993).

Nesta perspectiva funcional, as estruturas da língua evoluem como um resultado das funções de produção de significados a que servem dentro dos sistemas sociais ou culturais em que são usadas (SANTOS, 2014, p. 169) e para melhor observar essa evolução, esta dissertação se baseia nas descrições tipológicas apresentadas em Caffarel *et al.* (2004) para contrastar como a organização sistêmica permite mapear o potencial significativo da língua portuguesa, bem como em quais contribuições esse potencial descritivo pode contribuir com os estudos linguísticos e da tradução. No ambiente Multilíngue analisar como o potencial descritivo do português brasileiro se instancia enquanto texto.

## **JUSTIFICATIVA**

A descrição linguística toma como referência, para a descrição, a teoria de produção da língua. A descrição promove o desenvolvimento científico refutando teorias anteriores e propondo novas concepções sobre o objeto de estudo- a língua (HALLIDAY, 1978, 2003, 2004). A base sistêmico funcional significa que as descrições da língua são orientadas para o contexto, fundamentadas no discurso e realizada no significado. Isto é, enquanto outras teorias apresentam como primeiro plano a estrutura ao longo do sistema, a teoria sistêmico-funcional apresenta como primeiro plano o sistema (relações paradigmáticas) sobre a estrutura (relações sintagmáticas) como ponto de partida para descrição da língua (CAFFAREL *et al.*, 2004, p. 23).

Nesse sentido, estudar o sistema linguístico das orações verbais em português brasileiro significa analisar a sua organização sistêmica sobre a estrutura, pois conforme abordam Halliday e Matthiessen (2004), os processos verbais, objeto de análise desta dissertação, componentes da metafunção ideacional são construídos pelo sistema da TRANSITIVIDADE que são relações simbólicas construídas na consciência humana e realizadas por meio da língua, é Processos do dizer, do comunicar, do apontar algo. Embora esse processo se apresente na roda dos processos como um processo subsidiário, ele vem sendo estudado como um processo principal, pois é importante em vários tipos de discurso, tornando possível a construção da passagem dialógica.

A descrição oferece recursos de aplicação da teoria linguística a vários campos disciplinares quer seja por uma de suas abordagens e generalizações, como exemplo, podem ser citadas as descrições embasadas no referencial sistêmico-funcional com um considerável glossário que inclui termos em Inglês, Sueco, Dinamarquês e Norueguês ou na produção de significado linguístico pelo fato de a língua assumir papel relevante nos processos que a referem. Isto pode ser observado, por exemplo, na aplicação do ensino de línguas, na análise do discurso, na linguística de *corpus* e nos estudos da tradução. (MATTHIESSEN *et al*, 2008).

Nesse viés, descrever as orações verbais do português brasileiro sob a perspectiva funcional e multidimensional da LSF permitirá análises linguísticas abrangentes integrando forma e significado com potencial para contribuir de forma importante com uma teoria mais ampla do contato entre as línguas, isto é, os estudos multilíngues.

Assim, a descrição das orações verbais se integra ao grupo porque contribui para uma descrição do português brasileiro de forma a possibilitarem a análise de fenômenos linguísticos mais complexos; inclui frequência e variação das funções nas línguas analisadas; consolida a metodologia de pesquisa e de descrição desde a compilação, passando pela anotação e tratamento, análise contrastiva, classificação das categorias, finalizando com o sistema da representação do dizer do português brasileiro cujos objetivos são:

#### **Objetivo geral:**

O estudo exposto visa descrever sistêmico-funcionalmente o processo da representação do dizer do português brasileiro.

#### **Objetivos específicos:**

- Promover a identificação e propor uma descrição sistêmico-funcional da oração verbal abordada “de baixo” na busca de semelhanças e diferenças na constituição formal; “ao redor” na estruturação metafuncional realizada por dizente+ processo+ participante e, “de cima” o comportamento da oração verbal no texto.
- Explicar os recursos da constituição de significados das línguas que foram descritas sistêmico-funcionalmente para propor a descrição do português.

- Com base na teoria geral de descrição sistêmico-funcional (HALLIDAY, 2002), propor uma descrição dos sistemas que compõem a estrutura experiencial e lógica da oração verbal no sistema linguístico do português.
- Contribuir de forma substancial com uma teoria mais ampla do contato entre as línguas.

Esta dissertação compõe-se de quatro capítulos. No primeiro, adentro a temática específica desta pesquisa, descrição linguística sistêmico-funcional, com enfoque nos estudos da tradução para a construção de significados em ambientes multilíngues. Ainda nesse capítulo, Halliday *et al* (1964) detalham que uma das funções da descrição é mostrar o valor da ocorrência de uma unidade na estrutura vista ‘por cima’. As descrições de base sistêmico-funcional reunidas no livro da Caffarel *et al* (2004) dispõem contrastivamente os recursos de produção de significados típicos de cada sistema linguístico, se valendo da postura teórica na qual a tradução se constitui como um tipo de relação entre sistemas capaz de gerar recursos próprios de produção de significado, contribuindo para a expansão do potencial dos sistemas linguísticos e da produção de significado.

No Capítulo 2, introduzo na metodologia de descrição sistêmico-funcional apresentando a localização da descrição na teoria e a rede de sistemas para a descrição, a qual apresenta os elementos constitutivos do sistema linguístico fundamentais para a análise e interpretação dos dados da pesquisa desta dissertação. Em seguida, serão descritos os passos tomados para a seleção e compilação do *corpus*, as ferramentas utilizadas para anotação e extração dos dados e posterior organização em padrões.

No capítulo 3 é detalhada a descrição da representação do ‘dizer’ do português brasileiro sob a perspectiva trinocular da gramática sistêmico-funcional, classificando as orações verbais no nível estrutural, contrastando as semelhanças e diferenças com as línguas apresentada em Caffarel *et al* (2004) permitindo mapear o potencial sistêmico da representação do dizer do português brasileiro. Por último, a conclusão apresentará os principais resultados face aos objetivos propostos, ressaltando a relevância desta pesquisa para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro no ambiente multilíngue, bem como para os estudos descritivos e para os estudos da tradução de forma a complementar os estudos do contato entre línguas.

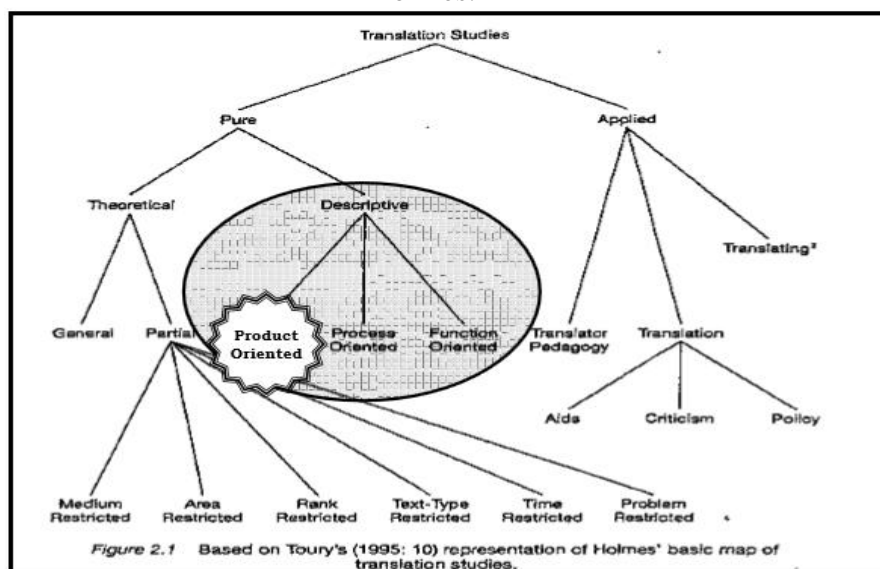
## CAPÍTULO 1

### 1- DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO: CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO EM AMBIENTES MULTILÍNGUES

#### 1.1 Localização da pesquisa

Esta dissertação se afilia aos estudos descritivos da tradução proposto por Holmes (1972), pois requer o estabelecimento de um processo complexo de investigação que inclui entender o produto da tradução (FIG. 1) dentro de uma abordagem linguística interpretada a partir das descrições e generalizações (HALLIDAY *et al*, 1964; KRZESZOWSKI, 1990; ELLIS, 1996; MUNDAY, 2001); bem como, da visão tipológica acerca da descrição linguística, segundo os quais não se descrevem línguas, mas os sistemas comparáveis nas diferentes línguas. Ou seja, investiga a tradução como produção de língua de um tipo particular, sendo aquela que, sempre, acontece no ambiente multilíngue.

**Figura 1-** Localização da pesquisa nos estudos da tradução segundo o mapa de Holmes.



Fonte: HOLMES (1972).

A descrição desta pesquisa se localiza na matriz de função-ordem, a qual apresenta os recursos do estrato gramatical segundo a sua função na organização interna do sistema (representacional [ideacional]) e a hierarquia composicional de suas ordens (morfema, palavra, grupo [e frase]).

**Figura 2-** Localização da descrição da pesquisa na matriz de função-ordem do português brasileiro

	Relações	Experiencial		Modo Modalidade Polaridade	Tema	Relações coesivas
		Processos	Tipo de processo Menor transitividade			
Frase preposicional	Complexos (frase e grupo)	Tempo	Tipo de evento (aspecto)		Conjunção	Referência, Elipse Substituição
Grupo (verbal, nominal, adverbial)		Modificador	Tipo de Ente			
			Qualificador	Finitude Validação Avaliação	Determinação	Conjunção Coesão lexical

**Fonte:** Adaptada de Caffarel *et al.* (2004, p. 43) para o português brasileiro.

No caso das orações verbais do português brasileiro tem-se que: i) na dimensão da estratificação, trata-se de um estudo localizado nos níveis lexicogramatical e semântico; ii) na dimensão da escala de ordem, o estudo enfoca a ordem do complexo oracional; iii) na dimensão das metafunções, o estudo trata mais especificamente dos componentes lógico e experiencial da Metafunção Ideacional; iv) na dimensão da instância, o estudo busca uma aproximação ao extremo do potencial sistêmico; e v) na dimensão dos sistemas, o estudo busca descrever as orações verbais do português brasileiro.

## 1.2 Linguística sistêmico-funcional

A Linguística Sistêmico- Funcional iniciada na década de 1950 está centrada na noção de função e concebe a língua como uma rede de sistemas interligados que o falante faz uso (base funcional) para produzir significados (base semântica) em situações de comunicação. Nessa perspectiva, a língua deixa de ser um mero sistema regulado por regras e passa a ser estudada de um ponto de vista sócio-semiótico, considerando-a como um sistema de produção de significados.

A teoria sistêmico-funcional da língua baseia-se no princípio de raciocínio indutivo, isto é, ela se baseia na busca por padrões da língua de forma a descrever e generalizar esses padrões. Halliday (1970) argumenta que descrever os usos linguísticos sem se olhar para a organização do sistema linguístico tenderia a algum estudo

sociológico, e não de língua. A visão sistêmico é adotada no presente estudo a fim de garantir que as categorias descritivas não sejam meramente postuladas, mas justificadas no decorrer da descrição de todas as línguas a fim de que se possa aplicar essas categorias na descrição de várias línguas referindo-se ao padrão de uma determinada língua. (Caffarel et al, 2004),

No que tange a descrição linguística, Halliday *et al* (1964, p. 31) aborda que com as quatro categorias básicas de unidade, estrutura, sistema e classe é possível descrever a gramática de todas as línguas, desde que se vá ao nível mais elevado da abstração representado por estas categorias; por elas serem tratadas como categorias universais. Contudo, neste caso, o autor alerta ao linguista que ele não pode alegar que determinada categoria definida formalmente deve ser aplicável universalmente, sobretudo por procurar o desenvolvimento de uma teoria geral de descrição e afirma, a título de exemplo, que o ‘verbo’ é redefinido na descrição de cada língua<sup>2</sup>. (HALLIDAY, 2002, p. 24).

Para a descrição gramatical particular aqui envolvida, ou seja, de uma só língua, de forma não comparativa, Halliday (2002, p. 25) afirma que:

“uma análise completa no estrato gramatical (...), em uma descrição em específico na qual todas as formas da língua são relacionadas a sistemas estabelecidos dentro da própria língua, requer a determinação de categorias gramaticais ordenadas como termos em sistemas inter-relacionados, tendo como expoentes os segmentos de substância (fônica ou gráfica) do texto”<sup>3</sup>.

Esta concepção de gramática leva, naturalmente, a uma teorização mais ampla sobre o fenômeno gramatical e os sistemas que o compõem no sentido de não se limitar apenas a este estrato. Diante disto, faz-se necessário considerar a gramática em um ambiente mais amplo. Nestes moldes, a linguística sistêmico-funcional propõe que o sistema seja concebido a partir das dimensões (estratificação, metafunção, instanciação, sistema, estrutura) necessárias para que o mesmo seja explicado, bem como os princípios pelos quais se organiza (realização, metafunção, instanciação, delicadeza, ordem), além das ordens nele constituídas (semântica, ideacional, potencial, gramática, oração).

---

<sup>2</sup> Traduzido por Figueredo (2007, p. 76).

<sup>3</sup> Traduzido por Figueredo (2007, p. 77).

### 1.3- Os estudos descritivos e contrastivos da tradução

Esta seção apresenta alguns autores que pensaram a relação entre língua e tradução aqui exploradas. São eles Munday, que estuda a teoria e a prática da tradução; e Krzeszowski, que divide os estudos contrastivos em teóricos e aplicados. Desta forma, esta produtiva interface, já sinalizada por Matthiessen em seu trabalho “Os ambientes da Tradução”<sup>4</sup> (2001), permite que a tradução possa ser explorada enquanto um fenômeno que, inserido em uma tipologia de sistemas, deve ser contextualizado e percebido como um evento construtor (e não apenas reconstrutor) de significado (MATTHIESSEN, 2001, p. 42-3). Por fim, Matthiessen *et al.*, com seu capítulo de 2008, no qual apresentam os estudos multilíngues, um campo disciplinar comum para os diferentes estudos de contato linguístico.

Os Estudos descritivos da Tradução estuda a teoria e a prática da tradução e que é, por natureza, “Multilíngue e também interdisciplinar”<sup>5</sup> engloba o ensino de línguas, linguística, comunicação, filosofia e estudos culturais, cujo objetivo consiste em descrever a atividade tradutória e o produto da tradução conforme elas se manifestam no mundo da experiência (MUNDAY, 2001, p.1).

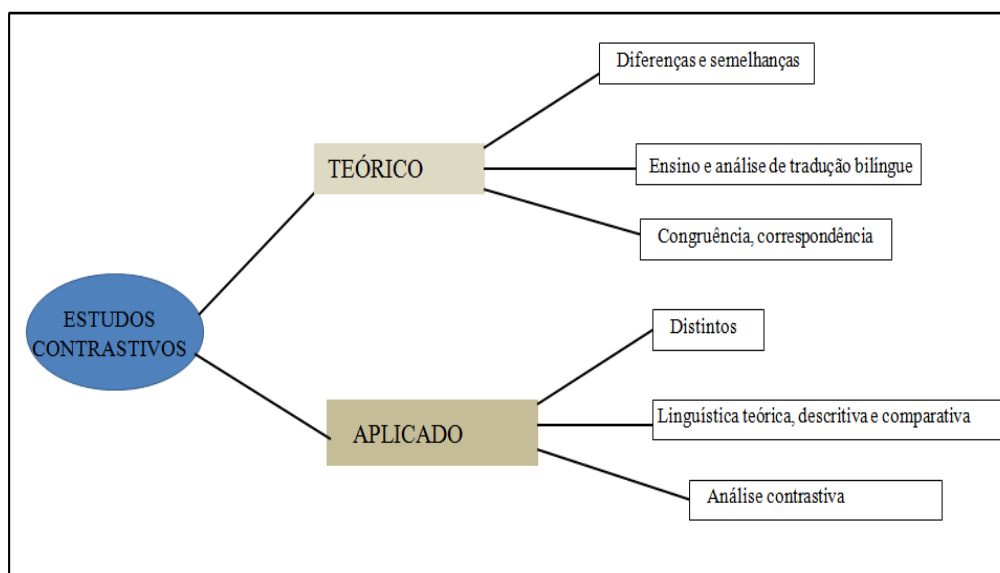
Nesta interface, Krzeszowski (1990) divide os estudos contrastivos em teóricos e aplicados. Aos estudos teóricos cabe relatar diferenças e semelhanças entre duas ou mais línguas, determinando quais elementos são comparáveis, congruentes, etc. O termo Estudos Contrastivos se aplica para todos os contextos nos quais outras colocações com “contrastiva” também são apropriadas. Os estudos aplicados engloba linguística teórica, descritiva e comparativa. A análise contrastiva remete para a terceira das três etapas em estudos contrastivos clássicos, descrição, justaposição, comparação adequada, respectivamente. A figura 3 mostra a relação dos estudos contrastivos em teórico e aplicado.

---

<sup>4</sup> Minha tradução para: *Environments of Translation*

<sup>5</sup> Minha tradução para multilingual and also interdisciplinary.



**Figura 3-** Estudos contrastivos

Fonte: Adaptada de Krzeszowski (1990)

Observando a figura 3, para a descrição aqui abordada, a ênfase será dada ao termo teórico, pois a análise contrastiva se guiará pela diferença e semelhanças nas línguas descritas sistêmico-funcionalmente e apresentadas em Caffarel *et al* (2004).

Vale ressaltar que a tradução é entendida como uma forma de produção de significado que se dá a partir do contato entre sistemas linguísticos. Desta forma, a postura teórica aqui adotada é aquela da visão sistêmico-funcional da tradução (HALLIDAY *et al*, 1964; HOLMES, 1972; KRZESZOWSKI, 1990; MUNDAY, 2001), na qual a tradução se constitui como um tipo de relação entre sistemas capaz de gerar recursos próprios de produção de significado, contribuindo para a expansão do potencial dos sistemas linguísticos.

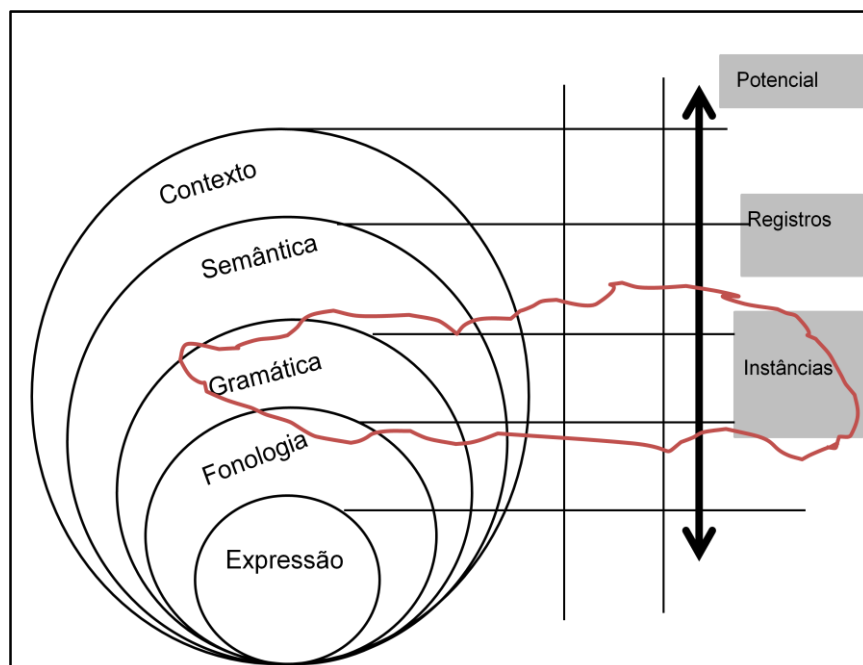
#### **1.4- A relevância dos estudos multilíngues como produção de significado para a descrição do português brasileiro**

No capítulo denominado “Estudos multilíngues como um espaço multidimensional de estudos interligados da língua”, Matthiessen *et al* (2008) têm por objetivo propor como novo campo de estudos a soma dos campos disciplinares e áreas que se pautam pelo estudo do contato linguístico, ao qual denominam estudos multilíngues. Com isso, a perspectiva funcional e multidimensional da LSF que permite análises linguísticas abrangentes integrando forma e significado apresenta potencial para contribuir de forma importante com uma teoria mais ampla do contato entre as línguas, ou seja, os estudos multilíngues.

De acordo com Matthiessen *et al* (2008), a visão multilíngue se baseia em campos, isto é, fenômeno que representa o domínio experiencial do estudo (descrição, análise, aplicação, etc.) de uma ou mais línguas sempre em referência ao estudo (descrição, análise, aplicação, etc.) de outras línguas e não a investigação de muitas línguas. Assim, o texto se caracteriza como o elemento mais importante como objeto de análise e fonte de dados, pois propicia a convergência entre as diferentes áreas de investigação e aplicação dos estudos multilíngues.

Segundo a organização da língua no contínuo de instanciação, o conceito de ‘texto’ não é somente o resultado do processo de produção e sim um dos polos do contínuo. A análise textual busca nos elementos do texto o potencial linguístico que o produziram. Ou seja, em um texto não se encontram simplesmente os significados particulares daquele texto, que a ele seriam restritos, mas, também, elementos tanto do contexto quanto do potencial do sistema linguístico, como se observa na figura 4 abaixo.

**Figura 4-** Contínuo da instanciação: Lexicogramática



**Fonte:** Adaptada de Figueredo (2011, p. 89).

A figura 4 mostra que as semelhanças e diferenças não existem somente entre os textos, mas também entre os recursos que produziram esses textos conforme suas variações internas (motivadas pela variação funcional das situações), distribuídas pelos

subpotenciais (registros) e, ao fim, diferenças e semelhanças mais próximas ao polo do potencial (contexto).

Neste viés, cabe ressaltar que sendo a tradução um ponto no contínuo de instanciação entre o potencial de produção de significado no contato entre sistemas linguísticos e a expressão de textos produzidos a partir deste contato, ela pode ser entendida como um olhar particular para esta relação que define a região do contínuo de instanciação na qual se encontra a relação entre a tradução e a tipologia contrastiva, o que se verá na seção que se segue.

### 1.5- Organização interna dos sistemas linguísticos

Em 1964, Halliday *et al* apontaram que é possível escrever a gramática das línguas a partir de quatro categorias básicas: unidade, estrutura, classe e sistema. O quadro 1 apresenta as categorias necessárias para a teoria geral de descrição.

**Quadro 1-** Categorias para a teoria geral de descrição.

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
<b>Unidade</b>	Comporta qualquer segmento linguístico que possua algum padrão gramatical. Segundo Halliday <i>et al.</i> (1964) “em cada língua, reconhecemos um conjunto específico de unidades dispostas em uma hierarquia determinada na escala de ordens” <sup>6</sup> .
<b>Estrutura</b>	Disposição espacial dos elementos de uma determinada unidade e consiste em uma relação linear de eventos semelhantes. Faz referência ao modo sintagmático <sup>7</sup> - organização gramatical dos sintagmas com suas particularidades.
<b>Classe</b>	Relação paradigmática contrariamente à da estrutura, que é sintagmática, pois implica na seleção de um item para a posição do elemento em detrimento de outros que não foram selecionados.
<b>Sistema</b>	Refere-se ao modo paradigmático, ou seja, uma rede de relações paradigmáticas <sup>8</sup> de como a língua funciona representada a partir da especificidade que se dá do geral para o mais específico na escala da delicadeza,

**Fonte:** Halliday *et al* (1964, p. 27).

A análise gramatical de uma língua pode ser responsável por todos os padrões formais que envolvam as escolhas do tipo de sistema, aquela em que há um conjunto restrito de possibilidades contrastantes. Para Halliday (2002), não é possível definir uma

<sup>6</sup> Minha tradução de: For each language we recognize a particular set of units ranged in a fixed order on the rank scale, (Halliday *et al.*, 1964, p. 27).

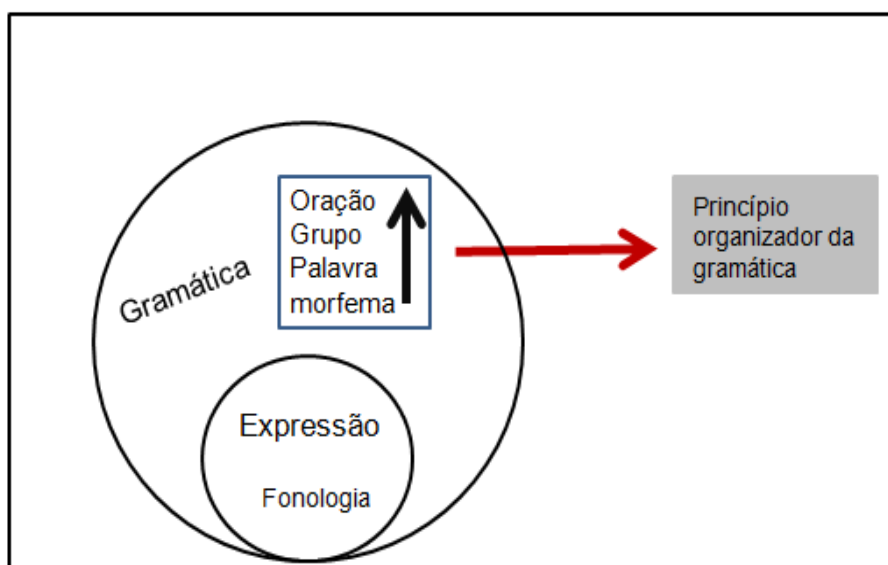
<sup>7</sup> Relação sintagmática é especialmente vista como uma “cadeia” (*chain*) que estrutura a oração.

<sup>8</sup> Relação paradigmática é interpretada como “escolhas” (*choices*) que o usuário da língua executa com base em um “sistema” (*system*) amplo e abstrato de opções léxico- gramaticais.

categoria de maneira absoluta, apenas relativamente a outras categorias. Com isto, unidade, estrutura, classe e sistema só podem ser descritos separadamente quando todos forem descritos em conjunto.

A título de exemplo, tem o sistema linguístico da língua inglesa que, de acordo com Halliday (2002) é composto por quatro ordens, a saber: morfema, palavra, grupo/frase preposicional e oração. Este padrão se repete nas descrições feitas para o espanhol, para o francês e, também para o português (FIGUEREDO, 2007) onde a escala de ordens é igualmente composta pelas mesmas quatro ordens mencionadas, conforme se observa na figura 5 abaixo.

**Figura 5-** Organização da gramática na hierarquia composicional das línguas inglesa, espanhola, francesa e português brasileiro.



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Halliday (2002, p. 69)

A figura 5 mostra que o princípio organizador da gramática da língua inglesa é comum às línguas: francesa, espanhola e português brasileiro. Ambas as línguas apresentam o mesmo princípio organizador em suas gramáticas.

A descrição aqui proposta segue o mesmo princípio organizador da gramática e propõe que tanto para a descrição, quanto para comparação e/ou análise contrastiva seja feita uma metodologia de manobra para ver como opera a função a ser analisada com base na visão trinocular proposta por Halliday (2002). Ainda, de acordo com o autor, a descrição do modelo sistêmico linguístico tem de lidar não só com o potencial funcional da produção de significado, mas também, apresentar uma proposta abrangente de forma

que a descrição de cada fenômeno pudesse contribuir para a descrição do sistema como um todo. A consequência é que as considerações traçadas na descrição de um item linguístico a partir de uma categoria contribuem com uma parcela descritiva diante da teoria como um todo, completada com descrições de outras parcelas. Por este motivo, Halliday (2002, p. 69) diz que tomando as unidades menores como fundamentais, a descrição começa na direção de baixo para cima, ou seja, é conduzida unidirecionalmente do morfema até a palavra, ou até algum ponto da ordem do grupo<sup>9</sup>.

De igual modo, ao relacionar a manobra com outras dimensões, examinando “de cima”, “de baixo” e “ao redor” de seu próprio nível é possível descrever qualquer língua, desde que contemple as relações de unidade, estrutura, sistema, estratificação, e assim por diante. O que pode ser observado nas descrições linguística sistêmico-funcional proposta por Halliday apresentadas em Caffarel *et al* (2004).

Vale ressaltar que estas descrições foram a base tipológica para análise contrastiva aqui adotada possibilitando mapear as orações verbais do português brasileiro, explicadas na seção que se segue.

#### **1.6- Organização interna de base tipológica da descrição linguística sistêmico-funcional proposta por Halliday aplicada a várias famílias linguísticas.**

Segundo Caffarel *et al* (2004, p. 60), há boas razões para basear generalizações tipológicas sobre as abrangentes descrições funcionais baseadas em texto, pois de acordo com estimativas atuais, das mais de seis mil línguas faladas em todo o mundo, apenas uma pequena parte foram descritas sistêmico – funcionalmente. O qual inclui a descrição das línguas inglesa, francesa, alemã, japonesa, tagalo, mandarim, vietnamita, telugu e pitjantjantjara, cujo um dos objetivos principais é oferecer descrições de diferentes línguas que possam ser comparadas e contrastadas tipologicamente.

Como outrora mencionado, não há na língua portuguesa uma descrição sistêmico-funcional sistematizada e integral, de forma que possa dar base às pesquisas de orientação sistêmico-funcional. Entre os trabalhos até então realizados, se destaca Figueredo (2007; 2011). Neste viés, a tipologia linguística sistêmico-funcional apresentada em Caffarel *et al* (2004) configura-se como um recurso flexível capaz de

---

<sup>9</sup> Minha tradução para: With the smallest unit as fundamental, the description starts off in an upward direction. It proceeds, unidirectionally, from the morpheme, through the word to somewhere around the group. (HALLIDAY, 2002, p. 69).

abarcam várias questões sobre a língua como um todo, sendo assim capaz de informar sobre configurações específicas de um dado sistema linguístico, o que possibilita investigar diferenças e semelhanças entre várias línguas que, uma vez abordadas a partir de um conjunto de princípios generalizáveis, podem ser descritas individualmente (CAFFAREL *et al*, 2004, p. 6), conforme se apresenta na descrição das famílias linguísticas que se seguem.

### Gramática francesa Caffarel (2004, p. 84)

Em se tratando de oração de transitividade, tanto a oração, quanto a categoria verbal realizam-se segmentalmente. Os participantes e algumas circunstâncias tem o mesmo potencial para ser realizado na categoria grupo verbal, formando o núcleo da oração em Francês. As demais circunstâncias serão periféricas.

<i>Ex 1:</i>	<i>Je</i>	<i>parlerai</i>	<i>à Pierre</i>	<i>de ce problème</i>
	<i>Dizente</i>	<i>Processo</i>	<i>Alvo</i>	<i>Verbiagem</i>

Como se observa no exemplo 1 acima, os participantes (dizente, alvo, verbiagem) e algumas circunstâncias (verbiagem) tem o mesmo potencial para ser realizado na categoria grupo verbal, formando o núcleo da oração em Francês.

Em francês, a transitividade consiste em dois sistemas simultâneos refletindo dois modos diferentes, porém complementares que interpretam a experiência, o transitivo e o ergativo, como se observa no exemplo 2 abaixo.

<i>Ex2:</i>	<i>Ils</i>	<i>avaient ligoté</i>	<i>l'ours</i>	<i>comme un vulgaire paquet</i>
<i>Transitividade</i>	<i>Ator</i>	<i>Processo</i>	<i>Alvo</i>	<i>Modo</i>
<i>Ergativo</i>	<i>Agente</i>	<i>Processo</i>	<i>Mediador</i>	<i>Modo</i>

Como se observa no exemplo 2 acima, a análise de transitividade assume a ação realizada primeiramente pelo participante, isto é, o ator que se liga ao segundo participante, o objetivo. Por outro lado, na análise ergativa é concretizada através do segundo participante, o mediador.

Em se tratando de projeção, a característica de projetar uma Parataxe (locução) ou uma Hipotaxe (relato) são características predominantes apenas dos processos mentais e verbais, sendo que quando o processo é verbal ele apresenta em sua estrutura

um dizente semiótico prototipicamente humano, o processo verbal, a verbiagem e um receptor.

Ex3:	<i>Il</i>	<i>a demandé</i>	<i>un renseignement</i>	<i>à son voisin.</i>
	Dizente	Processo	Verbiagem	Receptor

No que tange à estrutura, na língua francesa, os participantes se deslocam, o que permite introduzir o que a oração é de fato. Os pronomes que constituem a oração indicam a função dos participantes como um novo segmento (tema). Essa característica aproxima a língua francesa à língua pitjantjatjara.

#### **Gramática pitjantjatjara Rose (2004, p. 517)**

A língua pitjantjatjara é uma língua falada pelo povo Anagu do deserto ocidental da Austrália. Do ponto de vista do significado experiencial, uma oração no pitjantjatjara representa um processo ou uma relação entre entidades. Cada figura envolve, pelo menos, um participante, o meio, que pode ser estendido para um ou mais participantes, a seu alcance, e pode também ser associado com um ou mais circunstâncias. O meio em pitjantjatjara é o participante do núcleo generalizado em uma oração, que age, sente, diz, ou é atribuído um atributo ou identidade.

De acordo com o autor, nas orações verbais da gramática pitjantjatjara apenas o grupo nominal que denotam pessoas podem ter papéis reais de dizente, com exceção aos casos de seres míticos que são, prototipicamente, humano e animal. No que se refere à projeção, as locuções projetadas podem ser paratáticas ou hipotáticas e ainda, preposicional ou proposta.

Ex4: Função de voz projetada

<i>Ka nyanga-ngku</i>	<i>wangka-ngu</i>
Dizente	Processo

Ex5: Comando

  
*Wiya patu a-ra*

Os exemplos 4 e 5 evidenciam uma projeção marcada pela intensidade da fala.

### **Gramática alemã Steiner e Teich (2004)**

O alemão se desenvolveu do Indo-europeu na primeira metade do primeiro milênio. Um milênio mais tarde houve a separação do inglês e alemão com o alemão ocidental. Este é um grupo muito heterogêneo que não deve ser considerado como uma única língua.

Quanto à transitividade, Steiner e Teich (2004, p. 158) abordam que a ênfase é dada a forma pela qual a verbiagem se realiza na estrutura, isto é, ao papel desempenhado pela verbiagem.

<i>Ex 6: Sie</i>	<i>schrieb</i>	<i>ihm</i>	<i>(einen Brief)</i>
Dizente	Processo	Receptor	Verbiagem

No exemplo 6, a verbiagem desempenha o papel de grupo nominal. Essa estrutura permite também a presença de um receptor e a verbiagem pode ser opcional.

No entanto, na gramática alemã, o dizente é um ente não consciente. Essa particularidade faz com que ao ser traduzido o dizente passa a ter voz passiva, configurando em um dizente simbólico na língua a ser traduzida.

### **Gramática japonesa Teruya (2004)**

Na língua japonesa, os grupos verbais que realizam processos dentro das estruturas experienciais vêm no final da oração. O agente é um participante externo que realiza a ação do processo; O processo envolve necessariamente outro participante, o Médio, sem o qual o processo não surge. Isto é, morfologicamente, as formas intransitivas e transitivas aparecem de forma bastante sistemática.

Na gramática da língua japonesa, Teruya (2004, p. 209) aponta que o destaque é dado ao participante que é um ente raro de acontecer em estruturas não hipotáticas,



porém quando o participante é atingido pela ação do dizente, caracterizando no alvo ou quando projeta uma locução, diz-se que o participante é possível de aparecer.

Ex 7: <i>Kanozyo-wa</i>	<i>tomodaci-no ko-o</i>	<< <i>ii ko ne to</i> >>	<i>hometa.</i>
Dizente	Alvo	Locução	Processo

O exemplo 7 evidencia o participante (alvo) diretamente atingido pela ação do dizente em uma locução projetada.

Por outro lado, Teruya (2004, p. 210) aponta que a projeção pode ser paratática ou hipotática. No entanto, a projeção pode variar da seguinte forma: (i) Citação ou relato; (ii) status modal de locução, como indicação ou comando. Porém, em se tratando de locução projetada no modo indicativo não existe diferença clara entre as locuções de citação e relato, pois, essa marcação é percebida quando a locução projetada apresenta status modal de comando.

Ex8: <i>Kare-wa</i>	<i>tomodaci-ni</i>	<< <i>kane-o kasite kure-to</i> >>	<i>tanonda.</i>
Dizente	Receptor	Projeção: citação	Processo

Outra característica apresentada nessa gramática diz respeito ao potencial de um ente a quem o dizente se dirige, isto é, o receptor. Este é realizado por um ente do grupo nominal marcado por –ni, como se observa no exemplo 8.

### **Gramática tagalo Martin (2004)**

Tagalo é um membro da família de língua austronesiana. Mais especificamente, o tagalo é uma língua filipina central, ao lado de Bikol e as várias línguas de Bisayan (incluindo Cebuano com 10 milhão de falantes).

De acordo com Martin (2004, p. 259) o foco na gramática do tagalo é o sistema. Através do sistema os processos indicam o papel experiencial do tema.

Ex 9: <i>hiniram</i>	<i>ng tao</i>	<i>ang pera</i>
Processo	Mediador	produto

O exemplo 9 detalhe o tema como ator realizado pelo processo de ação. Vale ressaltar que em tagalo todos os participante (mediador) e circunstâncias (produto) são temas marcados.

### **Gramática chinesa Halliday e Donald (2004)**

Tomado como uma única língua, o chinês tem mais de um bilhão de falantes nativos. Apenas o mandarim, o principal dialeto, é a língua mais populosa do mundo, falada por um número estimado de 885 milhões de falantes nativos, sendo o espanhol o mais próximo (332 e 322 milhões, respectivamente). Experimentalmente, a ordem básica dos elementos é bastante semelhante ao inglês.

Na metafunção experiencial os sistemas principais são o sistema básico de Transitividade e os sistemas eletivos de aspecto e fase. Não há categoria gramatical do tempo em chinês. O tempo é marcado como uma progressão linear de presente do futuro.

Na gramática chinesa, Halliday e Donald (2004, p. 366) evidenciam a projeção direta ou indireta e de ideias, características principais dos processos verbais e mentais. A diferença entre eles é que em chinês os processos mentais não aceitam receptor. Quanto a sua estrutura, a oração da gramática chinesa se caracteriza por:

Dizente <sup>^</sup> Processo ( <sup>^</sup> Receptor) ( <sup>^</sup> verbiagem)				
<i>Ex 10</i>	<i>Tā</i>	<i>gàosu</i>	<i>wǒ</i>	<i>yì jiàn shì.</i>
	Dizente	Preceptor	Receptor	Verbiagem

O exemplo 10 evidencia uma oração verbal com receptor e verbiagem marcados na oração.

### **Gramática vietnamita Thai (2004)**

O vietnamita é uma língua monossilábica no sentido de que cada palavra consiste em apenas uma sílaba. As palavras polissilábicas são feitas e são conhecidas como “palavras compostas”.

A transitividade na gramática vietnamita apresenta a oração como representação. Em termos de quem faz o que a quem e sob quais circunstâncias, Thai (2004, p. 420)

aponta que o participante é um ente que diz ou simboliza, caracterizado pelo dizente. Frequentemente o receptor precede a verbiagem e pode ser marcado por uma preposição. O receptor e a verbiagem podem ser realizados por um grupo nominal.

<i>Ex 11:</i>	<i>Ho</i>	<i>hoi</i>	<i>toi</i>	<i>nhieu cau hoi kho.</i>
	Dizente	Processo	Receptor	Verbiagem

O exemplo 11 detalha o papel do participante (dizente) na oração.

### **Gramática telugu Prakasan (2004)**

Telugu é uma língua dravídica pertence ao subgrupo dravídico central. É falado principalmente no estado de Andhra Pradesh na parte centro-sul de Índia.

Prakasan (2004, p. 448) destaca que na gramática das línguas faladas no sul da Índia, bem como as línguas russas não apresentam verbo em sua estrutura e quando há marcação de verbo a oração é caracterizada como processo material (cf ALVES, 2017).

<i>Ex 12:</i>	<i>Sinu naku tammud</i>	<i>kadu</i>
		Forma negativa

O exemplo 12 evidencia a forma ‘kadu’ para a oração de negação com a forma de classe material totalmente marcada.

As famílias linguísticas brevemente apresentadas oferecem subsídios pela relação tipológico-contrastiva (CAFFAREL *et al*, 2004; KRZESZOWSKI, 1990), pois a partir das diferenças e semelhanças nas gramáticas das famílias descritas sistêmico funcionalmente os conceitos abordados na tradução se assentam como produção de significado (MATTHIESSEN *et al*, 2008) para propor a descrição das orações verbais do português brasileiro.

### **1.7- Relevância da descrição da representação do dizer para as pesquisas em português brasileiro.**

A presente dissertação segue o desenvolvimento de pesquisas das abordagens linguísticas da tradução, em particular aquelas de base sistêmico-funcional, que tiveram início com o trabalho de Halliday (1950), precursor em descrever sistêmico

funcionalmente a gramática chinesa e uma sequência profícua em trabalhos como os de Degand (1996) com a gramática holandesa, Andersen (1999) com a gramática dinamarquesa, Arús (2003) com a gramática espanhola, entre outras gramáticas abordada por Caffarel *et al* (2004).

A descrição linguística tipológica e funcional apresentada em Caffarel *et al* (2004) é a base a qual esta dissertação se afilia com o objetivo descrever uma parte do sistema linguístico do português brasileiro a partir da dimensão metafuncional. Mais especificamente uma célula da matriz de função-ordem, na interseção entre a metafunção e a ordem da oração, na qual se encontra o sistema de Transitividade. Isso, porque o sistema de Transitividade se constitui como um dos principais sistemas gramaticais (Halliday e Matthiessen, 2004) e, justamente por este motivo, a compreensão de seu funcionamento em português brasileiro se torna um subsídio importante para estudos de vários tipos que envolvam este sistema linguístico, dentre os quais se destaca a pesquisa desenvolvida no grupo de pesquisa Produção de Significado em ambientes Multilíngues.

Muitos estudos de abordagem sistêmica em português brasileiro se valeram das análises de algum dos sistemas da linguística sistêmico-funcional para sua sistematização, dentre os quais, tem-se: Sá (2013) Realização de Significado por Partículas Modais; Gonzaga (2013) Significados Existenciais; e De Paula; Alves (2016) Estudo Comparativo do Processo Verbal, dentre outros. Como apontam estes trabalhos, o estudo destes sistemas gramaticais assume grande importância para os estudos da tradução e, desta forma, a descrição poderá contribuir para pesquisas futuras que necessitem da compreensão mais próxima destes sistemas em português.

Nesta dissertação tem importância o trabalho de Figueredo (2007) cujo objetivo foi propor uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal do português orientada para os estudos linguísticos da tradução. E em 2011, Figueredo descreve o sistema da Oração Mental a primeira e mais completa descrição proposta até então e que serve como ponto de partida para a descrição da oração verbal aqui proposta. Um dos objetivos específicos deste trabalho é garantir que as categorias descritivas não sejam meramente postuladas, mas justificadas no decorrer da descrição, o que se verá na seção seguinte.

### 1.8- A metafunção ideacional e o sistema de transitividade

A teoria linguística sistêmico-funcional descrita a partir do parâmetro central função recebe o nome de metafunção. Na língua inglesa, de acordo com a linguística sistêmico - funcional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), a língua desempenha três funções fundamentais categorizadas teoricamente como metafunções que se dividem em textual, interpessoal e ideacional. Na metafunção textual, a oração, considerada unidade básica de estudo é caracterizada como mensagem, sendo assim dividida em um sistema gramatical de tema e rema. Na metafunção interpessoal, a oração é caracterizada como troca e o sistema é o de modo. A terceira metafunção, a ideacional, a oração é caracterizada como representação. Em sua dimensão experiencial, a metafunção ideacional é responsável pela forma na qual o falante organiza sua experiência do mundo exterior e sua vivência interior, ou seja, os processos de sua consciência.

A metafunção ideacional é distinguida em dois componentes, o *experiencial* – relacionado com as opções dentro de um sistema de transitividade – e o *lógico* – relacionado com as inter-relações das orações que estão amparadas pelos processos (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Sobretudo, a metafunção ideacional da léxico-gramática organiza as ideias do indivíduo e as representam. As representações dos significados ideacionais estão sempre envolvidas com os construtos sociais de acontecimentos (Processos) que envolvem entidades (Participantes) com um pano de fundo de detalhes de tempo, lugar, modo etc. (Circunstâncias) e culturais. Assim, os grupos verbais, nominais e preposicionais são os constituintes das orações respectivamente aos Processos, Participantes e Circunstâncias e são realizadas por um sistema gramatical.

Neste viés, Halliday define a língua como um sistema semiótico social entre os sistemas de significado que compõem a cultura humana. Esse fato permite afirmar que a língua, o texto e o contexto, juntos, são responsáveis pela organização e desenvolvimento da experiência humana. Estudam-se, então, as formas léxico-gramaticais, como a transitividade em relação a suas funções sociais. O quadro 2 abaixo mostra a distribuição metafuncional experiencial das línguas que referenciarão as análises.

**Quadro 2-** Distribuição dos sistemas das línguas na metafunção experiencial.

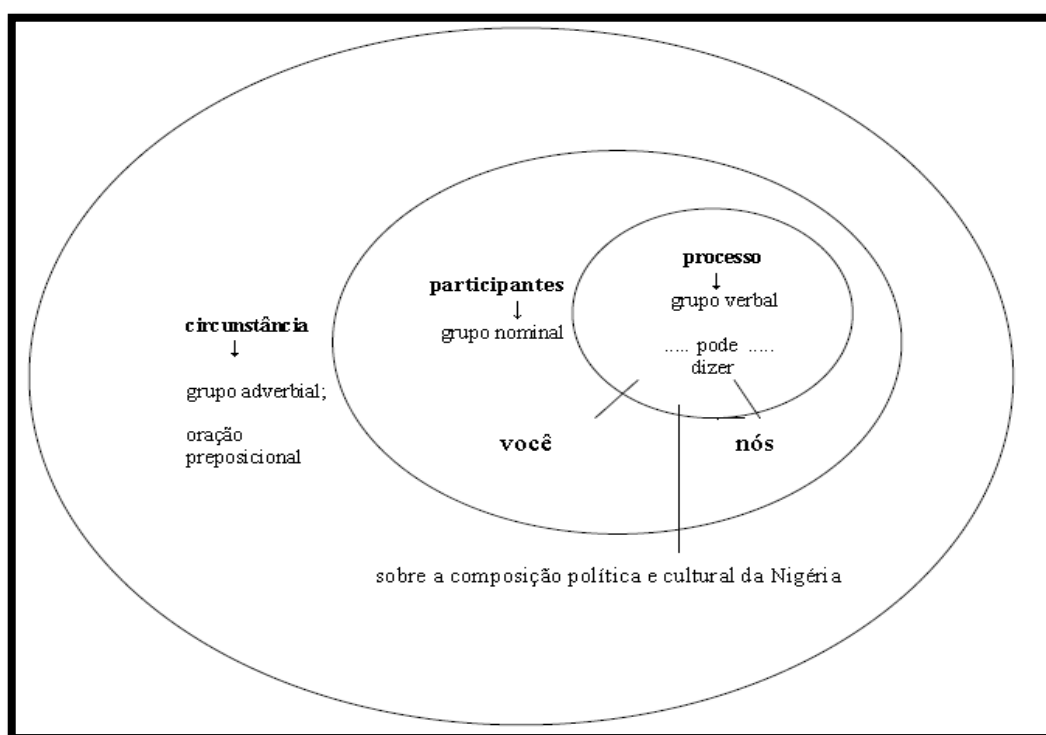
Ordem/ língua	<b>METAFUNÇÃO IDEACIONAL</b>				
	<b>EXPERIENCIAL</b>				
Oração/francesa	Transitividade: Tipo de processo agência (SVO)				
	Ator		Processo	Alvo	Modo
	Ex: i	<i>lls</i>	<i>avainte ligotè</i>	<i>I' ours</i>	<i>Comme um vulgaire paquet</i>
Oração/ alemã	Processo verbal				
	Dizente		Processo	Verbiagem	
	Ex: ii	<i>Sie</i>	<i>erzähle</i>	<i>Ihre Geschichte</i>	
Oração/ japonesa	Processo Verbal				
	Dizente		Receptor	Verbiagem	Processo
	Ex: iii	<i>Kare-wa</i>	<i>kanozyo-ni</i>	<i>sayonara-o</i>	<i>itta</i>
Oração/ tagalo	Transitividade: foco no sistema				
	Processo		Mediador	Produto	
	Ex: iv	<i>hiniram</i>	<i>ng tao</i>	<i>ang pera</i>	
Oração/ chinesa	Transitividade: nuclear, circunstancial e aspecto				
	Dizente		Processo	Locução	
	Ex: v	<i>Xiāomíng</i>	<i>shuō</i>	<i>“Wō míngtiān tomorrow bù qù xuéxiào”</i>	
Oração/ vietnamita	Transitividade				
	Dizente		Processo	Projeção citação	
	Ex:vi	<i>Ho</i>	<i>noi</i>	<i>“Nhieu nguoi da hysinh”</i>	
Oração/telugu	Transitividade dividida em cinco classes				
	Ex: vii Classe processo material		<i>Talupu terucukondi</i>		
Oração/ pitjantjatjara	Processo verbal				
	Dizente		Processo		
	Ex:viii	<i>ka nyanga-ngku</i>		<i>wangka-ngu</i>	

**Fonte:** adaptado da leitura de Caffarel *et al* (2004).

Assim, conforme se observa no quadro 2 a transitividade é, portanto, a base da organização semântica da experiência, um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades, instanciando experiências distintas.

Conforme descrita na LSF a transitividade possibilita identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e que realidade está sendo retratada. A língua tem a principal capacidade de criar significados experienciais e a oração é o meio pelo qual isso se materializa uma vez que ela tem a finalidade de expressar os processos que controlam e denotam a realidade. Essa identificação se dá por meio dos principais papéis de transitividade: processos, participantes, e circunstâncias e permite analisar quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias, como se verifica na figura 6, a seguir.

**Figura 6-** Elementos centrais e periféricos na estrutura experiencial da oração



**Fonte:** Adaptada e traduzida de Halliday e Matthiessen (2004, p. 176)

A figura 6 detalha que o processo é interpretado pelos atores como o elemento central na oração. Os participantes estão diretamente envolvidos, pois, podem praticar a ação ou ser afetados por elas e os elementos circunstanciais adicionam informações (tempo, causa, espaço, entre outras). Contudo seu status é mais periférico na estrutura experiencial, pois, ao contrário dos participantes, as circunstâncias não estão diretamente envolvidas no processo (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.176).

Na representação dos conteúdos vivenciados pelos atores sociais e configurados através do sistema de transitividade, três tipos de processos são tidos como principais,

por ser o fundamento da gramática como uma teoria da experiência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.176), são eles:

I) Processos Materiais: representam o mundo externo ao falante. São Processos da ação (fazer) e do evento (acontecer).

Exemplo 13<sup>10</sup>: <REC\_EM\_04 341>

Begorotire *cortou* os cabelos da esposa e da filha.

II) Processos Mentais: representam o mundo interno. São Processos da percepção, afeição e cognição. Os Processos Mentais projetam fenômenos de segunda ordem, ou melhor, projetam fenômenos que existem somente no nível do pensamento.

Exemplo 14: <REC\_ED\_02 L322>

Ele *gostava* muito de fazer isso com seus amigos.

III) Processos Relacionais: estabelecem uma relação de identidade ou atribuição entre dois seres ou entidades.

Exemplo 15: <EXP\_FD\_01 L499>

Eu *estou* meio lesado

Os processos principais apresentam três tipos diferentes de configuração estrutural e dá conta da maioria das orações de um texto, entretanto, entre eles localizam-se dois Processos subsidiários:

IV) Processos Verbais localizam-se entre Processos Mentais e os Relacionais: representam as relações discursivas. Realizam fenômenos de primeira ordem, além disto, assim como os Mentais, podem projetar fenômenos de segunda ordem, no caso, o Processo Verbal projeta fenômenos que existem somente no nível da língua e não em fenômenos da representação linguística da realidade, que são os fenômenos de primeira ordem (Halliday e Matthiessen, 1999).

Exemplo 17: <REL\_ED\_08 L383>

Ele *conta* que é procurado por fãs do festival.

V) Processos Existenciais localizam-se entre os Relacionais e Materiais: representam fenômenos que existem ou acontecem.

---

<sup>10</sup> Exemplo retirado do *Corpus CALIBRA*.

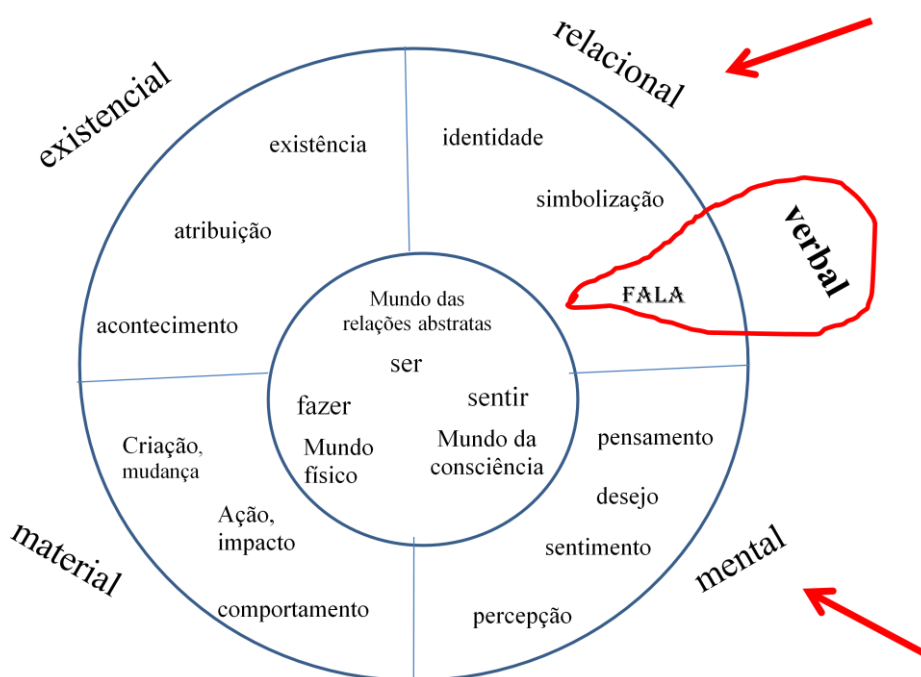


Exemplo 18: <REC\_EM\_11 L348>

Viu que lá **existia** um outro mundo.

Os Processos do Sistema de Transitividade da LSF da língua inglesa apresenta os processos constitutivos deste sistema e sua significação. A sua representação em círculo reflete o caráter contínuo da classificação, a qual só pode ser estabelecida nos contextos de uso efetivo desses processos em combinação com participantes e circunstâncias a eles relacionados. A figura 7 ilustra a representação dos tipos de Processos apresentado por Halliday e Matthiessen (2004) traduzidos para o português brasileiro.

**Figura 7-** Processos do Sistema de Transitividade da LSF



**Fonte:** Adaptada de Halliday e Matthiessen (2004, p. 172).

A figura 7 mostra que o processo verbal são processos do sentir, isto é, aqueles ligados ao mundo da consciência e realizados através da língua.

No que tange ao Processo verbal, objeto de análise da presente pesquisa, Halliday e Matthiessen (2004) consideram seis elementos, sendo que, somente o Dizente e o Processo são obrigatórios (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 252, 255, 256), o que se verá na seção seguinte.

### **1.9- A representação do dizer: objeto de análise**

Os Processos Verbais situam-se entre os Mentais e Relacionais e são Processos do ‘Dizer’- Dizer entendido como qualquer tipo de troca de significado expresso verbalmente. Tendo em vista a natureza do “Dizente” esses processos de “Dizer” são processos relacionados à enunciação, isto é, eles englobam qualquer espécie de troca simbólica de constituição de significados construídos na consciência humana e realizados por meio da língua (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Em relação aos Processos Relacionais, a particularidade que os aproxima é a possibilidade de serem considerados processos simbólicos, uma vez que aceitam como participante um Dizente não dotado de consciência, destituído da capacidade de se expressar, de falar. O conteúdo que está sendo dito pode ser uma citação direta ou um relato. Quanto a sua aproximação com os Processos Mentais, ambos apresentam a capacidade de projeção de ideias e relatos. No que tange à sua capacidade temporal, os Processos Verbais podem estar relacionados ao agora, presente, ou passado e futuro. Halliday e Matthiessen (1999, p. 515) apontam, ainda, que sua “categoria é mais distinta” que as categorias dos demais processos, isso se deve ao seu lugar de destaque no sistema semântico fazendo com que ele tem sido estudado como uma categoria principal, mesmo sendo um processo subsidiário.

Contudo, Halliday e Matthiessen (2004) abordam que em determinados aspectos, as orações “verbais” são como as “comportamentais”, pois, exibem determinadas características de outros tipos de processos, a considerar:

- Tempo verbal, como o “material” ou o “relacional”.
- Capacidade de projetar como o “mental”.

Estas características fazem com que verbos realizadores destes processos funcionem como processo verbal, sendo assim é necessários testes distintivos dos seus próprios para distingui-los, conforme se observa no quadro 3 a seguir:

**Quadro 3- Diferenciação entre processos.**

<b>PROCESSOS</b> <b>CRITÉRIOS</b>	<b>VERBAL</b>	<b>MENTAL</b>	<b>MATERIAL</b>	<b>EXISTENCIAL</b>	<b>RELACIONAL</b>
Capacidade de projetar	Sim Projeta citação e relato	Sim Projeta ideias	Não	Não	Não
Participantes envolvidos	1 a 3 Dizente Receptor Verbiagem	2 exclusivamente Experienciador fenômeno	1 a3 Ator Meta Escopo Beneficiário (recebedor, cliente, atributo)	Apenas 1 existente	2 exclusivamente Portador atributo
Restrições de participantes	Não	Sim Experienciador consciente ou dotado de consciência	Não	Não	Sim Atributo não pode ser um pronome ou nome próprio
Marcação de tempo	Presente do indicativo (agora); Passado simples; Futuro	Presente do indicativo	Passado simples/ presente contínuo	Presente do indicativo	Passado imperfeito

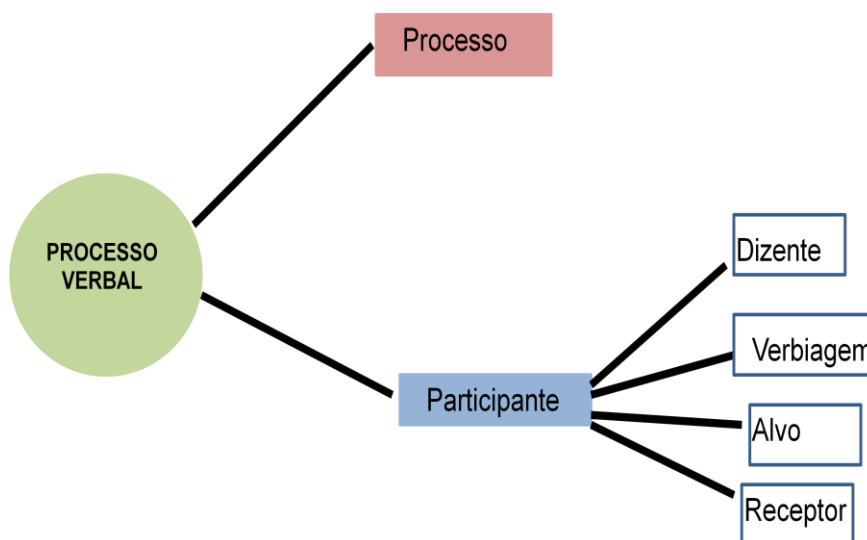
**Fonte:** Adaptado das leituras de Halliday & Matthiessen, (1999; 2004); Martin *et al*, (1997)

A partir da diferenciação entre os processos é possível identificar se o processo é verbal ou não.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 252), as orações do dizer são um recurso importante em vários tipos de discurso. Elas contribuem para a criação da narrativa tornando possível a criação de passagens dialógicas.

No estrato da semântica, a unidade de representação de nossa experiência é denominada figura. A figura constitui uma configuração orgânica de componentes denominados Processo, Participante e Circunstância. O processo é o elemento central da figura e, por isso, cada tipo de processo envolve e determinam quais participantes que estão a eles vinculados. Os participantes localizam-se no espaço referencial e funcionam no modo gramatical como sujeito ou complemento. O participante não necessariamente tem de ser participantes conscientes, mas simplesmente devem verbalizar, através de signos, alguma informação ou significado. As circunstâncias mapeiam os adjuntos e assumem a responsabilidade modal para a oração como troca. Como abordado por Halliday e Matthiessen (2004, p. 260) as circunstâncias não apresentam o potencial de se tornarem sujeito, como se observa na figura 8 que se segue.

**Figura 8-** Elementos que compõem o Processo Verbal



**Fonte:** Adaptada das leituras de (HALLIDAY, 1999; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004)

Assim, ao Processo verbal, Halliday e Matthiessen (2004) consideram seis elementos, sendo que, somente o Dizente e o Processo são obrigatórios.

a) Processo é realizado por um grupo verbal simples ou complexo, caracteriza a oração como Verbal. De acordo com Halliday e Matthiessen (1999, p. 213), do ponto de vista de sua organização interna, um processo é a interpretação do “evento”, fenômeno percebido devido sua extensão no tempo.

Exemplo: 19 <EXP\_FM\_01 L482>

Aí vem outro e	<b>diz</b>	que excesso de autoestima vira egoísmo, arrogância e frieza afetiva <sup>11</sup>
<b>PV</b>		

b) Dizente é um ente do grupo nominal que pode ser humano ou não humano e é quem/ou o que diz alguma coisa. No caso de um Dizente não humano, o Processo Verbal é considerado como simbólico (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2004, p. 254).

Exemplo: 20 <REC\_ED 07 327>

Então	<b>eu</b>	disse a eles: “quero que me deem o ouro que tiverem”.
	<b>Dizente</b>	

c) Receptor é o beneficiário, a quem o falante se dirige. Normalmente funciona como o sujeito e nesse caso a voz do verbo está na voz do receptor. Geralmente representado por um ente semiótico e consciente.

Exemplo: 21 <EXP\_EM\_01 L177>

Eu digo a	<b>meu tio:</b>	“Nóis não vai pescar neste fim de semana?”
	<b>Receptor</b>	

d) Locução é o que foi dito, podendo ocorrer na forma de citação (discurso direto) ou relato (discurso indireto), além de outras formas híbridas como citação parcial ou discurso direto livre. A locução constitui-se em uma oração à parte, formando um complexo oracional com a *oração verbal*.

<sup>11</sup> Exemplos extraídos do *CORPUS* para análise.

Exemplo citação: 22 <REC\_ED\_07 327>

Disse Arão	<b>"Está bem. Tirem os brincos de ouro das orelhas e me entreguem todos eles"...</b>
<b>Locução direta</b>	

Relato (discurso indireto)

Exemplo: 23 <EXP\_FM\_04 L485>

O Fernando Haddad disse	<b>que o ano que vem vai ter um milhão de jovens estudante.</b>
<b>Locução indireta</b>	

e) Verbiagem – função que apresenta o que foi dito como um Ente que aparece como constituinte da oração e não como outra oração;

Exemplo: 24 <COM\_ED\_09 L84>

Vocês	podem dizer	<b>as idades?</b>
		<b>Verbiagem</b>

f) o Alvo – Processo típico em estrutura de (ator + meta) na oração material, na oração verbal atua um indivíduo que “sofre” o Processo Verbal interpretado como uma circunstância ou uma oração hipotática. Segundo a LSF este elemento ocorre apenas em um subtipo de Processo Verbal – o Alvo.

Exemplo: 25 <CAP\_FD\_02 L779>

Eu falo	<b>por mim.</b>
	<b>Alvo</b>

No que se refere aos tipos e subtipos de Processo Verbal, gramaticalmente, há na LSF dois tipos principais de Processo Verbal: Atividade e Semiose.

A atividade se subdivide em dois subtipos: alvo e fala. A atividade se constitui do dizente^ processo, não projeta e pode apresentar um receptor, em se tratando do alvo diz-se que é uma atividade de fala que não projeta e não apresenta um receptor. O dizente é o alvo realizado pelo processo. A Semiose é um tipo de processo que projeta fenômeno de primeira ordem em orações verbais e se subdivide em: citação direta ou

indireta (indicação, comando ou relato) e verbiagem. Essa não projeta. O quadro 4 mostra o teste padrão para identificar o processo verbal.

**Quadro 4-** Teste padrão para identificar o processo verbal.

Subtipos de Processos Verbais	Subtipo 1- Atividade		Subtipo 2- Semiose		
	Alvo	Fala	Locução projetante		Verbiagem
1- Projeção			Direta	Indireta	Não projetante
			Citação	Relato	
			√	√	
2- Receptor		√	√	√	√

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Assim, tem-se o teste padrão para identificar o processo verbal.

As seções que se seguem abordarão sobre a projeção e as funções do participante (Ente) envolvidas no processo.

### 1.10- Tipificando papéis:

#### Projeção

Halliday e Matthiessen, (1999, p. 521) apontam que na projeção um processo é usado para construir outra oração de forma que o que se projeta se torna uma representação do que alguém diz ou pensa. Essa capacidade é atribuída aos processos verbais e mentais respectivamente. Assim, a gramática pode projetar eventos semióticos, tanto os que são exteriorizados como provérbios e aqueles que são internalizados em forma de pensamentos são traduzidos dentro do domínio global dos fenômenos da experiência.

Sobre a projeção, Halliday e Matthiessen (2004, p. 443) apontam que:

**Quadro 5-** Especificidades de projeção do Processo Verbal.

<b>ESPECIFICIDADES DE PROJEÇÃO</b>	
<b>PROCESSO VERBAL</b>	Atribuem as fontes do relato
	Representa visualização no discurso científico
	Constroem diálogo na narrativa

	Formulam perguntas em conversas
--	---------------------------------

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A projeção cria uma figura em um plano diferente da realidade e pode envolver qualquer um dos dois níveis do plano do conteúdo da língua: locução – projeção de significado do que está sendo dito (exemplo 22) e ideia – projeção de relato (exemplo 23). Estas distinções podem ser observadas, por exemplo, em desenhos animados, onde as ideias são representadas em nuvens e as locuções em balões.

## Ente

Halliday e Matthiessen (2004, p. 325) afirmam: “o elemento ao qual chamamos ‘Ente’ é o núcleo semântico do grupo nominal, podendo ser um substantivo comum, substantivo próprio, ou um pronome (pessoal)<sup>12</sup>”.

Halliday e Matthiessen (1999, p. 187) apontam que o Ente tende a se destacar por:

- Papéis variados como elementos da figura;
- Pelo peso total e força discursiva de sua classificação primária de experiência;
- Por sua tendência de ser elaborado em inúmeras microcategorias;
- Por sua organização interna complexa;
- Por sua relação altamente sistemática um com o outro.

Quanto a sua função específica dentro de uma figura, os autores apontam que há variação de acordo com o processo, como se observa no quadro 6 a seguir.

**Quadro 6-** Função do Ente dentro de uma figura específica.

Processos	Função específica
Verbal	Como dizente, verbiagem e fala
Mental	Como fenômeno
Material	Como ator, alvo e beneficiário
Relacional	Como transmissor, fala e valor

**Fonte:** Elaborado pela autora

<sup>12</sup> The element we are calling ‘Thing’ is the semantic core of the nominal group. It may be common noun, proper noun or (personal) pronoun.



A distinção primária dentro das figuras caracteriza o Ente como elemento consciente e não consciente no (i) papel potencial na figura; (ii) na organização interna dos participantes, como se observa no quadro 7.

**Quadro 7-** Ente segundo os diferentes critérios

			(i) Potencial papel na figura			(ii) organização interna dos participantes		
			Sentir	Dizente	Ator (efetivo)	Pronome	Substantivo geral	Número contável/Massa
Consciente			√	√	√	Ele/Ela/Eles	Pessoal & C	Contável
Não consciente	Material real	animal			√	Ele (a)/ Eles	Criatura animal	Contável
		Força natural			√	Ele (a)/ Eles	—	Contável
		Objeto (material)				Ele (a)/ Eles	Coisa, objeto	Contável
		Substância				Ele (a)	Coisa	Massa
		Abstração (material)				Ele (a)	—	Massa
	Semiótico real	Humano coletivo	√	√	√	Ele ~ Eles/ Eles	—	Contável
		Instituição	√	√	√	Ele ~ Eles/ Eles	Lugar, apresentar, estabelecer	Contável
		Objeto (semiótico)		√		Ele ~ Eles/	—	Contável
		Abstração (discreta)				Ele (a)	—	Massa
		Abstração (não discreta)						

**Fonte:** Adaptado de Halliday e Matthiessen (1999, p. 194).

O quadro 7 acima mostra o papel da figura do Ente nos processos Mental, Verbal e Material.

Após as considerações aqui apresentadas, esta dissertação passa ao capítulo metodológico, no qual apresenta a forma como a pesquisa se estruturou de modo a possibilitar a análise contrastiva dos grupos nas línguas apresentadas em Caffarel *et al* (2004) para propor a descrição da representação do dizer do português brasileiro.

## CAPÍTULO 2

### 2- METODOLOGIA DE DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL

#### 2.1- Eixo paradigmático: dimensões sistêmicas e princípio organizador da gramática

A linguística sistêmico-funcional propõe que o sistema seja concebido a partir das dimensões necessárias para que o mesmo seja explicado, bem como os princípios pelos quais se organiza, além das ordens nele constituídas. A localização da gramática (fenômeno natural) na arquitetura mais geral do sistema e a descrição gramatical (formulação teórica) na arquitetura mais geral da teoria linguística se fazem pela localização dos itens a serem descritos nas diferentes dimensões do sistema linguístico (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Existem, conforme apontam Halliday e Matthiessen (2004), cinco dimensões as quais constituem diferentes entradas para o estudo da língua por meio do qual se busca compreender a natureza e a dinâmica do sistema semiótico como um todo. O quadro 8 reproduzido de Halliday e Matthiessen (2004, p. 20) e traduzido apresenta as dimensões do sistema linguístico.

**Quadro 8-** As dimensões da língua e seus princípios organizadores

	DIMENSÃO	PRINCÍPIO	ORDENS
1	Estrutura (ordem sintagmática)	Ordem	Oração ~ grupo ou frase ~ palavra ~ morfema
2	Sistema (ordem paradigmática)	Delicadeza	Gramática ~ léxico [lexicogramática]
3	Estratificação	Realização	Semântica ~ lexicogramática ~ fonologia ~ fonética
4	Instanciação	Instanciação	Potencial ~ subpotencial ou tipo de instância ~ instância
5	Metafunção	Metafunção	Textual ~ Interpessoal ~ Ideacional [lógica experiencial]

**Fonte:** Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 20).

As dimensões e seus princípios organizadores são apresentados com mais detalhes a seguir.

1) a dimensão da estrutura (i.e. sintagmática) – primeiro passo metodológico – é o aspecto composicional da língua, referido na terminologia linguística como “constituente”. Organizada pelo princípio de escala de ordem, onde a ordem é um princípio hierárquico que organiza os significados realizados na estrutura composicional da língua. Este princípio pode ser uma estrutura multivariada (realizada na gramática na

ordem da oração que é constituída por grupos ou frases que apresentam uma função distinta e que, por sua vez, são realizados por palavras e morfemas) na qual cada elemento possui uma função distinta em relação ao conjunto, ou uni variada (realizada na ordem dos complexos oracionais), na qual a estrutura apresenta uma interação do mesmo tipo de relação funcional. Neste tipo de relação, as orações, que são constituídas pelos mesmos elementos funcionais, modificam-se mutuamente conforme são relacionadas nos complexos.

2) a dimensão do sistema (i.e. paradigmática), segundo a dimensão do eixo paradigmático, a língua é examinada como o conjunto de opções sistêmicas. Organizada pelo princípio de delicadeza. Neste princípio, a escolha de uma opção se dá, por assim dizer, em etapas cada vez mais refinadas desde a condição de entrada mais geral (indelicada) até a escolha, no final do sistema, por um item lexical, que seria a opção mais delicada.

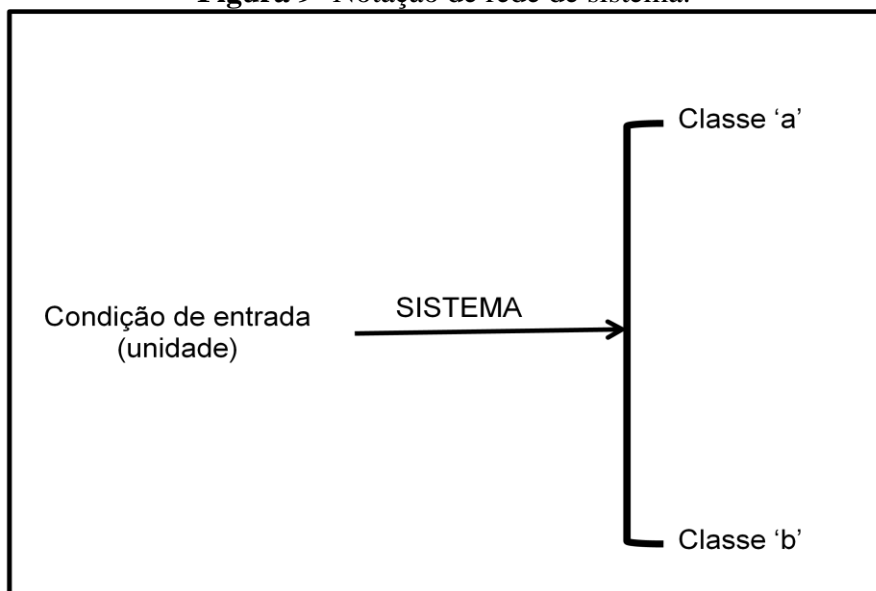
A língua está organizada como um sistema (conjunto de opções de orientação paradigmática) cuja constituição é determinada pela função. Neste caso, a estrutura sintagmática é uma consequência das escolhas paradigmáticas e, por conseguinte, o sistema linguístico é concebido como um conjunto de recursos para a produção de significado, e não como um conjunto de regras (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Nos moldes da linguística sistêmico-funcional, a gramática é considerada como um fenômeno natural, sistêmico – e este é o segundo passo metodológico – pois, conforme abordam Halliday *et al* (1964), os itens lexicais e gramaticais operam em um nível mais alto de delicadeza do sistema. Neste sentido, a oração é adotada como unidade principal por ser a ordem mais alta da escala de ordens e que mantém relação tanto com os outros estratos linguísticos quanto com outros sistemas. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), o princípio que ordena o sistema linguístico do ponto de vista do eixo paradigmático é a delicadeza. Tomando a oração como a condição de entrada mais geral (indelicada), a escolha de uma opção se dá, por assim dizer, em etapas cada vez mais refinadas até o final do sistema, por um item lexical, que seria a opção mais delicada, a saber:

***Oração → Processo: Verbal: Dizer: Semiose: Projeção: Locução: Citação: Disse***

De acordo com Martin (2013, p. 18) os sistemas são organizados em redes e, cada item de uma classe constitui um termo a ser selecionado, como forma de notação do sistema, desde a condição de entrada até o item mais delicado do sistema, a teoria sistêmico-funcional usa a notação sistêmica denominada redes dos sistemas e para isso, Martin (2013, p. 14) apresenta o início de um sistema com duas opções [a e b], chamadas de recurso.

**Figura 9-** Notação de rede de sistema.

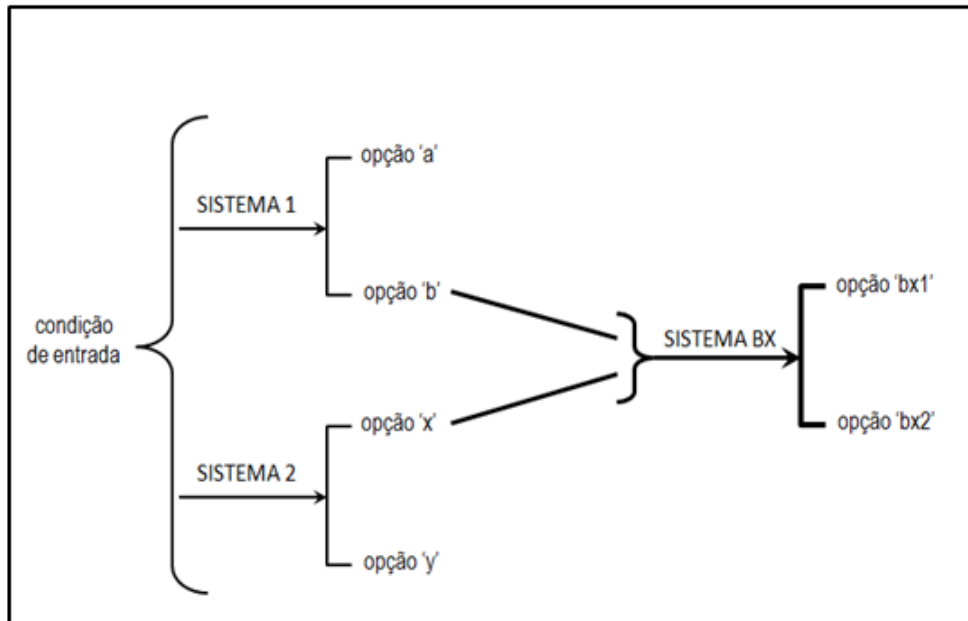


**Fonte:** Adaptado de Martin (2013, p. 14).

A figura 9 detalha que a classe “a” e a classe “b” são características contrastantes da oração. A relação em que o sistema se baseia é uma oração com a característica “classe a”, assim como classe b é um tipo de oração que estão em oposição, isto é, “a” não é “b” e vice-versa. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 22).

Nesse contexto, os sistemas respondem pelo tipo de orientação dentro da classe que permite a realização de um item e tem orientação paradigmática. Neste caso, dirige-se à possibilidade de se optar por diferentes termos e, dada a circunstância, selecionar apenas um deles, conforme se observa na figura 10.

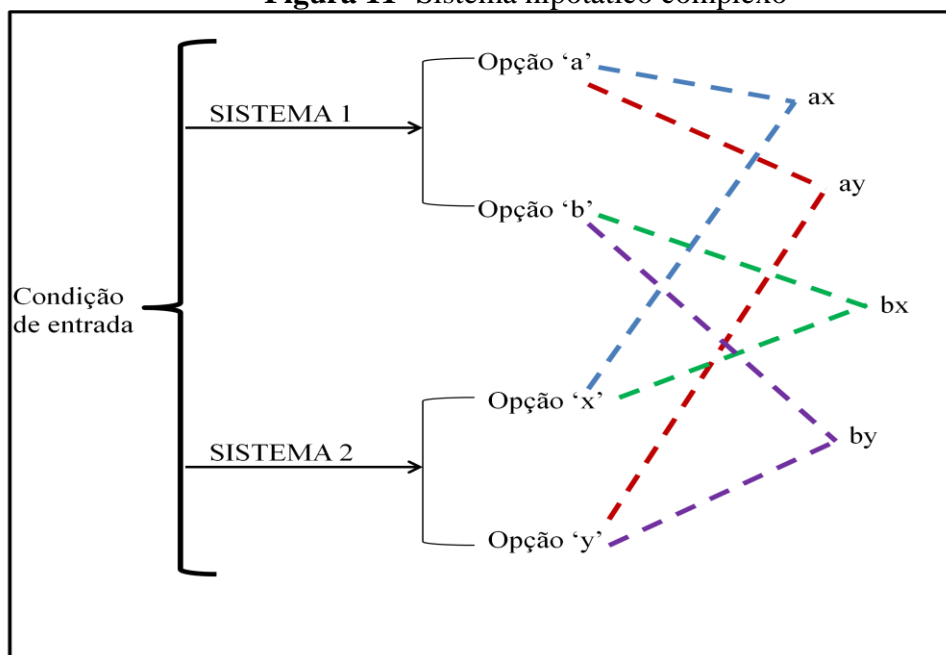
**Figura 10-** Classe gerada por opções no sistema 1 e 2.



**Fonte:** Adaptado de Martin (2013, P. 20)

Dada uma condição de entrada qualquer (FIG. 10) duas opções simultâneas são possíveis: Na condição 1, chamada de sistema 1 é representado por dois princípios de classificação: agnações- 'opção a' e 'opção b'. A segunda condição de entrada, o sistema 2 classificados pelas agnações 'opção x' e a 'opção y'. A coesleção entre as classificações das agnações em 'opção b' e a 'opção x' formam a condição de entrada para a categoria 'sistema bx' representada pelas agnações 'opção bx1' e 'opção bx2'. Caso bx1 seja selecionado, dada outra condição de entrada, o sistema abre possibilidade para novos termos e assim sucessivamente. Este processo ocorre para a seleção de todos os itens do sistema. Quanto mais à direita as seleções são feitas no sistema, mais aumenta o nível de distinção entre os itens. Assim, o nível de delicadeza entre  $\alpha$  e  $b$  é menor do que aquele entre  $bx1$  e  $bx2$ .

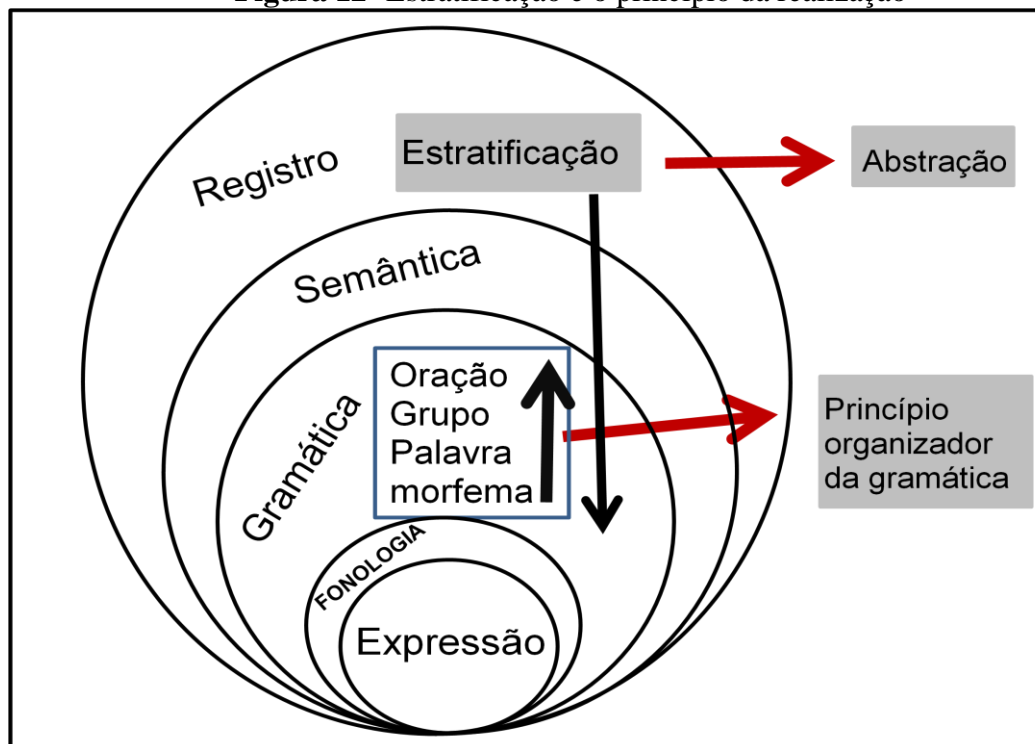
De acordo com Martin (2013, P. 17), as redes de sistemas não são taxonomias simples e que reside na possibilidade de sistemas que tem uma condição de entrada complexa, isto é, uma condição de entrada que consiste em mais do que uma única funcionalidade quer seja porque o sistema ainda está se desenvolvendo e por isso não pode ser generalizado, ou porque está no fim de sua delicadeza e por isso perdeu sua generalização, representado na figura 11.

**Figura 11-** Sistema hipotático complexo

**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraído de Martin (2013. P. 20)

A rede, como a exposta aqui, visa mostrar dinamicamente como acontece o processo de seleção das opções a cada passo da delicadeza, de forma a explicar como as funções se articulam dentro do sistema. Para isso, a dimensão adotada como base para a descrição da representação do dizer é a orientação paradigmática do sistema linguístico, ou seja, a oração.

3) a dimensão da estratificação, organizada pelo princípio de realização relacionado ao plano de conteúdo da língua (estratos semântico e lexicogramatical), e ao plano de expressão (estratos fonológico/grafológico e fonético) descrevem a relação entre eles a partir do princípio de realização (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). O estrato gramatical permite que o conteúdo não mantenha uma correspondência fixa com a expressão que o realiza contrariamente a outros sistemas semióticos. Segundo Halliday (2002), o fato de o sistema ser estratificado permite que a gramática comporte ao mesmo tempo mais de um modelo de realidade, podendo, com isto, equilibrar os recursos de cada modelo dependendo da experiência a ser concebida, o que se faz em ocasiões diferentes de formas diferentes entre os estratos. A figura 12 abaixo detalha esse princípio da estratificação na organização da gramática.

**Figura 12-** Estratificação e o princípio da realização

Fonte: Adaptada de Halliday e Matthiessen (2004, p. 25)

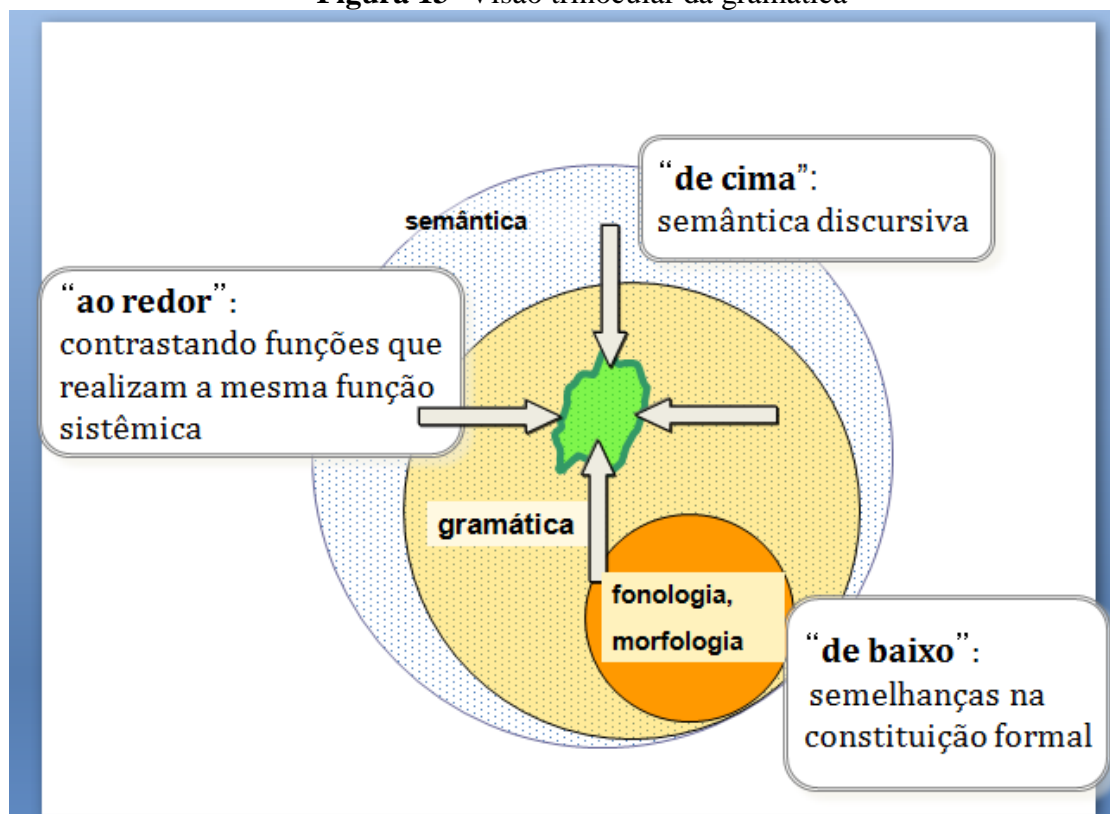
Logo, a realização implica na codificação de um elemento do estrato mais abstrato pelo estrato mais concreto. Isto é, o estrato fonológico realiza a gramática; o estrato gramatical que é realizado na fonologia, realiza a semântica; o estrato semântico que é realizado na gramática e realizado na fonologia realiza o contexto e o contexto é realizado na semântica que é realizada na gramática e por sua vez realizada na fonologia (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 26).

Halliday (2002, p. 409) propõe que a estratificação seja analisada sob uma perspectiva trinocular. A perspectiva trinocular é o processo de transformar qualquer coisa em significado, de “semiotizar” em termos de uma ordem superior, estratificada semiótica. Interpretar os fenômenos da experiência significa analisá-los em significados, formulações e expressões, este é o terceiro passo metodológico.

Toda a organização em “estrato” da língua é simplesmente a manifestação desse princípio trinocular. Desta maneira, quando a oração é vista “ao redor”, conforme a estruturação metafuncional que a compõe, pode ser definida, por exemplo, como uma estrutura formada por elementos da Transitividade, a saber, dizente + Processo + participante; “de baixo” a partir da ordem do grupo, busca-se as semelhança e

diferenças na constituição formal; e “de cima” discurso, a realização da oração na escala superior do contexto, como se observa na figura 14.

**Figura 13-** Visão trinocular da gramática



Fonte: Adaptada de Figueredo (2011, p.77).

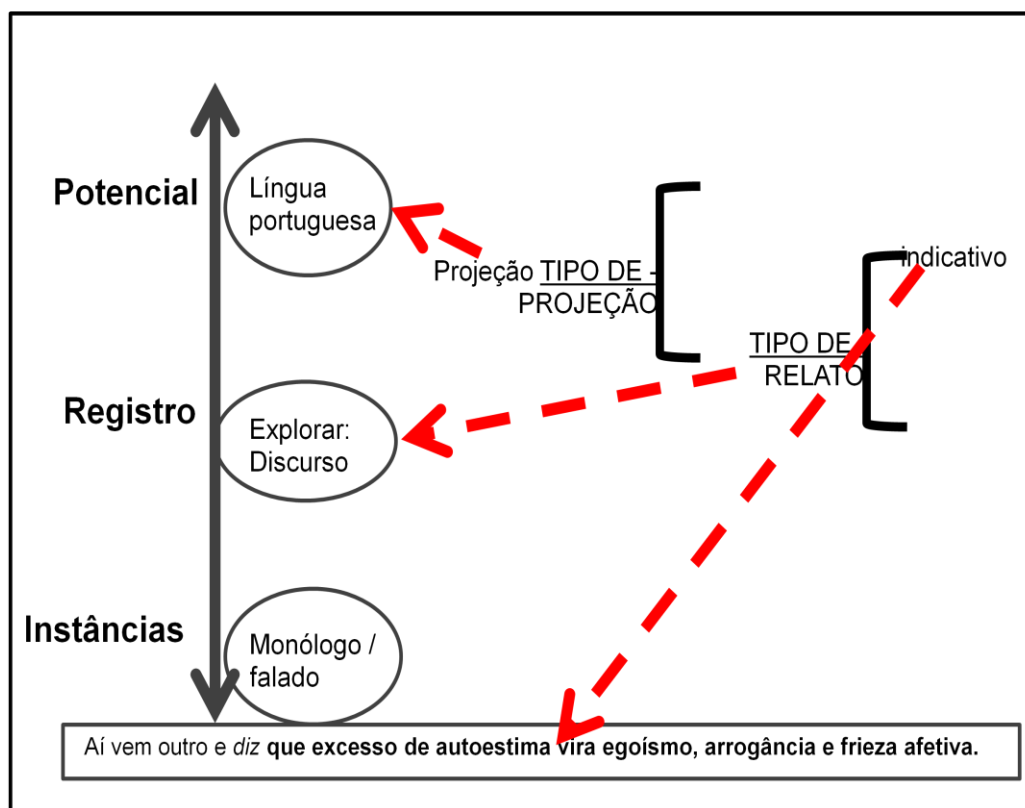
Dessa forma, para que se tenha uma base descritiva comum, à qual as descrições podem se referir a metodologia se afilia no livro “Tipologia Linguística<sup>13</sup>” editado por Caffarel *et al* (2004), o qual inclui a descrição das línguas inglês, francês, alemão, japonês, tagalo, mandarim, vietnamita, telugu e pitjantjantjara que tem como um dos objetivos principais oferecer descrições de diferentes línguas que possam ser comparadas e contrastadas tipologicamente. Neste caso específico, a base é a orientação sistêmico-funcional.

4) a dimensão da instância, organizada pelo princípio de instanciação. Halliday e Matthiessen (2004, p. 26) afirmam que a instanciação é a seleção, dentre as possíveis opções sistêmicas, daquelas que resultarão na construção dos significados particulares de um texto.

<sup>13</sup> Minha tradução para: *Language typology*.



**Figura 14-** Dimensão instanciamento do sistema linguístico.

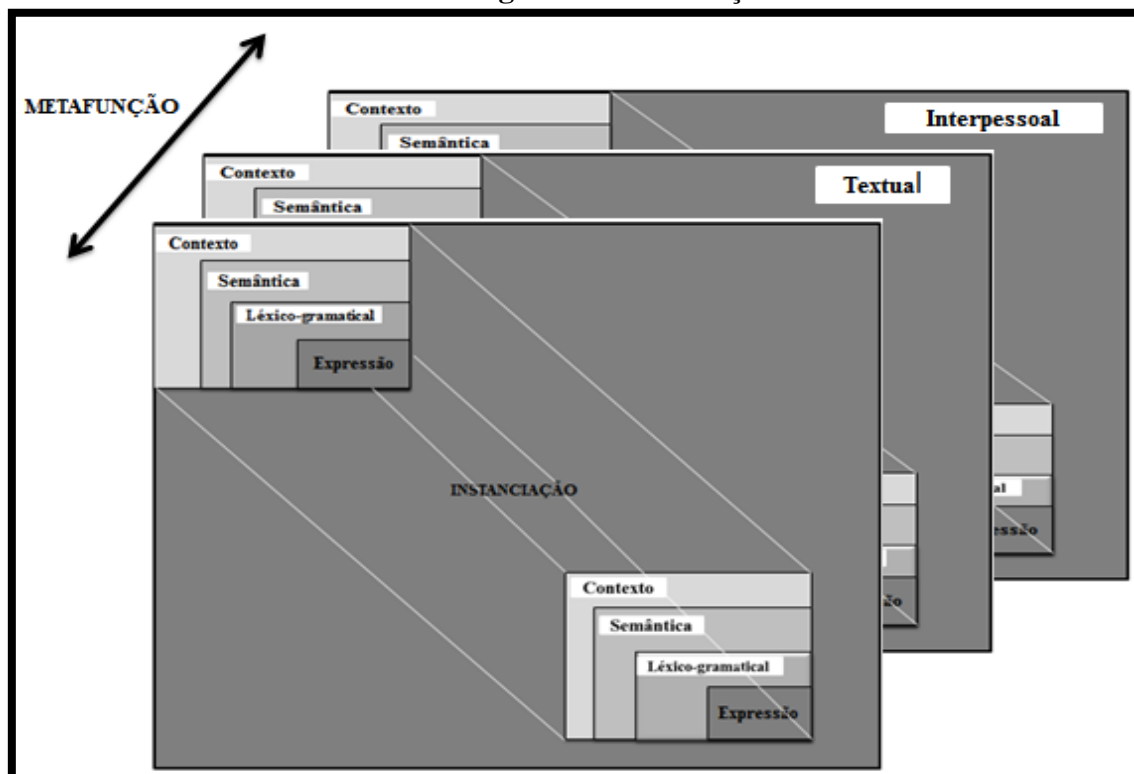


**Fonte:** Adaptada de Halliday e Matthiessen (2004, p. 26)

Como se observa na figura 14, estas opções não são aleatórias e independentes; são, ao contrário, agrupadas em padrões logo genéticos, incumbidos de contar a história sistêmica do texto.

5) Por fim, no quarto passo metodológico tem-se a dimensão das metafunções, constituídas no sistema semântico da língua natural, e se organizam em três componentes metafuncionais distintos: o ideacional, o interpessoal e o textual. Estas metafunções constituem o potencial de significado funcional da língua e é a base para funções mais gerais a que a língua se presta a servir, especificados na figura 15 a seguir.

Figura 15- Metafunção



Fonte: Adaptada de Halliday e Matthiessen (2004, p. 30).

Na dimensão metafuncional, a descrição da ordem do grupo pode contribuir apontando quais os grupos que funcionam como elementos nos sistemas metafuncionais na ordem da oração. Por exemplo, na metafunção ideacional quais os grupos que funcionam no sistema de TRANSITIVIDADE como Participante e quais os papéis desempenhado por suas funções ou como Processo.

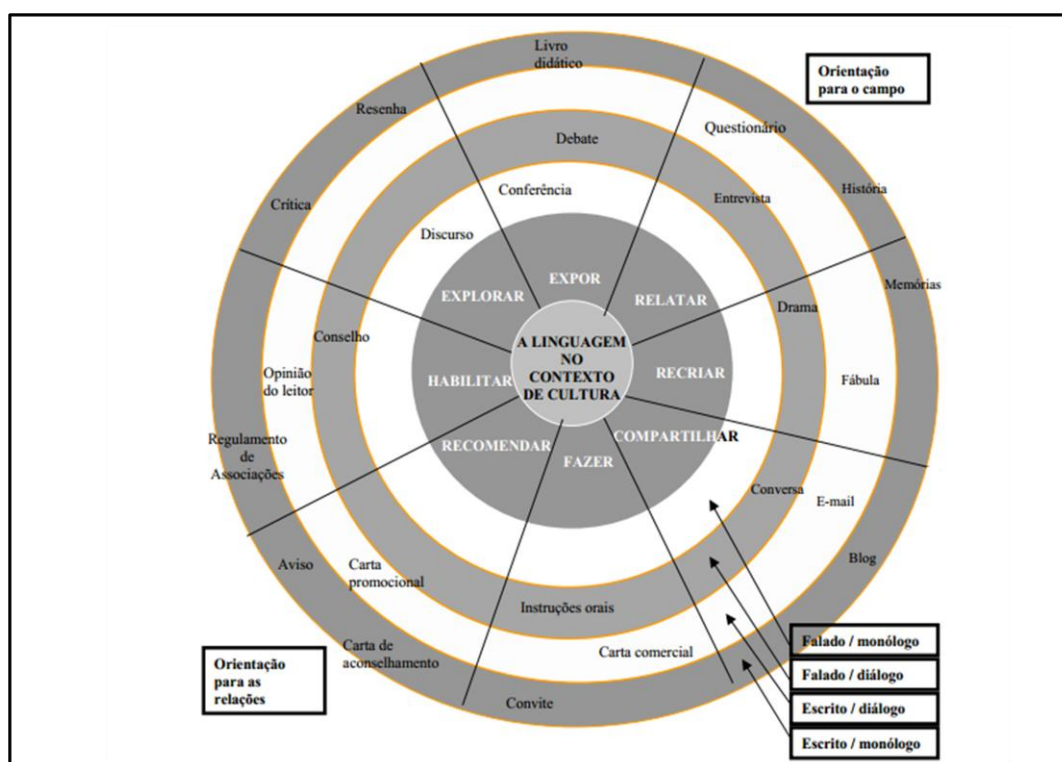
Embora as três metafunções se desenvolvam simultaneamente em um texto, para os propósitos do presente estudo a metafunção ideacional foi escolhida como recurso para análise. A metafunção ideacional é a parte do sistema linguístico que se ocupa da expressão de 'conteúdo', na qual a língua representa a experiência que o falante tem dos eventos à sua volta. Apesar de os eventos serem da ordem do mundo real, quando a relação entre eles é realizada na língua, deixam de ser eventos do mundo e passam a ser o fluxo de experiências do componente lógico da língua. Com isto, a metafunção ideacional, além de construir representações da experiência humana – componente experiencial – também estrutura seu fluxo de forma lógica – componente lógico, se apresentando satisfatória para a descrição da representação do dizer que aqui se objetiva.

## 2.2- O papel do *corpus*

Halliday e Matthiessen (2004, p.33) apontam que toda a descrição da gramática é baseada no texto. O texto é a forma de dados utilizada para análise linguística. Neste sentido, os estudos ancorados na teoria sistêmico-funcional são feitos com base em uma coleção de textos conhecida como *corpus* linguístico. O *corpus* permite a análise de diversos textos (orais ou escritos) e, devido ao grande número desses textos, permite também que a pesquisa tenha representatividade probabilística, isto é, que seus resultados possam ser generalizados de forma a explicarem uma língua ou mesmo a língua humana de uma maneira geral.

O *corpus* que norteia a presente pesquisa se constitui de um *corpus* monolíngue compilado do CALIBRA (Catálogo da Língua Brasileira). O *corpus* CALIBRA é o resultado de uma iniciativa conjunta do Grupo de Pesquisa MULTILÍNGU@ da Universidade Federal de Ouro Preto – ao qual se afilia a presente pesquisa– e do Laboratório Experimental de Tradução da Universidade Federal de Minas Gerais (LETRA).

Este *corpus* conta com cerca de um milhão de *tokens*, se constitui de diversos tipos de texto, apresentando como base a relação entre a língua e o contexto (HALLIDAY, 1978), modo pelo qual os textos circulam na sociedade, permitindo apontar as variáveis para a categorização desses diferentes tipos de textos. Eles se distribuem em oito *subcopora* relativos a cada um dos processos sócio-semióticos envolvidos no contexto de cultura (Matthiessen *et al.*, 2008, p. 198). As diferenças no contexto determinam os significados da língua que são escolhidos em lugar de outros para se criar um discurso. Através do processo sócio-semiótico, a língua é separada em suas diversas manifestações nos contextos de cultura. A Figura 16 representa a roda dos processos sócio-semióticos, onde cada processo possui um exemplo das suas manifestações escritas e faladas.

**Figura 16-** Constituição do *corpus* da pesquisa

Fonte: Adaptada de Matthiessen *et al* (2008, p. 191)

O diagrama apresentado na figura 16 contempla os oito tipos de processos sócios semióticos nos quais a língua pode ser utilizada. Em sua totalidade, o *corpus* da dissertação composto pelo CALIBRA\_SUB1 possui 99.773 *tokens* compilado a partir de textos pertencentes aos registros apresentados segundo os processos sócio-semióticos, contemplando, sempre que possível, as modalidades escrito-monólogo, escrito-diálogo, oral-monólogo e oral-diálogo. No tocante ao registro, os tipos de texto são agrupados segundo o uso no contexto da situação, como se observa no quadro 9.

**Quadro 9-** Língua no contexto de cultura

Processo sócio-semiótico	Escrito		Falado	
	Diálogo	Monólogo	Monólogo	Diálogo
<b>Explicar</b>	Carta pessoal	Livro texto	Palestra	Debate
<b>Reportar</b>	Questionário	Reportagem	Depoimento	Entrevista
<b>Recriar</b>	Tira em quadrinhos	Romance	Causo	Peça teatral
<b>Compartilhar</b>	E-mail pessoal	Blog (diário)	Lembranças	Bate-papo
<b>Fazer</b>	Carta comercial	Lista de compras	Instruções	Cooperação

<b>Recomendar</b>	Auto- ajuda	Anúncios	Orações	Consulta médica
<b>Relata</b>	Perguntas mais frequentes	Panfletos	Orientações	Perguntas e respostas
<b>Explorar</b>	Carta ao editor	Artigo acadêmico	Discurso	Discussão

Fonte: Adaptado de Matthiessen et al (2008)

Dentro de cada *subcorpus* apresentado no quadro 9 está uma quantidade de textos variável, cuja a orientação buscou contemplar o máximo de textos possível. Cada texto constituinte do CALIBRA possui uma rotulação. Essa rotulação segue da seguinte legenda:

- 1) <Processo sócio-semiótico> <Tipo de texto> <Número do texto>
- 2) <Processo sócio-semiótico>
- 3) <Diálogo/monólogo> <Falado/escrito>
- 4) <Título>
- 5) <Fonte>
- 6) <Data de produção>
- 7) <Número de palavras>

Assim cada texto pode ser identificado no *corpus* segundo os critérios acima. Como exemplo cita-se parte do texto coletado para o *corpus*.

<p>&lt;CAP_ED_02 L5&gt;          &lt;CAPACITAR&gt;          &lt;ESCRITO DIÁLOGO&gt;          &lt;2008&gt;          &lt;<a href="http://receitasedelicias.activeboard.com/t18492286/pasta-americana/">http://receitasedelicias.activeboard.com/t18492286/pasta-americana/</a>&gt;          &lt;262&gt;</p> <p>Pasta americana</p> <p>Ola boa noite a todos!!!          Meu nome e Tatiane sou uma nova participante do site e tenho uma duvida, eu adoro decoracoes feitas com pasta americana e sempre tive curiosidade em aprender, mas mudei para E.U.A estou procurando cursos aqui mas nao sei como eles chamam pasta americana aqui, ja procurei em varios sites e achei uns 5 tipos ou mais de pastas diferente, alguem sabe como eles chamam pasta americana por aqui, sei que tudo que e usado para decorar bolos sao chamados de icing e mais alguma coisa mas a pasta maricana nao encontrei.          Se alguem puder me ajudar. Desde ja agradeço a todos.</p>
--

Este texto pertence ao CALIBRA\_SUB1. Sua rotulação o identifica como texto 2, pertence ao processo sócio-semiótico CAPACITAR, é o tipo de texto RECEITAS E DELÍCIAS, é um escrito/diálogo; tem como título PASTA AMERICANA , a fonte é <http://receitasedelicias.activeboard.com/t18492286/pasta-americana/> e possui <262> palavras.

O critério para escolha dos textos, além de cumprirem os requisitos dos processos sócio-semióticos e dos modos (monólogo, diálogo, oral, escrito), e serem textos produzidos em português do Brasil nos últimos cinquenta anos, atendem a abordagem empírica da linguística de *corpus*, pois os textos reunidos em *corpora* permitem fazer inferências de como a língua é usada (TAGNIN, 2015), cumprindo o objeto da presente pesquisa, realizar uma descrição sistêmico-funcional da representação do dizer do português brasileiro.

### **2.2.1- Anotação e extração de dados**

Para a segmentação dos textos em orações, as anotações e extração de dados foram feitas de acordo com Transitividade- Processos Verbais. A pesquisa se dividiu metodologicamente em duas etapas, levantamento de dados e análise qualitativa. Para o levantamento, coletou-se e anotou-se um *corpus*, do qual foram extraídos os dados. A análise qualitativa interpretou-os, dando base para propor a descrição dos sistemas. Cada uma destas etapas é explicada a seguir.

### **2.2.2- Levantamento dos dados**

Para o levantamento dos dados foi utilizado o *software Sample Size Calculator*<sup>14</sup> que calcula probabilisticamente o número percentual de amostras a serem coletados para que se obtenham os resultados que refletem a população alvo com uma representatividade válida em amostras muito grandes.

Logo, para o *corpus* aqui coletado, foi aplicado o nível do percentual de confiabilidade e o intervalo de confiabilidade para determinada amostra, conforme se observa na figura 17.

---

<sup>14</sup> Software online. Disponível em < <http://www.surveysystem.com/sscalc.htm> > Acesso em 14 abr. 2016.

**Figura 17-** Tela capturada evidenciando o nível do percentual de confiabilidade

Home About Products Services Downloads Research Aids Contact Us Free Quote Blog

THE SURVEY SYSTEM  
Customize Your Surveys with Our Packages  
Request Your Free Quote

Research Aids

**Determine Sample Size**

Confidence Level:  95%  99%

Confidence Interval:

Population:

Sample size needed:

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com a probabilidade matemática o tamanho da amostra é irrelevante. O que significa que uma amostra de 305 são representativos para uma amostra de 1484 *tokens*, pois o sistema de pesquisa ignora o tamanho da amostra quando é “extenso” ou desconhecido. A figura 18 detalha o resultado do intervalo de confiabilidade.

**Figura 18-** Tela capturada evidenciando o intervalo de confiabilidade

Home About Products Services Downloads Research Aids Contact Us Free Quote Blog

THE SURVEY SYSTEM  
Customize Your Surveys with Our Packages  
Request Your Free Quote

Research Aids

**Find Confidence Interval**

Confidence Level:  95%  99%

Sample Size:

Population:

Percentage:

Confidence Interval:

Fonte: Elaborada pela autora.

Vale ressaltar que o cálculo de intervalo de confiabilidade (margem de erro) supõe que a amostra seja aleatória, genuína e relevante, isto é, amostras não aleatória

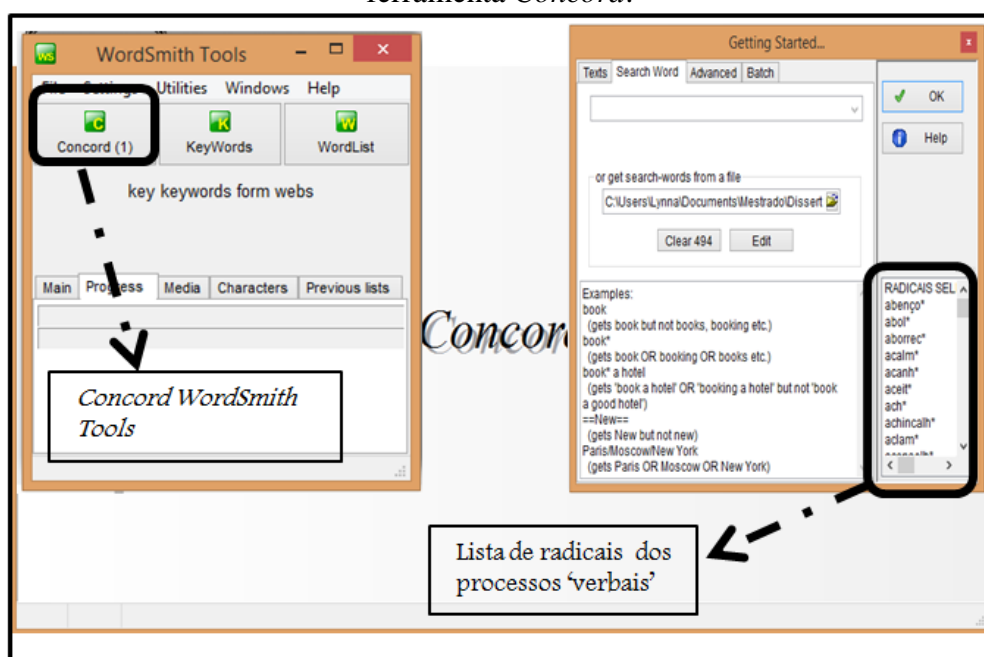
normalmente resultam em falhas no processo de análise por não poder contar com os intervalos. Por exemplo, se ao analisar contrastivamente as línguas inglês, francês, alemão, japonês, tagalo, mandarim, vietnamita, telugu e pitjantjantjara que foram descritas sistêmico funcionalmente e hipoteticamente constatar que a língua japonesa não apresenta o tipo de fala para alvo, essa língua não pode ser assumida para representar a categoria fala com o subtipo alvo para as demais línguas por não apresentar essa categoria.

### 2.2.3- Busca de padrões

De acordo com Halliday (2002) a busca de padrões é um passo fundamental para a descrição linguística de base Sistêmico-Funcional, uma vez que são os padrões de ocorrências de uma função gramatical que permitem compreender qual o sistema que “está por trás” das ocorrências.

Para a busca de padrões, foi utilizado o software *WordSmith Tools*<sup>15</sup>, em particular a ferramenta *Concord*. Para a utilização do *Concord*, o *corpus* em formato .txt foi carregado para dentro do programa. A ferramenta *Concord* foi selecionada e, em sua janela de buscas, todos os possíveis radicais que pudessem indicar o processo verbal foram examinados.

**Figura 19-** Tela evidenciando a busca dos radicais do processo verbal na ferramenta *Concord*.



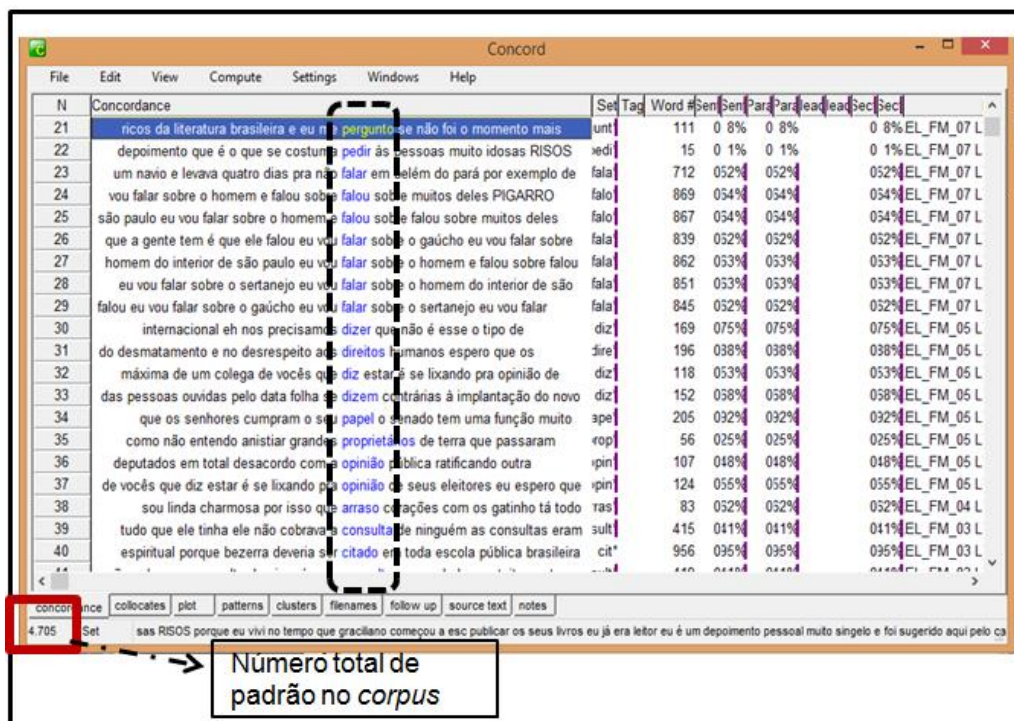
Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>15</sup> Programa computacional para busca de padrões.



Os elementos da busca foram averiguados pelo programa no *corpus*, e em seguida, foi produzida uma lista de concordâncias. A Figura 20 apresenta a janela com a lista que foi fruto da busca dos radicais de verbos que potencialmente realizaram processos verbais no *corpus* da pesquisa, para a geração de padrões.

**Figura 20-** Tela evidenciando a lista de concordância produzida no *corpus* pela ferramenta *Concord*.



Fonte: Elaborada pela autora.

Diante do resultado da busca dos padrões produzido pela ferramenta *Concord*, foi possível observar que o *corpus* apresentou um total de 4.705 padrões concordantes, conforme observado no canto inferior esquerdo na figura 21. Porém, ao analisar os padrões obtidos, foi possível perceber que havia entre eles, padrões que não caracterizavam como verbos potencialmente realizadores de processos verbais. Diante desta preliminar constatação, a lista foi reconsultada, a fim de eliminar qualquer possibilidade de reconhecimento errôneo do radical potencial realizador do processo verbal, como se observa na figura 21.

**Figura 21-** Tela evidenciando o padrão não concordante aos verbos potencialmente realizadores de processos verbais.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Para	Para	lead	lead	Sec	Sec
288	FALANTE1 é de calça eu achei que era FALANTE2 depois você desenvolve	fala		640	057%	057%					057%	REL_FD_01 L
289	segurando o joelho é um horror RISOS FALANTE1 de calça eu achei que era	fala		632	056%	056%					056%	REL_FD_01 L
290	as outras todas tão numa boa fungando FALANTE2 não com a outra você tem	fala		592	052%	052%					052%	REL_FD_01 L
291	FALANTE2 melhor é o banheiro do tibet FALANTE1 como é que é FALANTE2 o	fala		662	070%	070%					070%	REL_FD_01 L
292	tempo FALANTE1 que coisa de louco FALANTE2 melhor é o banheiro do tibet	fala		655	059%	059%					059%	REL_FD_01 L
293	uma técnica depois de um tempo FALANTE1 que coisa de louco	fala		650	058%	058%					058%	REL_FD_01 L
294	porque é difícil FALANTE1 ah FALANTE2 porque também o seguinte	fala		552	058%	058%					058%	REL_FD_01 L
295	arriar a calça FALANTE2 porque é difícil FALANTE1 ah FALANTE2 porque	fala		550	058%	058%					058%	REL_FD_01 L
296	de calça comprida pra arriar a calça FALANTE2 porque é difícil FALANTE1	fala		546	057%	057%					057%	REL_FD_01 L
297	isso só você né FALANTE2 eu né FALANTE1 as outras todas tão numa	fala		584	051%	051%					051%	REL_FD_01 L
298	respiração FALANTE1 isso só você né FALANTE2 eu né FALANTE1 as outras	fala		581	051%	051%					051%	REL_FD_01 L
299	umedecido para manter a respiração FALANTE1 isso só você né FALANTE2	fala		576	051%	051%					051%	REL_FD_01 L
300	da privada tipo tronco FALANTE1 ah FALANTE2 que a gente usa no brasil	fala		810	035%	035%					035%	REL_FD_01 L
301	que ter a opção da privada tipo tronco FALANTE1 ah FALANTE2 que a gente	fala		808	035%	035%					035%	REL_FD_01 L
302	outras privadas públicas ou não FALANTE2 não fazendo muitas e há	fala		779	032%	032%					032%	REL_FD_01 L
303	sei FALANTE2 que é a privada FALANTE1 isso sanitário FALANTE2	fala		825	037%	037%					037%	REL_FD_01 L
304	usa no brasil RISOS FALANTE1 sim FALANTE2 que é a privada FALANTE1	fala		820	036%	036%					036%	REL_FD_01 L
305	que a gente usa no brasil RISOS FALANTE1 sei FALANTE2 que é a	fala		818	036%	036%					036%	REL_FD_01 L
306	panorâmico FALANTE1 que bonito isso FALANTE2 então você faz xixi com	fala		705	074%	074%					074%	REL_FD_01 L
307	montanha olhando pro vale panorâmico FALANTE1 que bonito isso FALANTE2	fala		701	074%	074%					074%	REL_FD_01 L

Fonte: Elaborada pela autora.

Deletado todo o padrão errôneo foi realizado a anotação dos padrões encontrados pelo WordSmith Tool.

## 2.2.4- Anotação

A anotação do *corpus* padrão foi realizada de forma manual em duas etapas. Na primeira etapa, os textos com os processos verbais foram segmentado em oração e etiquetado de acordo com o seu processo sócio-semiótico. Ao todo, do *corpus* de 99.773 *tokens* iniciais do CALIBRA\_SUB1, o texto passou a ter 1484 orações verbais.

Na segunda etapa, para a classificação das orações verbais, com a finalidade de determinar quais as orações seriam selecionadas para compor o corpus de análise, aplicou-se a fórmula “RANDBETWEEN” do programa Microsoft Excel®, cuja fórmula permitiu a escolha de 305 números aleatórios dentro do intervalo entre o número 1 e o número 1484. A relevância de se realizar essa busca significou classificar orações distribuídas ao longo do *corpus* e não as 305 das primeiras linhas dadas pelo excel. conforme se observa na figura 22.

**Figura 22-** Constituição aleatória do *corpus*

1	Aleatório	Nº aleatório	Ordem alf	Corpus Orações Verbais
2	Fale sobre	437	1	Os escritores não se reuniam pra dizer vamos tratar do pobre vamos tratar do desvalido.
3	Você não	156	2	Desde ja agradeço a todos.
4	Não me pi	902	3	Não escrevo para aprovar ou criticar quem ocupará esse cargo no novo governo.
5	Você não	228	4	Esta carta foi escrita para o senhor, seja o senhor quem for, com o intuito de dizer-lhe que - venha de que partido vier, tenha sido de alg
6	Eu falei vé	1370	5	Deixe-me dizer-lhe uma coisa: eles estão no maior parafuso do planeta, e, o que é pior, estão sofrendo pra caramba.
7	Diz que te	1073	6	Agradeço a preocupação do articulista ou do editorialista pelo SOS.
8	Tenho am	811	7	Para o desenvolvimento do estágio, informamos que: a carga horária estabelecida no Termo de Compromisso anexo deverá ser cumpric
9	Eu conver	456	8	A empresa deverá informar o(a) estagiário(a)(receptor*) as datas de pagamento da bolsa-estágio.
10	Dizia ele:	388	9	A empresa deverá comunicar imediatamente à Coordenação do Programa.
11	Vani vá pé	546	10	Informamos, ainda, que o(a) estagiário(a) não poderá fazer hora extra.
12	Os pais eh	1210	11	Agradecemos, desde já, pela oportunidade concedida à mais um(a) estudante do Sistema Estadual de Ensino.
13	É verdade	523	12	A Diretoria informará este fato no sistema de acompanhamento.
14	Hamilton	682	13	Se a Dir julgar procedente a justificativa, até o dia 5 (cinco) de dezembro informará que a situação daquele município é regular.
15	A sua mul	1327	14	O município não apresentou justificativa.
16	Estou con	264	15	A Diretoria informará que a situação daquele município é irregular.
17	Eu discorc	797	16	Autoriza o Poder Executivo a criar a Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento do Pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA
18	O pessoal	867	17	A gente vai conversando.
19	Leve o poi	578	18	Você citou o azeite de oliva.
20	Esses outr	56	19	Agora é hora de falar de nutrição.
21	Eu falei pc	173	20	A gente pode dizer mamãe de vinte dias seja bem-vinda.
22	Eu falei pc	173	21	A gente vai falar dos outros alimentos.
23	A única co	873	22	Com a pera às vezes a gente fala por que a pera?
24	Eu digo pc	1445	23	Eu falo pras pessoas come uma fruta pra tirar a vontade do doce.
25	Eu tô aqui	1230	24	Tem gente que fala não mas fruta é sem graça eu quero um doce.

Fonte: Elaborada pela autora.

As seleções aleatórias das 305 orações foram arquivadas em word possibilitando a classificação para cada processo selecionado e seu papel na oração. Para esta identificação de funções utilizou-se como base a perspectiva trinocular por propor diferentes pontos de vista analítico-descritivo e permitir a análise dos fenômenos, investigando-os “de cima”, “de baixo” e “ao redor” (HALLIDAY, 2002, p. 408). Os resultados obtidos a partir da identificação das funções extraídas das orações verbais serviram de base para dados qualitativos e, ao final dos resultados, propor uma descrição sistemática da representação do dizer do português brasileiro, componente da estrutura experiencial da língua.

Vale ressaltar que as análises que serão percorridas a seguir não apresentam dados quantitativos, pois a noção de probabilidade de ocorrência tal como está entendida nesta dissertação (FIGs. 18 e 19) não está relacionada diretamente ao volume absoluto de ocorrências para uma determinada instância, mas sim com a probabilidade de o sistema linguístico do português ter os recursos necessários para produzi-la. Diante disso, o capítulo que se segue apresenta a análise dos dados extraídos a partir desta metodologia, de forma a compor a proposta de descrição da representação do dizer para o sistema linguístico do português.

## CAPÍTULO 3

### MAPEAMENTO DO POTENCIAL SISTÊMICO DA REPRESENTAÇÃO DO DIZER DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

#### 3.1- Endereço semiótico

A opção “de cima” significa localizar as orações verbais no *corpus* junto com sua distribuição, indicando qual função (por exemplo: dizer, falar, indicar, relatar, comandar, opera como elemento dominante, etc.) exercem no grupo. Para tanto, as orações verbais foram extraídas do *corpus* CALIBRA\_SUB1, distribuído em oito *subcorpora* relativos a cada um dos processos sócio-semióticos envolvidos no contexto de cultura (MATTHIESSEN *et al.*, 2008). Assim dos 161 textos do CALIBRA\_SUB1, as 310 orações verbais foram encontradas nos seguintes *subcorpora*:

**Recriar:** dos 24 textos pertencentes a este subcorpus, 11 deles apresentaram orações verbais e estão distribuídos nas modalidades escrito/falado.

Das 310 orações verbais analisadas e classificadas, 75 constituem o processo Recriar. Matthiessen *et al.* (2008) ressaltam que o processo Recriar busca criar linguisticamente um evento acontecido no mundo que, anteriormente, foi codificado por outro processo sócio-semiótico, de forma ficcional. Como exemplo são citados, romances, histórias em quadrinho e causos.

Vale ressaltar que as oito tabelas que se seguem ilustram a constituição dos processos sócio-semióticos presente no *corpus* da pesquisa. Dentro de cada modalidade são apresentados os números aleatórios das orações verbais analisadas. A soma da constituição de cada modalidade determina o número total de orações verbais para cada um dos oito processos sócio-semiótico apresentado. A tabela 1 detalha a constituição do processo Recriar.

**Tabela 1-** Orações verbais Recriar

RECRIAR	
Escrito	Falado
Monólogo (162, 163, 179, 191, 267, 289, 290, 291)= 8	Monólogo (11,55,70,74,80,118,123,208,235,251)=10
Diálogo(19,23,29,40,52,65,73,78,96,110,124,125,126, 129,133,150,155,158,163,165,172,193,198,199,201,203, 219,220,231,232,245,268,271,278,284,285,286,288,	Diálogo (27,30,36,87,100,116,119,127,140,142,166,175,209, 240,272,274)=16

292, 293, 294)=41	
<b>Total Recriar: 75</b>	

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_RECRIAR.

Conforme se observa na tabela 1, o processo Recriar apresentou total de 75 orações verbais. Destas, 8 estão na modalidade escrito-monólogo; 10 constituem a modalidade falado-monólogo; 16 orações na modalidade falado-diálogo; destacando a modalidade escrito-diálogo com 41 orações verbais analisadas das 75 que constituem este processo. Seguem abaixo um exemplo para as modalidades escrito-monólogo e escrito-diálogo; falado-monólogo e falado-diálogo.

**Quadro 10- Exemplo 26: Processo Sócio Semiótico\_ Recriar**

ESCRITO	MONÓLOGO <REC_ED_07 327>	(19) 'Faça deuses que sirvam de guias para nós,' <b>disseram</b> . [Eles/Elas] Dizente: Sim-semiótico prototipicamente humano (implícito Eles/Elas) Disseram: Significado verbal de fala: (Argumentar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de locução-citação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <REC_EM_15L352>	(162) Seu pai vendo a angústia da filha <b>pediu</b> ao Deus Tupã que lhe satisfizesse o desejo. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (Pai) Pedi: Significado verbal de fala: (Rogar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato- indicação Potencial para receptor: Sim. Tupã
FALADO	MONÓLOGO <REC_FM_01 L515>	11- Ele <b>defende</b> o funcionário gato quando alguém fala mal da empresa dele. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (Ele) Defende: Significado de fala (Dizer) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Não Verbiagem (quando alguém fala mal da empresa dele) Potencial para receptor: Sim- Ente humano (O funcionário)
	DIÁLOGO <REC_FD_04 L669>	240- A mãe <b>falava</b> assim comigo. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (A mãe) Falava: Significado verbal de fala: (Dizer) Tipo de processo: Atividade Potencial para projetar: Não. (fala) Potencial para receptor: Sim. (Comigo)

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_RECRIAR.

**Compartilhar:** de seus 19 textos, 7 apresentaram orações verbais distribuído nas modalidades escrito/falado.

A função principal do processo Compartilhar é o estreitamento dos laços sociais. Neste processo sócio-semiótico, tem-se a apresentação e negociação de valores, a

proximidade e a distância entre os membros de uma comunidade. Como exemplos podem ser citados o bate-papo, a fofoca e o blog (diário). O processo Compartilhar apresentou 49 orações verbais, conforme se observa na tabela 2 que se segue.

**Tabela 2- Processo Compartilhar**

COMPARTILHAR	
Escrito	Falado
Monólogo(42,92,132,148,149,152,153,156,188,222,236,265,288)= 13	Monólogo (34,36,38,57,59,62,71,03,99,117,146,161,211,256,300)=15
Diálogo (0)	Diálogo(20,21,22,66,77,84,94,97,103,182,185,202,204,210,218,227,242,244,262,269,301)=21
<b>Total Compartilhar: 49</b>	

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_ COMPARTILHAR.

49 das 310 orações verbais analisadas constitui o processo Compartilhar. 21 delas constitui a modalidade diálogo-falado e no CALIBRA\_SUB1 escrito, a modalidade diálogo não apresentou nenhuma oração verbal. Abaixo segue alguns exemplos das modalidades do processo Compartilhar.

**Quadro 11- Exemplo 27: Processo Sócio Semiótico\_ Compartilhar**

ESCRITO	MONÓLOGO <COM_EM_06 L113>	42- O sabidão <b>falou</b> : calma, eu vou ler agora o livrinho que eles deram na entrada. Dizente: Sim-semiótico prototipicamente humano (O sabidão) Falou: Significado de fala (Dizer) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de locução-citação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO	Ø
FALADO	MONÓLOGO <COM_FM_22 L773>	(34) [Eu] <b>Falei</b> mentira Dizente: Sim-semiótico prototipicamente humano (implícito Eu) Falei: Significado verbal de fala: (Dizer) Tipo de processo: (Atividade) Potencial para projetar: Não. (fala) Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <COM_FD_03 L607>	(20) A única coisa que as pessoas têm de bom pra <b>falar</b> do amor em contra partida é porque é bonitinho. Dizente: Sim-semiótico prototipicamente humano (As pessoas) Falar: Significado verbal de fala: (Argumentar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Não. Verbiagem Verbiagem: é porque ele é bonitinho. Potencial para receptor: Sim (-receptor)

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_ COMPARTILHAR.

**Relatar:** Entre os 21 textos pertencentes a este *subcorpus*, apenas em 7 deles estão distribuídos as modalidades escrito/falado.

Quanto ao processo Relatar, este apresentou 38 das 310 orações verbais analisadas.

**Tabela 3-** Processo Relatar

RELATAR	
Escrito	Falado
Monólogo(77,154,229,264,266,273)=6	Monólogo (1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,13,14,135,181,194,200,207, 217,226,230,277, 731, 737)=22
Diálogo (79,85,115,134,141,144,248,257)=8	Diálogo(151,195,239)=3
<b>Total Relatar: 38</b>	

Fonte: corpus CALIBRA-SUB1\_RELATAR.

Matthiessen *et al.* (2008) ressaltam que o processo Relatar implica no uso da língua como forma de construir linguisticamente um evento que aconteceu no mundo. Este fato pode justificar a ocorrência de 22 orações verbais presente na modalidade falado-monólogo, conforme observado na tabela 3 e exemplificados nas modalidades a seguir.

**Quadro 12-** Exemplo 28: Processo Sócio Semiótico\_ Relatar

ESCRITO	MONÓLOGO <REL_EM_03 L401>	(77) Eles <b>falavam</b> tudo o que sabiam sobre o animal. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (Eles) Falavam: Significado verbal de fala: (Comunicar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Não. Verbiagem Verbiagem: (tudo o que sabiam sobre o animal) Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <REL_ED_03 L378>	(79) O Brasil foi um dos quatro países emergentes que também teve acesso à linha de swap do Feed, como o sr. <b>Mencionou</b> . Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (o senhor) Mencionou: Significado verbal de fala: (Relatar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato- indicação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
FALADO	MONÓLOGO <REL_FM_07 L737>	(1) Escritores não se reuniam pra <b>dizer</b> vamos tratar do pobre vamos tratar do desvalido. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (os escritores) Dizer: Significado verbal de fala: (Dizer)

		Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim- Projeção de locução-citação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <REL_FD_03 L726>	(151) Eu costumo <b>dizer</b> que não sou artista. Dizente; Sim- semiótico prototipicamente humano (Eu) Dizer: Significado verbal de fala: (Relatar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato-indicação Potencial para receptor: Sim (-receptor)

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_RELATAR.

**Explorar:** Neste subtipo, 12 são os textos que o compõem, destes, apenas 5 apresentaram orações verbais distribuídos nas modalidades escrito/diálogo.

Aos tipos de texto relativos ao processo Explorar cabe a criação de novos significados que deverão ser postos à negociação com outros membros da comunidade. Por exemplo, os artigos acadêmicos, os editoriais e os estudos críticos. Neste processo, 33 das 310 orações analisadas constituem o processo explorar, a tabela 4 detalha a distribuição das orações verbais entre suas modalidades.

**Tabela 4-** Orações verbais Explorar

EXPLORAR	
Escrito	Falado
Monólogo(177,183,184,221,233,238,247)=7	Monólogo (16,114,120,121,139,147,157,167,168,169,170,186,252,276)=14
Diálogo (43,102,143,189,254,263,297)= 7	Diálogo(171,176,190,237,241)=5
<b>Total Explorar: 33</b>	

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_EXPLORAR.

Das 33 orações verbais do tipo Explorar, o destaque é dado a modalidade falado-monólogo que apresentou 14 das 33 orações verbais para esse processo sócio-semiótico. As outras 19 orações verbais se distribuíram entre as modalidades escrito: monólogo e diálogo e falado diálogo. Os exemplos das modalidades do processo Explorar se apresentam a seguir.

**Quadro 13-** Exemplo 29: Processo Sócio Semiótico\_ Explorar

ESCRITO	MONÓLOGO <EXP_EM_01 L177>	(177) <b>Diz</b> mestre Bechara: “Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social”. (1030) (1) Dizente: Sim-semiótico prototipicamente humano (Bechara) Diz: Significado verbal de fala: (Ponderar) Tipo de processo: Semiose
---------	------------------------------	---



		Potencial para projetar: Sim. Projeção de locução- citação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <EXP_ED_01 L160>	(43) [Eu] <b>Digo</b> que tenho observado isso na prática, diariamente. Dizer: Sim- semiótico prototipicamente humano (implícito Eu) Digo: Significado verbal de fala: (Relatar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato-indicação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
FALADO	MONÓLOGO <EXP_FM_01 L482>	(16) [Eu] Levantei da mesa e <b>falei</b> eu num vim aqui pra dar entrevista eu vim pra almoçar. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (implícito Eu) Falei: Significado verbal de fala: (Argumentar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de locução-citação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <EXP_FD_01 L499>	(171) Me <b>diz</b> uma coisa isso é uma coisa que eu estava estudando. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (Me) Diz: Significado verbal de fala: (Questionar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Não. Verbiagem Verbiagem: uma coisa Potencial para receptor: Sim (-receptor)

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_EXPLORAR.

**Explicar:** 18 são os textos deste subcorpus, sendo que em apenas 6 deles há orações verbais distribuídas nas modalidades escrito/diálogo.

O processo Explicar envolve o uso da língua como forma de transmissão de conhecimento, que pode se dar tanto entre pares, quanto do especialista para o leigo. Como exemplo de texto pertencente a este processo tem-se livros didáticos, aulas e palestras. A tabela 5 detalha as modalidades de textos constituintes deste processo. Das 310 orações verbais, 28 constituem o tipo Explicar.

**Tabela 5-** Orações verbais Explicar

EXPLICAR	
Escrito	Falado
Monólogo(17,18,25,31,33,98,159,160,206,215,295,296)=12	Monólogo (53,63,109,111,113,249,298)=7
Diálogo (0)	Diálogo(35,46,61,68,105,102,137,213,246,26)=10
<b>Total Explicar: 29</b>	

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_EXPLICAR.

Das 28 orações verbais constituintes do processo Explicar, 12 são da modalidade escrito-monólogo. Outro destaque é dado a modalidade escrito-diálogo que não apresentou nenhuma oração verbal. Os exemplos abaixo ilustram essas modalidades.

**Quadro 14-** Exemplo 30: Processo Sócio Semiótico\_ Explicar

ESCRITO	MONÓLOGO <XPL_EM_02 L137>	(17) [Eu] <b>Perguntei</b> a ela onde ela queria onde ela gostaria de ir no nosso aniversário de casamento. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (implícito Eu) Perguntei: Significado verbal de fala: (Questionar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Não. Verbiagem Verbiagem: (onde ela queria onde ela gostaria de ir no nosso aniversário de casamento) Potencial para receptor: Sim. (Ela)
	DIÁLOGO	Ø
FALADO	MONÓLOGO <XPL_FM_02 L503>	(53) Um psiquiatra inglês que há quarenta anos <b>disse</b> isso. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (Um psiquiatra inglês) Disse: Significado verbal de fala: (Ponderar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Não. Verbiagem Verbiagem: (isso) Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <XPL_FD_01 L523>	(35) Eu não quero mais <b>falar</b> pra mim você tá duas vezes demitido. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (Eu) Falar: Significado verbal de fala: (Argumentar) Tipo de processo: Atividade Potencial para projetar: Não (fala) Potencial para receptor: Sim (-receptor)

Fonte: corpus CALIBRA-SUB1\_ EXPLICAR.

**Capacitar:** Em seus 13 textos, apenas 6 apresentaram orações verbais nas modalidades escrito/falado.

O processo Capacitar procura, por meio da língua, facilitar o comportamento dos falantes em determinada situação. Por exemplo, os folhetos turísticos, as leis (direitos) e o aconselhamento. Das 310 orações analisadas, 27 são constituintes do tipo Capacitar. A tabela 6 que se segue mostra o número de ocorrências das orações verbais dentre as modalidades escrito-monólogo e escrito- diálogo; falado-monólogo e falado-diálogo.

**Tabela 6-** Orações verbais Capacitar

CAPACITAR	
Escrito	Falado
Monólogo(305)=1	Monólogo (75,76,90,95,128,136,173,187,228,307,308)=11
Diálogo (44,82,164)=3	Diálogo (28,39,47,48,49,50,58,104,259,303,304,306)=12
<b>Total Capacitar: 27</b>	

Fonte: corpus CALIBRA-SUB1\_ CAPACITAR.

Do total de 27 orações verbais analisadas, 11 são da modalidade falado-monólogo. Os outros 16 textos se distribuem nas demais modalidades, como observado na tabela 6 e exemplificados a seguir.

**Quadro 15-** Exemplo 31: Processo Sócio Semiótico\_ Capacitar

ESCRITO	MONÓLOGO <CAP_EM_18 L42>	(305) Lei complementar Nº 113 <b>autoriza</b> o Poder Executivo a criar a Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento do Pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA. Dizente: Sim- simbólico (Lei complementar) Perguntar: Significado verbal de fala: (Ordenar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato- comando Potencial para receptor: Sim (Poder executivo)
	DIÁLOGO <CAP_ED_03 L6>	(44) Esta carta foi escrita para o senhor, seja o senhor quem for, com o intuito de <b>dizer</b> -lhe que - venha de que partido vier, tenha sido de alguma universidade reitor ou diretor - um atributo, sim, não poderá lhe faltar. Dizente: Sim- simbólico (Esta carta) Dizer: Significado verbal de fala: (Relatar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato- indicação Potencial para receptor: Sim. Lhe
FALADO	MONÓLOGO <CAP_FM_01 L479>	75- [Nós] Não vamos <b>falar</b> da situação precária porque isso todo mundo já sabe. Dizente: Sim-semiótico prototipicamente humano (implícito-Nós) Falar: Significado verbal de fala: (Relatar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato- indicação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <CAP_FD_01 L596>	28- A gente vai <b>conversando</b> . Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (A gente) Conversando: Significado verbal de fala: (comunicar) Tipo de processo: Atividade Potencial para projetar: Não. (Fala) Potencial para receptor: Sim (-receptor)

**Fonte:** *corpus* CALIBRA-SUB1\_ CAPACITAR.

**Fazer:** Dos 30 textos deste subcorpus, 11 apresentaram orações verbais que estão distribuídas nas modalidades escrito/falado.

No processo Fazer, o papel da língua é o de facilitar a execução de uma atividade não linguística. Por exemplo, cooperações, procedimentos e instruções. Das 310 orações analisadas, apenas 16 são constituintes do tipo Fazer, conforme se observa na tabela 7.

**Tabela 7-** Orações verbais Fazer

FAZER	
Escrito	Falado
Monólogo(67,88,122,192)=4	Monólogo (91,108,112,180,216)=5
Diálogo (45,101,145,178,214,2580)=6	Diálogo(174)=1
<b>Total Fazer: 16</b>	

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_ FAZER.

Como o processo fazer é mais de ação, ele apresenta poucas orações verbais dos textos constituintes de seu processo, das 16 orações, apenas 1 é constituinte da modalidade falado-diálogo. As outras 15 se distribuem nas modalidades escrito-monólogo, escrito diálogo e falado-monólogo. Os exemplos abaixo mostram essas modalidades.

**Quadro 16-** Exemplo 32: Processo Sócio Semiótico\_ Fazer

ESCRITO	MONÓLOGO <FAZ_EM_52 L281>	(67) <b>Converse</b> com ele e prepare-se para o teste final. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano Converse: Significado verbal de fala: (Comunicar) Tipo de processo: Atividade Potencial para projetar: Não. (fala) Potencial para receptor: Sim (-receptor)
	DIÁLOGO <FAZ_ED_28 L222>	45- [Nós] <b>Informamos</b> que o desenvolvimento dos casos de uso e interfaces do CADU no projeto concessão automática/instantânea está concluído. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (implícito Nós) Informamos: Significado verbal de fala: (Relatar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato-indicação Potencial para receptor: Sim (-receptor)
FALADO	MONÓLOGO <FAZ_FM_02 L622>	(91) [Eu] Espero que vocês <b>respondessem</b> alto mas prestassem atenção nas perguntas que serão feitas. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (implícito Eu) Respondessem: Significado verbal de fala: (Questionar) Tipo de processo: Atividade Potencial para projetar: Não. (fala) Potencial para receptor: Sim
	DIÁLOGO <FAZ_FD_05 L621>	(174) Ela <b>pede</b> pra a gente colocar as dnps direitinho. Dizente: Sim- semiótico prototipicamente humano (Ela) Pede: Significado verbal de fala: (Dizer) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Não. Verbiagem Verbiagem: (pra gente colocar as dnps direitinho) Potencial para receptor: Sim (-receptor)

Fonte: *corpus* CALIBRA-SUB1\_ FAZER.

**Recomendar:** Por fim, entre os 16 textos do subcorpus Recomendar, apenas 4 constituem orações verbais e estão distribuídas nas modalidades escrito/falado. Os tipos

de texto associados ao processo Recomendar possuem a função de controlar o comportamento dos falantes por meio da língua. Neste tipo de texto encontram-se, por exemplo, comerciais, leis (deveres) e regulamentações. Das orações verbais que constituem este processo, a modalidade escrito-diálogo não apresentou nenhum texto, o que se observa na tabela 8.

**Tabela 8-** Orações verbais Recomendar

<b>RECOMENDAR</b>	
Escrito	Falado
Monólogo(51)=1	Monólogo (12,32,54,81,83,212,224,279,280,281,282,283)=12
Diálogo (0)	Diálogo(24,250,255)=3
<b>Total Recomendar: 16</b>	

**Fonte:** *corpus* CALIBRA-SUB1\_RECOMENDAR.

No que se refere ao processo Recomendar, a modalidade escrita apresenta apenas 1 texto constituinte deste processo e nenhum texto para a modalidade escrito-diálogo. O destaque é dado à modalidade falada, onde das 16 orações, 12 são da modalidade falado-monólogo e 3 falado diálogo, os exemplos que se seguem ilustram as modalidades para o processo Recomendar.

**Quadro 17-** Exemplo 33: Processo Sócio Semiótico\_ Recomendar

ESCRITO	MONÓLOGO <RMD_EM_02>	(51) A Direção do IBGE no Rio de Janeiro <b>informa</b> aos jornalistas e à população em geral, que este não é, em nenhuma hipótese, o procedimento da Instituição. Dizente: Sim- simbólico (A direção do IBGE) Informa: Significado verbal de fala: (Comunicar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Não. Verbiagem Verbiagem: (que este não é, em nenhuma hipótese, o procedimento da instituição) Potencial para receptor: Sim. (aos jornalistas e à população)
	DIÁLOGO	∅
FALADO	MONÓLOGO <RMD_FM_05 L657>	(12) A bíblia nos <b>diz</b> em romanos capítulo três versículo vinte e três que todos são pecadores. Dizente: Sim-simbólico (A bíblia) Diz: Significado verbal de fala (Comunicar) Tipo de processo: Semiose Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato-indicação Potencial para receptor: Sim- Ente humano (Nos)
	DIÁLOGO <RMD_FD_02 L781>	(24) Eles gostam mais de conversar. Dizente: Sim-semiótico (Eles) Conversar: Significado verbal de fala: (comunicar) Tipo de processo: Atividade Potencial para projetar: Não. (fala)

		Potencial para receptor: Sim (-receptor)
--	--	--

**Fonte:** *corpus* CALIBRA-SUB1\_RECOMENDAR.

Os processos do dizer são aqueles que dizem, comunicam ou apontam algo, são processos relacionados à enunciação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Dos 160 textos constituintes do CALIBRA\_SUB1, 153 apresentaram textos com orações verbais. Apenas no Compartilhar escrito-falado, Explicar escrito-falado e Recomendar escrito-diálogo não apresentaram nenhum texto com a representação do dizer.

Vale ressaltar que pela natureza indissociável da semântica e da gramática, toda análise dos significados construídos por um determinado tipo de Processo requer a observação, não apenas das figuras, no estrato da semântica, mas também dos sistemas gramaticais que organizam esses significados. Assim, na dimensão **estrutural**, verificam-se quais as classes de palavra compõem o grupo; na dimensão **metafuncional**, identificam-se quais funções desempenha o grupo no sistema gramatical; e na **estratificação**, observam-se quais funções semânticas e léxico-gramaticais o grupo realiza. A relação entre as classes de grupos e palavras, sistemas léxico-gramaticais e elementos semânticos pode ser vista no quadro 18.

**Quadro 18-** Organização da dimensão sistêmica do grupo em português

ESTRUTURAL		METAFUNCIONAL		ESTRATIFICAÇÃO	
Classe		Função do grupo na oração		Funções semânticas e léxico-gramaticais realizadas pelo grupo	
		Transitividade			
Grupo	Palavra	Processo	Participantes	Semântico	Lexico-gramatical
Verbal	Verbo e suas flexões modalizadoras	Verbal	Processo Dizente Verbiagem Receptor	Processo	Processo

**Fonte:** Adaptado das leituras de (HALLIDAY E MATTHIESSEN, 1999; 2004).

Da esquerda para a direita tem-se: no nível estrutural a classe, formada pelo grupo e palavra, elementos na ordem do grupo. Na função do grupo na oração os papéis desempenhados pelos participantes classificam a metafunção ideacional, limitando-se na transitividade o processo verbal. Na estratificação é apresentada a disposição das funções semânticas e léxico-gramaticais realizadas pelos grupos.

“De baixo” procurando apresentar os agrupamentos de classes de palavras que operam como elemento no grupo. Porém, ao analisar contrastivamente uma língua, seja para descrevê-la ou comparar padrões em sua estrutura é necessário fazer manobras para ver como opera a função<sup>16</sup> a ser analisada, como se observa nos exemplos 34, 35, 36 e 37 abaixo:

Oração: Ordem da gramática composta por grupo.

Ex 37: [Eu costume dizer que não sou artista]

Grupo: ordem da gramática composta por palavra.

Ex 36: [Eu /costumo/ dizer/ que/ não/ sou/ artista]

Palavra: Ordem composta por morfema.

Ex 35: [Eu /costumo/dizer/que /não/sou /artista]

Morfema: menor porção da língua que tem padrão na gramática.

Ex<sup>17</sup> 34: /E/u/c/o/s/t/u/m/o/d/i/z/e/r/q/u/e/n /a/o/s/o/u/a/r/t/i/s/t/a/

Cada elemento da estrutura do grupo está examinado nos exemplos (34, 35, 36 e 37) com base na perspectiva trinocular proposta por Halliday (2002).

Por fim, à abordagem “ao redor”, apontando a posição que cada elemento ocupa na estrutura, chegando à oração que é a ordem superior na escala de ordens. Em uma perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, a realização do significado ocorre dentro da oração. Conseqüentemente, tal perspectiva oferece uma gramática da oração que, dentro da dimensão ideacional do significado, compreende a “oração como representação”, a língua sendo usada para descrever a experiência humana, uma corrente de eventos ou acontecimentos materializados através dos processos.

O objeto da análise nesta dissertação é referente a um processo secundário, cujas delimitações não são tão claras por possuir características “comuns” a seus vizinhos, como a capacidade de projetar do “mental”, o tempo verbal como “material” ou “relacional”. Mas que por serem processos relacionados à enunciação eles são um recurso importante em diversos tipos de discurso uma vez que contribuem para a criação de diálogos e narrativas, além de atribuir autoria de discursos e diversas fontes nos mais variados meios da experiência humana.

<sup>16</sup> Função: A forma como um elemento opera na ordem superior (oração).

<sup>17</sup> Exemplo retirado do *corpus* CALIBRA.

Como já mencionado no capítulo da metodologia, dos 99.773 *tokens* iniciais do *corpus*, 1484 orações classificadas em processos verbais foram separadas em textos e, aplicando o *software Sample Size Calculator*, da amostra válida de 305 orações foram analisadas e classificadas 310 orações verbais. As cinco orações a mais se deve pelo fato de uma oração ser classificada mais de uma vez, pois houve casos em que a locução analisada em uma oração apresentou, por exemplo, função de atividade, sendo assim, configurando em outra oração.

Porém, antes de analisar e classificar as orações verbais foi necessário criar um protocolo de classificação para responder ao seguinte questionamento: Por que o processo é verbal?

A resposta para esse questionamento é a lista de teste (p. 45), porém foi necessário redefini-la de forma mais delicada, logo:

**Protocolo:**

Por que o processo é verbal?

1- A oração tem potencial para Dizente?

Sim: Dizente semiótico

2- O verbo tem significado de fala?

Sim: (falar, dizer, comunicar, apontar, questionar, relatar, ordenar...)

3- O processo tem potencial para projetar?

3.1-Sim: Semiose (Locução-citação; relato- indicação, comando)

3.2- Não projeção: (Verbiagem; Atividade-fala; alvo)

4- A oração tem potencial para receptor?

Sim: +receptor; -receptor

Não: (Alvo)

O quadro 19 a seguir ilustra o protocolo em uma organização espacial.

**Quadro 19-** Protocolo do Processo Verbal

<b>Por que o processo é verbal?</b>
-------------------------------------



<b>Dizente</b>	<b>Sim</b>	<b>Semiótico</b>				
<b>1- Verbo</b>	<b>Processo</b>	<b>Tem significado de fala</b>				
<b>2- Tipo de processo</b>	<b>3.1- Semiose</b>	<b>Projeção</b>	<b>Sim</b>	<b>Locução</b>	<b>Citação</b>	
					<b>Relato</b>	<b>Indicação</b>
			<b>Não</b>	<b>Verbiagem</b>		
	<b>3.2- Atividade</b>	<b>Projeção</b>	<b>Não</b>	<b>Fala</b>		
				<b>Alvo</b>		
<b>3- Receptor</b>	<b>Sim</b>	<b>Ente humano</b>	<b>Locução</b>			
			<b>Relato</b>			
			<b>Verbiagem</b>			

**Fonte:** Adaptado de Halliday e Matthiessen (1999; 2004) e Martin *et al.* (2013).

Esse quadro detalha a organização do protocolo para definir a funcionalidade do processo, participante e circunstância envolvidos no próprio processo.

As orações verbais encontradas estão separadas nas classes que se seguem. Em particular foram investigados os padrões distintos entre os subtipos de orações verbais – Semiose: projeção e não projeção e Atividade: fala e alvo.

Porém, para a classificação e descrição da representação do dizer do português brasileiro, a formalização para a produção da rede de sistema e a realização segue a conforme especifica a notação sistêmica apresentada no quadro 20 abaixo (HALLIDAY; MATTHIESSEN 1999, 2004, MARTIN *et al.*, 2013).

**Quadro 20-** Notação sistêmica

<b>Símbolo</b>	<b>Lê-se</b>	<b>Dimensão</b>	<b>Exemplo</b>
+	Inserção	Função	+Dizente
^	Seguido	Ordem	Processo^ Dizente
:	Pré-seleção	Função	Dizente: semiótico
↘	Realização	Função	+Grupo nominal

**Fonte:** Adaptado de Halliday e Matthiessen (1999; 2004) e Martin *et al.* (2013).

Esta notação determina a forma de classificação e descrição do potencial sistêmico para os padrões distintos entre os subtipos de orações verbais Semiose e Atividade. A seção que se segue inicia o subtipo de oração verbal Semiose: projeção de locução (parataxe).

### 3.2- Descrição sistêmico-funcional da representação do dizer do português brasileiro

#### 1- LOCUÇÃO

Das 310 orações verbais analisadas, 73 compõe a classe 1:

+Dizente	+Processo	+ locução	+Receptor
:Semiótico	:Fala	:Citação	:Ente humano

Nesta classe, a Locução compõe o subtipo Semiose. A projeção assume a forma prototípica da Semiose. Visto por cima, é possível perceber a troca simbólica de constituição de significados construídos na consciência humana e realizados por meio da língua, como apontam Halliday e Matthiessen (2004). Nesse sentido, o processo executado pelo dizente é usado para construir outra oração que se constitui em uma oração à parte (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p.108), como se verifica no exemplo 38.

#### Exemplo 38: Locução

(98) Então ela **disse**: “Nós temos muitos aparelhos, mas não temos lugar pra sentar”.  
 <XPL\_EM\_02 L137>  
 Dizente: Sim- semiótico (Ela)  
 Disse: Significado verbal de fala: (Comunicar)  
 Tipo de processo: Semiose  
 Potencial para projetar: Sim. Projeção de locução- citação  
 Potencial para receptor: Sim (-receptor)

O exemplo 38 é do processo Explicar, ou seja, envolve o uso da língua como forma de transmissão de conhecimento. Por ser da modalidade escrito- monólogo, se vê uma oração projetada em forma de um complexo oracional. De baixo, tem-se o participante dizente construindo outra oração realizada pela locução: citação. O dizente é fonte simbólica prototipicamente humano executando um processo realizado pelo grupo verbal **disse**, com significado de fala comunicar. Os verbos mais frequentes nessa classe foram os verbos *falou* classificado em 15 orações verbais e o verbo *disse* classificado em 13 das 73 orações verbais da classe locução.

Em números de dizer, o dizente é simbólico, porém não necessariamente humano. Nesse caso, há um subtipo da figura do dizer em que o dizente faz alguma coisa para outro participante por meio do processo verbal (HALLIDAY;

MATTHIESSEN, 1999, p. 153). Das 310 orações analisadas, apenas 2 orações apresentaram a extensão da classe locução para esse subtipo de figura do Dizente não humano realizada pelos verbos falou e disse, mostrado no exemplo 63 abaixo.

Exemplo 39: Outras formas de dizente

(121) A une (Dizente não humano)	<b>Falou</b> (Processo verbal)	vamos deixar primeiro consolidar. <EXP_FM_04 L485>  Locução (citação direta)
(173) A mídia (Dizente não humano)	<b>diz</b> (Processo verbal)	assim pedimos flexibilidade. <CAP_FM_01 L479>  Locução (citação direta)

O exemplo 39 mostra exemplos de Dizente não humano representado pelo Ente (une/ mídia). Em casos em que o Dizente é não humano, o processo verbal é simbólico.

Em contraste com outras famílias linguísticas, tem-se a gramática chinesa, cuja capacidade de projetar equivale a gramática inglesa, isto é, apenas os processos verbais e mentais compartilham a propriedade de projeção (HALLIDAY; DONALD, 2004, p. 366). O quadro 12 mostra a projeção comum às duas gramáticas e a representação da projeção na classe do português.

**Quadro 21-** Locução- citação

GRAMÁTICA CHINESA		
<i>Xiāomíng</i> (Dizente)	<b>shuō</b> (Processo verbal)	" <i>Wǒ míngtiān tomorrow bù qù xuéxiào</i> " Locução (citação direta)
GRAMÁTICA INGLESA		
<i>Xiaomíng</i> (Dizente)	<b>said:</b> (Processo verbal)	" <i>I won't go to school tomorrow</i> <sup>18</sup> ". Locução: (citação direta)
CLASSE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO		
124- <b>Disse</b> (Processo verbal)	<b>Araão:</b> (Dizente)	" <i>Está bem</i> ". <REC_ED_07 327>  Locução: (citação direta)

Fonte: Elaborada Pela autora com dados de Caffarel *et al* (2004); *corpus*.

<sup>18</sup> Exemplos das famílias linguísticas retirados do livro Caffarel *et al* (2004).

Conforme se observa no quadro 21, a classe locução se caracteriza por um Dizente executando o processo verbal, formando um complexo oracional com a oração verbal. (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2004, p. 254).

Além da locução (citação) a projeção se dá, também, por relato (hipotaxe).

## 2- RELATO

No *corpus*, das 310 orações verbais, 55 são da classe 2 relato: indicação.

+ Dizente	+Processo	+ Relato	+ Receptor
:Semiótico	:Fala	:Indicação	:Ente humano

A classe 2: indicação detalha um tipo especial de Semiose, aquela que ocorre em discurso indireto (relato). Nessa classe, o projetante e a figura projetada apresentam status desigual. A figura projetada é dependente do projetante, por isso, a figura é claramente entendida como pertencente a um plano de segunda ordem, isto é uma realidade que é feita de significado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p.11). Ver exemplo 40 abaixo.

Exemplo 40: Relato-indicação.

(139) O Fernando Haddad **disse** que o ano que vem vai ter um milhão de jovens estudante.  
 <EXP\_FM\_04L485>  
 Dizente: Sim-semiótico (Fernando Haddad)  
 Disse: Significado verbal de fala: (Relatar)  
 Tipo de processo: Semiose  
 Potencial para projetar: Sim. Relato-indicação  
 Potencial para receptor: Sim (-receptor)

O exemplo 40 ilustra a classe de relato: indicação. Na gramática inglesa, o que diferencia a locução: citação para o relato: indicação é a marcação de pronomes pessoais, demonstrativos e adjuntos temporais auxiliares para a marcação de tempo no presente do indicativo. Para a classe do português, também se observa a presença de pronome (que ou se) na oração projetada hipotática. Nesta classe o verbo que mais se destacou foi o dizer em 13 das 55 orações.

Para o dizente semiótico de outras fontes simbólicas, apenas 5 das 55 orações apresentaram esse Ente. Ver exemplo 41 abaixo.

Exemplo 41: Ente simbólico em relato

(54) A bíblia nos **diz** que Jesus cristo morreu por causa dos pecados da humanidade. <RMD\_FM\_05 L657>

Dizente: Sim- semiótico (A bíblia)

Diz: Significado verbal de fala: (Relatar)

Tipo de processo: Semiose

Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato- indicação

Potencial para receptor: Nos

Neste exemplo o dizente é representado por um subtipo da figura do dizer em que o dizente faz alguma coisa para outro participante por meio do processo verbal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 153). Esse outro participante é o receptor, um ente que é a quem o dizente se dirige, representado por um ente semiótico e consciente. (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2004, p. 254).

Na terceira classe, tem-se:

### 3- COMANDO

Das 310 orações verbais, 11 compreende a classe comando.

+Dizente	+Processo	+Relato	+Receptor
:Semiótico	:Fala	:Comando	:Ente humano

O comando encerra a classe das projeções e é composto por orações imperativas. Aquelas que ditam ordens, como se observa no exemplo 42 que se segue.

Exemplo 42: Comando

(179) Mavutsinim, o grande pajé, **Ordenou** que os troncos fossem retirados da terra. <REC\_EM\_09 L346> (1334) (3)

Dizente: Sim- semiótico (Mavutsinim)

Ordenou: Significado verbal de fala: (Ordenar)

Tipo de processo: Semiose

Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato-comando

Potencial para receptor: Sim (-receptor)

O exemplo 42 é retirado do processo Recriar- busca criar linguisticamente um evento acontecido no mundo. Nesse caso, mostra o grupo verbal [ordenou] realizado por um dizente semiótico.

Para o subtipo de fonte simbólica não necessariamente de forma humana, a figura do dizente diz algo a outro participante, o receptor, conforme se observa no exemplo 43 abaixo.

(305) Lei complementar Nº 113 **autoriza** o Poder Executivo a criar a Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento do Pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA. <CAP\_EM\_18 L42>  
 Dizente: Sim- semiótico (Lei complementar)  
 Perguntar: Significado verbal de fala: (Ordenar)  
 Tipo de processo: Semiose  
 Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato- comando  
 Potencial para receptor: Sim (Poder executivo)

Logo, 11 das 310 orações verbais são da classe 3: comando realizado por verbos de ordem/comando dito em sua maioria por dizente semiótico.

A próxima classe é a classe 4: verbiagem (grupo nominal).

#### 4- VERBIAGEM

+Dizente	+Processo	+Verbiagem	+Receptor
:Semiótico	:Fala	:Grupo nominal	:Ente humano

A verbiagem é uma das funções do processo verbal. Ela encerra o subtipo Semiose e inaugura a não projeção. Esta classe corresponde à função do que é dito e apresenta receptor. Das 76 das 310 orações verbais se encaixam nesta classe. Os exemplos 44 e 45, respectivamente ilustram exemplos de verbiagem.

Exemplo 44: Dizente semiótico prototípico humano

(17) **Perguntei** a ela onde ela gostaria de ir no nosso aniversário de casamento. <XPL\_EM\_02 L137>  
 Dizente: Sim- semiótico (implícito Eu)  
 Perguntei: Significado verbal de fala: (Questionar)  
 Tipo de processo: Semiose  
 Potencial para projetar: Não. Verbiagem  
 Verbiagem: (onde ela gostaria de ir no nosso aniversário de casamento)  
 Potencial para receptor: Sim. (Ela)

Exemplo 45: Dizente simbólico

(71) Uma coisa que te **diga** coisas boas. <COM\_FM\_02 L531>  
 Dizente: Sim- semiótico (Uma coisa)  
 Diga: Significado verbal de fala: (comunicar)  
 Tipo de processo: Semiose  
 Potencial para projetar: Não. Verbiagem  
 Verbiagem: (coisas boas)  
 Potencial para receptor: Sim. (Te)

Como se observa no exemplo 44, a verbiagem desempenha a função de representar o que está sendo respondido pelo verbo [perguntei]. No exemplo 645, o dizente é representado por outra forma simbólica, encontrado em 8 das 76 orações verbais da classe 4: verbiagem. Em ambos os exemplos há um receptor representado por um ente humano.

Na gramática alemã, Steiner e Teich (2004, p. 158) abordam que em orações verbais a ênfase é dada na forma pela qual a verbiagem se realiza na estrutura. No exemplo abaixo a verbiagem desempenha o papel de grupo nominal. Já na gramática vietnamita, Thai (2004, p. 420) aponta que o participante é um ente que diz ou simboliza, caracterizado pelo dizente. O mesmo acontece na gramática da língua inglesa. No entanto, o receptor e a verbiagem podem ser realizados por um grupo nominal. O quadro 13 detalha o papel da verbiagem das famílias alemã, vietnamita, inglesa e portuguesa.

**Quadro 22-** Realização do participante verbiagem em determinadas famílias linguísticas.

Verbiagem nas famílias linguísticas				
Famílias linguísticas	Dizente	Processo	Receptor	Verbiagem
alemã	<i>Sie</i>	<i>Schrieb</i>	<i>Ihm</i>	<i>(einen Brief )</i>
vietnamita	<i>Ho</i>	<i>Hoi</i>	<i>Toi</i>	<i>Nhieu cau hoi kho</i>
inglesa	<i>She</i>	<i>told</i>	<i>her</i>	<i>story</i>
português	<i>(182) Você</i>	<i>diz.</i>	<i>a eles</i>	<i>dos encostos</i>

**Fonte:** Adaptado de caffarel *et al* (2004) e do corpus CALIBRA SUB\_1.

Como se observa nos exemplos do quadro 22, separando em grupos é possível perceber que na língua das gramáticas alemã, vietnamita e portuguesa também apresentam a estrutura semelhante à língua inglesa.

O quadro 23 abaixo detalha as características da Semiose apresentada nesta seção.

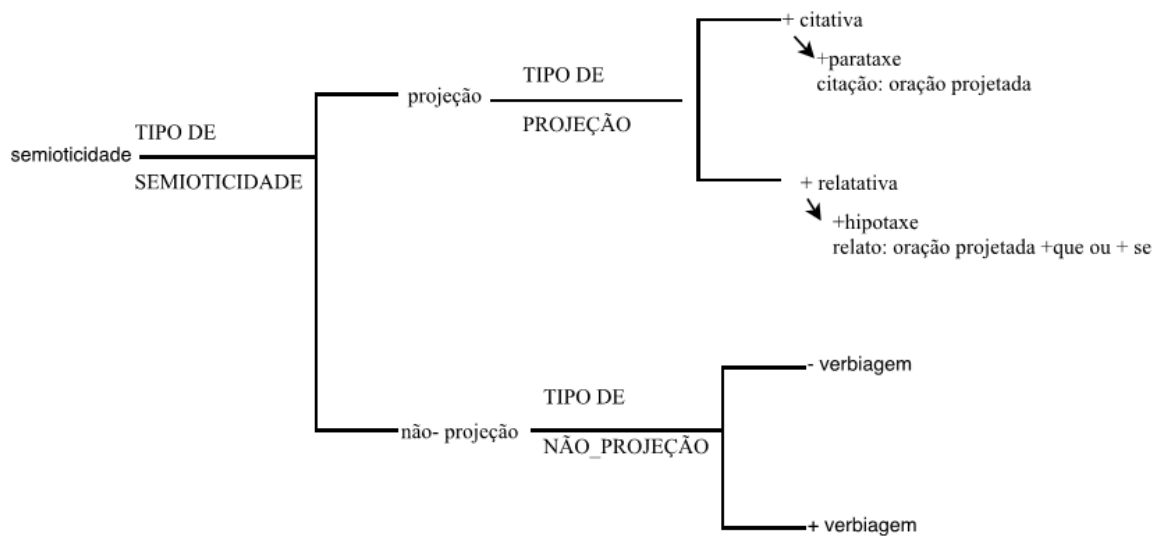
**Quadro 23-** Características da Semiose

SEMIOSE	Projeção		Não projeção
	Locução	Relato	
	Citação	Indicação	Comando
	Parataxe	Hipotaxe	
			+Grupo nominal
		↘ +que ou +se	

**Fonte:** Adaptado das leituras de Halliday e Matthiessen (1999, 2004) e Martin *et al* (1997).

A figura 23 abaixo detalha essa classe no sistema do português.

**Figura 23-** Sistema de Semiose do português



**Fonte:** Elaborada pela autora.

A atividade se divide em dois subtipos de processo: fala e alvo. Esta será vista com mais detalhe a seguir.

#### 5- Atividade: fala

A classe 5: Atividade é aquela em que há o dizente e o processo. Sendo o receptor um participante opcional.

+Dizente	+Processo	+Atividade	[ + Receptor ]
:Semiótico	:Fala	:Fala	



Nesta classe 80 das 310 orações verbais a constituem. Os verbos que mais apresentaram orações verbais foram o falar, com 16 das 80 orações; falou em 8 orações; fala com 7; falando com 5 e falava com 3 das 80 orações. A classe ainda apresenta 2 orações para outras formas de dizente semiótico representados pelos verbos dizia e fala. Seguem exemplos.

#### Exemplo 46: Dizente semiótico prototípico humano

(310)Essa wired já ouvi **falar**. <COM\_ED\_09 L84>  
 Dizente: Sim- semiótico (implícito Eu)  
 Falar: Significado verbal de fala: (Dizer)  
 Tipo de processo: Atividade  
 Potencial para projetar: Não. fala  
 Potencial para receptor: Sim (-receptor)

No exemplo 46, o processo Compartilhar na modalidade escrito-diálogo faz jus ao tipo atividade, pois o estreitamento dos laços sociais é claramente percebido no verbo falar que realiza a fala. Nesse exemplo o dizente está implícito na oração, mas abaixo há exemplos de dizente simbólico realizando a atividade de fala.

#### Exemplo 47: Dizente simbólico

(298) O que o jornal da Record **fala** é verdade. <XPL\_FM\_01 L501>  
 Dizente: Sim- semiótico (jornal da Record)  
 Fala: Significado verbal de fala: (Comunicar)  
 Tipo de processo: Atividade  
 Potencial para projetar: Não. fala  
 Potencial para receptor: Sim (-receptor)

Como se observa no exemplo 47, o dizente simbólico é representado por um ente com função de fala, configurando em um processo de atividade para o subtipo fala (falar, dizer, comunicar).

O subtipo Alvo constitui a classe 6:

#### 6- Alvo

+Dizente	+ Processo	+Atividade	+Alvo
:Semiótico	:Fala	:Avo	:Atingido pelo Processo

O alvo é um tipo de atividade que não projeta e não apresenta receptor. Esta classe é típica em estrutura de (ator + meta) na oração material, (cf. ALVES, 2017). Apenas 9 das 310 orações apresentam a particularidade de apresentar um participante que não é recebedor. Segue exemplo.

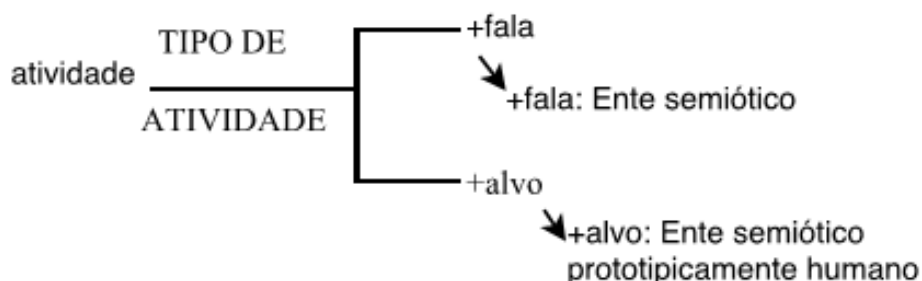
Exemplo 48: Alvo

(13) Eu me **pergunto** se não foi o momento mais rico da literatura brasileira mais ou menos entre 1920 e 1960 ah de 1920 logo em 1920 surgiu o modernismo a partir de 1930. <REL\_FM\_07 L737> (1472) (6)  
 Dizente: Sim- humano (Eu)  
 Pergunto: Significado verbal de fala: (Questionar)  
 Tipo de processo: Atividade  
 Potencial para projetar: Não  
 Alvo: Sim (me)

Como se observa no exemplo 48, o alvo na oração verbal atua como um indivíduo que “sofre” o Processo Verbal interpretado como uma circunstância ou uma oração hipotática. Segundo a LSF este elemento ocorre apenas em um subtipo de Processo Verbal – o Alvo. Devido sua particularidade não há registro no *corpus* de outra forma de dizente a não ser semiótico prototipicamente humano.

A figura 24 abaixo detalha o sistema de atividade do português.

**Figura 24- Sistema de atividade do português brasileiro**



**Fonte:** Elaborada pela autora.

Analisadas as classes de verbos dos tipos e subtipos de processos verbais, foi possível perceber que algumas análises não se encaixaram nas seis classes listadas anteriormente, quer seja porque não apresentaram dizente semiótico prototipicamente humano e suas representações simbólicas ou porque a classe verbal já não mais

desempenhara a função específica na oração. A essas peculiaridades foi denominada uma classe especial: dizente indeterminado.

### **Dizente indeterminado**

Para essa classe, apesar de não ter o dizente (semiótico prototipicamente humano ou outras realizações), a oração apresentou outras funções para o processo verbal. Das 310 orações 1 apresentou funções para Relato: indicação; 1 para Verbiagem; 2 Atividade: fala. Segue exemplos com cada especialidade.

#### Exemplo 49: Dizente indeterminado (Relato)

(123) **Dizem** que o gato abre um olho só porque ele é preguiçoso. <REC\_FM\_01 L515>  
 Dizente: Não. Indeterminado  
 Dizem: Significado verbal de fala: (Relatar)  
 Tipo de processo: Semiose  
 Potencial para projetar: Sim. Projeção de relato- indicação  
 Potencial para receptor: Sim (-receptor)

O exemplo 49 detalha o caso especial para a oração de relato: indicação. Não foi possível classificar quem disse, mas a oração é do tipo Semiose: relato sem apresentar um dizente.

#### Exemplo 50: Dizente indeterminado (verbiagem)

(184) **Dizer** uma frase imprecisa em uma tribuna ou cátedra será abominado. <EXP\_EM\_01 L177>  
 Dizente: Não. (indeterminado)  
 Dizer: Significado verbal de fala: (Dizer)  
 Tipo de processo: Semiose  
 Potencial para projetar: Não. Verbiagem  
 Verbiagem: (uma frase imprecisa em uma tribuna ou cátedra será abominado)  
 Potencial para receptor: Sim (-receptor)

O exemplo 50 mostra outro caso de dizente não determinado para uma função de representação do que está sendo dito.

#### Exemplo 51: Atividade: fala

(193) Olha quem **fala!** <REC\_ED\_02 L322>  
 Dizente: Sim (indeterminado)  
 Fala: Significado verbal de fala: (Comunicar)  
 Tipo de processo: Atividade  
 Potencial para projetar: Não. fala  
 Potencial para receptor: Sim (-receptor)

No exemplo 51 não tem como determinar o dizente na oração com função de atividade do subtipo fala. Essa característica pode ser explicada pelo fato da língua estar sempre em movimento, sem permitir que o dizente seja recuperado ao longo das narrativas.

No entanto, as constantes modificações das línguas permitem algumas especificidades.

Seguindo esse raciocínio de orações especiais, vale ressaltar a gramática francesa, que conforme abordado por Caffarel (2004, p. 84), no que tange à estrutura, os participantes se deslocam, permitindo introduzir o que a oração é de fato. Os pronomes que constituem a oração indicam a função dos participantes como um novo segmento (tema), segue exemplo.

Exemplo 52: Funções complexas da gramática francesa.

*Je parlerai à Pierre de ce problème.*  
 Dizente: Je  
 Processo: parlerai  
 Alvo: à Pierre  
 Verbiagem: de ce problème.

Como se observa no exemplo 52, os participantes (dizente, alvo, verbiagem) e algumas circunstâncias (verbiagem) tem o mesmo potencial para ser realizado na categoria grupo verbal, formando o núcleo da oração em Francês. Este é um exemplo de caso complexo, pois tanto na gramática inglesa, quanto na classe do português Alvo e verbiagem não desempenham funções na mesma oração.

Outro exemplo com igual complexidade diz respeito à gramática da língua Japonesa. De acordo com Teruya (2004, p. 209), o destaque é dado ao participante que é um ente raro de acontecer em estruturas não hipotáticas, porém quando o

participante é atingido pela ação do dizente, caracterizando no alvo ou quando projeta uma locução, diz-se que o participante é possível de aparecer. Segue exemplo.

Exemplo 53: Participante em projeção com alvo

*Kanozyo-wa tomodaci-no ko-o <<ii ko ne to>> hometa.*  
 Dizente: Kanozyo-wa  
 Alvo: tomodaci-no ko-o  
 Locução: <<ii ko ne to>>  
 Processo: hometa

O exemplo 53 evidencia o participante (alvo) diretamente atingido pela ação do dizente em uma locução projetada.

Há, ainda, casos em que a gramática não apresenta verbo em sua estrutura, como é o caso das línguas faladas no sul da Índia, bem como as línguas russas. De acordo com Prakasan (2004, p. 448), em telugu, quando há marcação de verbo, a oração é caracterizada como processo material. Em tagalo, Martin (2004, p. 259) diz que o foco na gramática do tagalo é o sistema. Através do sistema os processos indicam o papel experiencial do tema. Na gramática pitjantjatjara abordada por Rose (2004, p.480), o meio é o participante do núcleo generalizado em uma oração material, que age, sente, diz, ou é atribuído um atributo ou identidade. Seguem os exemplos.

**Quadro 24-** Variedades nas gramáticas

Gramática		Processo ↓ Verbo	Produto	Mediador	Meio : participante	Forma negativa :classe material
Telugu	<i>Sinu naku tammud kadu</i>					<i>kadu</i>
Tagalo	<i>Hiniram ng tão ang pera</i>	<i>Hiniram</i>	<i>ang pera</i>	<i>ng tão</i>		
Pitjantjatjara	<i>Ngayulu a-nu</i>	a-nu			<i>Ngayulu</i>	

Fonte: Adaptado de Caffarel et al (2004).

Como se observa nos exemplos do quadro 24, em telugu a forma negativa ‘kadu’ evidencia a classe material totalmente marcada. No tagalo o tema é representado pelo ator realizado pelo processo de ação. Vale ressaltar que em tagalo todos os participante (mediador) e circunstâncias (produto) são temas marcados, característica do processo material. Por fim, na língua pitjantjatjara o papel do participante na estrutura da oração é evidenciado pelo meio.

### 3.3- Verbos frequentes dos subtipos das classes

As classes constituintes do processo verbal do português brasileiro possibilitaram uma lista de verbos mais frequentes apresentado no quadro 16 a seguir. Porém, este quadro funciona apenas como um guia baseado na frequência de ocorrências e não deve ser entendido como uma classificação fixa. Tanto que um mesmo verbo pode operar como mais de um tipo de Processo, por exemplo, ‘Dizer’ que pode ser tanto de Semiose (locução, indicação ou comando); ou ‘fala’, Atividade que também pode se apresentar em Semiose.

**Quadro 25-** Exemplos de verbos que operam como processos verbais

	<b>Tipo</b>	<b>Exemplos dos verbos</b>
Semiose	Citação (Dizer)	Dizer, Perguntar, Responder
	Indicação (Relatar)	Aceitar, Anunciar, Apostar, Comentar, Contar, Declarar, Definir, Informar, Mencionar, Pedir, Propor, Relatar
	Comando (Ordenar)	Autorizar, Convidar, Ordenar, Recomendar
	Verbiagem (Apontar)	Agradecer, Alertar, Criticar, Defender, Desafiar, Descrever, Orientar, Sugerir
Atividade	Fala (Conversar)	Citar, Conversar, Convidar, Discordar, Reclamar, Responder, Xingar
	Alvo (Falar)	Falar

Ressaltando que os processos verbais são os processos do dizer, dizer entendido como troca de significado expresso verbalmente (Halliday; Matthiessen, 2004), o quadro 26 resume os subtipos de Processos Verbais.

**Quadro 26-** Principais características do tipo e dos subtipos de Processos Verbais

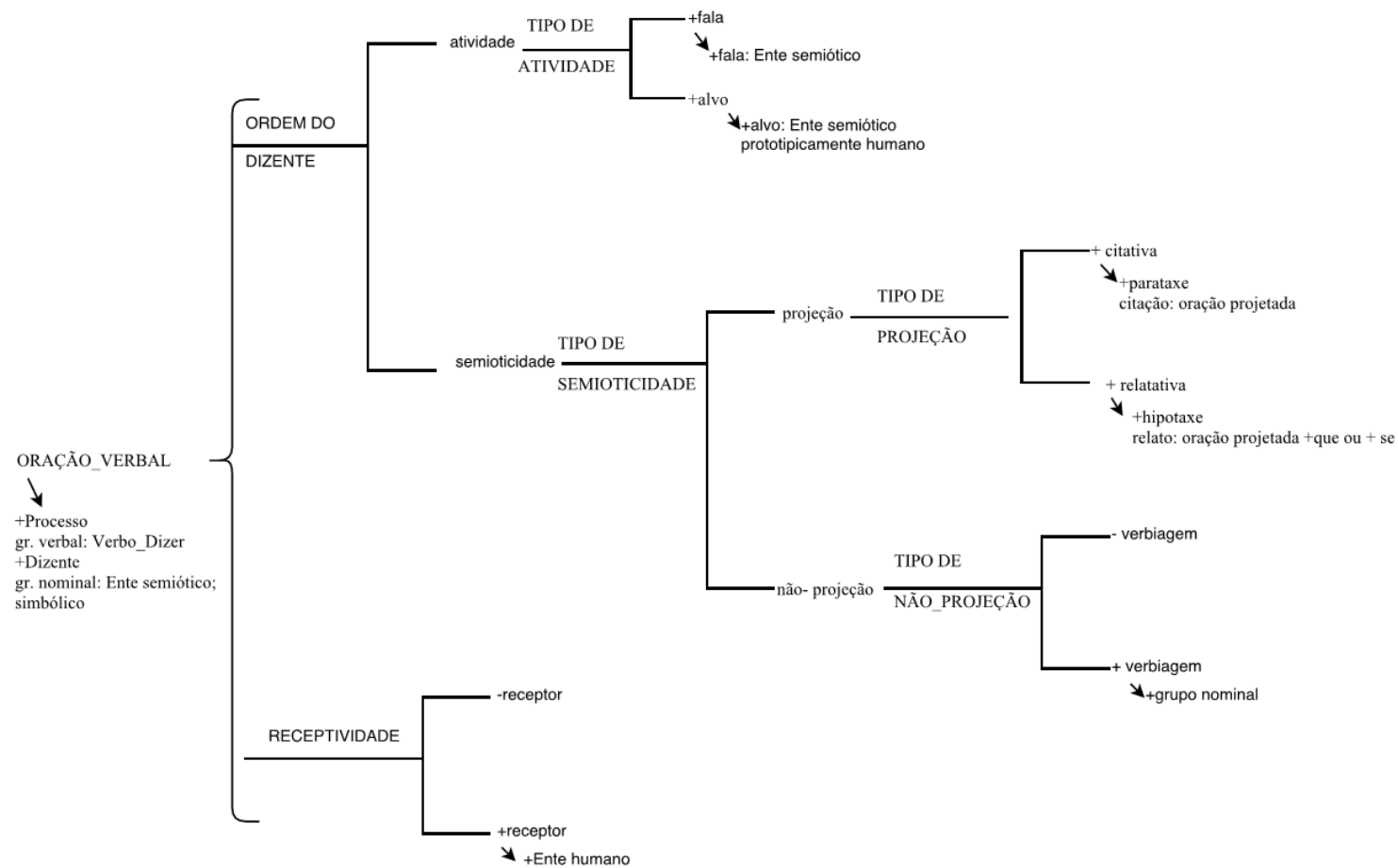
Subtipos de Processos Verbais em português brasileiro		Semiose				Atividade	
		Locução	Relato		Verbiagem	Fala	Alvo
		Citação	Indicação	Comando			
<b>Potencial para projetar</b>	<b>Projeção: parataxe; hipotaxe</b>	√	√	√			
<b>Processo Verbal</b>	<b>Significado de fala</b>	√	√	√	√	√	√
<b>Participantes envolvidos</b>	<b>Dizente</b> <b>(semiótico: consciente, simbólico)</b>	√	√	√	√	√	√ <b>(Apenas consciente)</b>
	<b>Verbiagem</b>				√		
	<b>Receptor</b> <b>(Ente humano)</b>	√	√	√	√	√	
	<b>Alvo</b>						√
<b>Marcação de tempo</b>	<b>Passado simples/presente do indicativo</b>	√	√	√	√	√	√

**Fonte:** Elaborado pela autora

Conforme se observa no quadro 26, a projeção é uma característica restrita à Semiose, exceto para a função verbiagem. Quanto ao receptor, apenas o alvo não o possui.

A figura 25 abaixo traz o sistema de funções gramaticais verbais do português brasileiro.

**Figura 25-** Sistema da oração verbal do português brasileiro



Fonte: Elaborada pela autora.



#### 4- CONCLUSÃO

Como a linguística sistêmico-funcional corresponde a uma teoria geral do funcionamento da língua humana, ela foi tomada como referência de descrição na busca por padrões da língua de forma a descrever e generalizar esses padrões. Nesta dissertação as descrições sistêmico-funcionais proposta por Halliday e apresentadas em Caffarel *et al* (2004) serviram de base para mapear o potencial significativo da língua portuguesa, limitando-se ao Processo Verbal, pois conforme apontado por Halliday (1978), a língua é o meio de interação uns com os outros e, por isso, é usada para estabelecer nossas relações interpessoais e manter a ordem social que as subjaz. É o sistema mais complexo e o recurso mais elaborado para a produção de significado.

No viés dos estudos da tradução, Halliday (1970) propõe uma descrição linguística cujos olhares se voltam para as funções e para o sistema das línguas ao mesmo tempo, porém, a descrição compõe apenas uma parte da teoria linguística geral e, nessa perspectiva, Munday (2001) segue os pressupostos dos estudiosos da tradução que enxergam na língua e no contato linguístico a base para a formulação de uma teoria de tradução de orientação para o produto da tradução dentro da abordagem LSF. Nesse sentido, contribuindo com os estudos multilíngues, pois segundo Matthiessen *et al* (2008) a visão multilíngue se baseia em campos, isto é, fenômeno que representa o domínio experiencial do estudo (descrição, análise, aplicação, etc.) de uma ou mais línguas sempre em referência ao estudo (descrição, análise, aplicação, etc.) de outras línguas.

Assim, esta pesquisa se organizou da seguinte forma.

No capítulo 1 foi apresentada a relevância desta dissertação com base na linguística sistêmico-funcional para os estudos da tradução e os estudos multilíngues, definindo a organização interna das línguas para a descrição da representação do dizer do português brasileiro. O capítulo 2 apresentou a metodologia de descrição sistêmico-funcional e o tratamento do *corpus* utilizado. No capítulo 3 foi apresentado o endereço semiótico, a estrutura experiencial da oração verbal e o mapeamento do potencial sistêmico da representação do dizer do português brasileiro.

Alguns pontos diante a descrição aqui realizada merecem destaque:

A descrição seguiu o mesmo princípio organizador da gramática de base sistêmico-funcional afiliada às descrições apresentada em Caffarel *et al* (2004) de base tipológica, cujas categorias são aplicáveis a várias línguas, propiciando o contato linguístico, como a tradução e a produção de significado em ambientes multilíngue.

Vale ressaltar, também, que a descrição aqui realizada foi feita na perspectiva sistêmico-funcional da língua, isto é, a realização do significado ocorreu da funcionalidade encontrada na análise do *corpus*. O que significa que não foi uma transposição das línguas apresentadas em Caffarel *et al* (2004) para o português, mas sim uma análise contrastiva a fatores relativos à própria interpretação sistêmico-funcional ou à semelhança entre as línguas. Assim, oração, ordem mais alta na escala das ordens foi analisada nas diferentes dimensões do sistema linguístico, pois este é concebido como um conjunto de recursos para a produção de significado, e não como um conjunto de regras (HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2004).

Considerando que os objetivos foram cumpridos, uma vez que:

- Promoveu a identificação e propôs uma descrição sistêmico-funcional da oração verbal abordada “de baixo” na busca de semelhanças e diferenças na constituição formal; “ao redor” na estruturação metafuncional realizada por dizente+ processo+ participante e, “de cima” o comportamento da oração verbal no texto.
- Explicou os recursos da constituição de significados das línguas que foram descritas sistêmico-funcionalmente para propor a descrição do português.
- Com base na teoria geral de descrição sistêmico-funcional (HALLIDAY, 2002), propôs uma descrição dos sistemas que compõem a estrutura experiencial e lógica da oração verbal no sistema linguístico do português.
- Contribuiu de forma substancial com uma teoria mais ampla do contato entre as línguas.

Quanto ao explicar os recursos da construção de significado das línguas que foram descritas sistêmico-funcionalmente, do ponto de vista da LSF, a particularidade

que aproxima as línguas francesa, alemã, japonesa, chinesa e vietnamita é a característica SVO, presente também na língua portuguesa, porém a gramática francesa apresenta características SVO polissimétricas (SOV). As demais línguas não comportam essa estrutura, pois falta o participante ou circunstância.

Outro destaque é dado ao padrão: morfema, palavra, grupo / frase e oração. Este padrão se repete também nas descrições feitas para o espanhol e para o francês, onde a escala de ordens é igualmente composta pelas mesmas quatro ordens mencionadas e o mesmo pôde ser observado na classe do português. A gramática da língua Japonesa compõe a ordem semelhante à língua inglesa, porém deve-se atentar aos morfemas, que nessa língua designam, por exemplo, a presença do receptor, marcado pelo morfema /ni/ e suas flexões de tempo.

No que se refere à perspectiva trinocular, destaca-se:

“ao redor”, conforme a estruturação metafuncional, a oração verbal compõe uma estrutura formada por elementos da Transitividade, a saber, dizente + Processo + participante. Ao contrastar com as línguas apresentadas em Caffarel *et al* (2004), na gramática tagalo, o foco é o sistema. Através do sistema os processos indicam o papel experiencial do tema. Na gramática pitjantjatjara o meio é o participante do núcleo generalizado em uma oração material, que age, sente, diz, ou apresenta um atributo ou identidade e na gramática telugu, quando há marcação de verbo, a oração é caracterizada como processo material (CF. ALVES, 2017). Nas classes do Português a estruturação metafuncional apresentou dizente com a função de semiótico prototipicamente humano, há também casos de dizente simbólico + processo verbal+ participante, assemelhando-se às gramáticas, espanhola, inglesa e francesa.

“de baixo” a partir da ordem do grupo, busca-se as semelhança e diferenças na constituição formal. Na gramática alemã, em orações verbais, a ênfase é dada na forma pela qual a verbiagem se realiza na estrutura. Já na gramática vietnamita, o participante é um ente que diz ou simboliza, caracterizado pelo dizente. O mesmo acontece na gramática da língua inglesa e pôde ser observado na classe do português. Por outro lado, em Francês os participantes (dizente, alvo, verbiagem) e circunstâncias (verbiagem) tem o mesmo potencial para ser realizado no grupo verbal, formando o núcleo da oração e na gramática Japonesa o participante (alvo) é diretamente atingido pela ação do dizente

em uma locução projetada. Na gramática inglesa e na classe do português brasileiro ‘Alvo e Verbiagem’ não desempenham funções na mesma oração.

e “de cima” discurso, a realização da oração na escala superior do contexto, nas classes do português foi possível perceber que a oração verbal é típica do contexto inserido nos processos semióticos Recriar, Compartilhar e Relatar. No processo Recriar, das 310 orações analisadas, 75 pertence a esse processo. Esse fato pode ser explicado pelo que abordam Matthiessen *et al.* (2008) dizendo que o processo Recriar busca criar linguisticamente um evento acontecido no mundo. São exemplo os romances, histórias em quadrinho e causos.

No processo Compartilhar, das 310 orações analisadas, 49 constitui esse processo. Este é o processo do estreitamento dos laços sociais. Os exemplos são: a fofoca e o blog (diário). Quanto ao processo Relatar, Matthiessen *et al.* (2008) ressaltam que este processo implica no uso da língua como forma de construir linguisticamente um evento que aconteceu no mundo. Das 38 orações constituintes deste processo, 22 estão na modalidade falado/ monólogo.

Como o objetivo da linguística é descrever as línguas, esta pesquisa descreve o sistema das orações verbais do português brasileiro e cumpre uma questão importante apontada pelas abordagens linguísticas da tradução realizadas no Brasil, levantada por Figueredo (2011), a necessidade de descrições mais amplas e articuladas do português brasileiro, de forma a possibilitarem a análise de fenômenos linguísticos mais complexos. Também, por utilizar não apenas um texto como recurso exclusivo de um sistema linguístico, mas todo o potencial de texto presente no ambiente multilíngue o potencial da língua portuguesa, que também faz parte deste potencial, se instancia como texto dentro do ambiente multilíngue.

Contudo, as pesquisas continuam e a descrição pode ser ampliada até completar todo o sistema oracional limitando-se à transitividade, os quais estruturam a oração em seu próprio nível. Pode ser aplicada para melhor entender as escolhas restritas pelo sistema em consonância com as escolhas de cada tradutor ao traduzir. Ao ensinar uma língua, o sistema pode contribuir para determinar as escolhas em detrimento de um discurso enunciativo construído na consciência humana e realizado por meio da língua. Por fim, aprofundar mais na descrição do ambiente multilíngue quanto nas variáveis contextuais que o delimitam.

## **5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, L. **Uma proposta de descrição sistêmico-funcional das orações materiais do português brasileiro orientada para os estudos multilíngues.** Mariana, 2017.

ARÚS, J. **Hacia una especificación computacional de la transitividad en el español: estudio contrastivo con el inglés.** Tese (Doutrado em Linguística) – Universidad Complutense de Madrid. Madri, 2003.

CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) **Language typology: a functional perspective.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

CAFFAREL, A. **Metafunctional profile of the grammar of french.** In CAFFAREL, A.; MARTIN, J & MATTHIESSEN, C. (Eds.): 77-137, 2004.

CRIATIVE RESEARCH SYSTEM. **Sample Size Calculator.** Disponível em: <<http://www.surveysystem.com/sscalc.htm>> Acessos em: 20/01/2017.

DE PAULA, A. A; ALVES, L. **Estudo comparativo do Processo Verbal do par linguístico português brasileiro–inglês na história em quadrinhos da turma da Mônica.** Revista Letrando, Paripiranga, v.4, p. 64-79, 2016.

ELLIS, J. **Towards a general comparative linguistics.** The Hague: Mouton, 1966. 170p.

FIGUEREDO, G. **Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos linguísticos da tradução.** 2007, 292 f. Dissertação, Mestrado em Linguística aplicada, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/ PosLin, 2007.

FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues.** 2011. 383 f. Tese. Doutorado em Linguística Aplicada. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

HALLIDAY, M. A. K; McINTOSH, A.; STREVEN, P. **The linguist sciences and language teaching.** London: Longmans, 1964.

- HALLIDAY, M. A. K. **Language structure and language function.** In: LYONS, J. (Ed.). *New horizons in linguistics.* Middlesex: Penguin Books Ltd, 1970.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English.** London and New York: Longman, 1976.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning.** London & Baltimore: Edward Arnold & University Park Press, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. **Writing science: literacy and discursive power.** London and Pittsburgh. University of Pittsburgh Press, 1993.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **Construing experience as meaning: a language based approach to cognition.** London: Cassell, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K. *On grammar.* London: Continuum, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar.** 3a ed. London: Edward Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; McDONALD, E. **Metafunctional profile of the grammar of Chinese.** In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) *Language typology: a functional perspective.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.
- HOLMES, James S. **The Name and Nature of Translation Studies.** In: VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader.* Londres: Routledge. (ed.) 2000.
- KRZESZOWSKI, Tomasz P. **Contrasting Languages: The Scope of Contrastive Linguistics.** Mouton de Gruyter Berlin New York 1990.
- MARTIN, J. R. **Interpersonal grammaticalization: mood and modality in tagalog.** *Philippine Journal of Linguistics* 21.1, 1990.
- MARTIN *et al.* **Transivity: Clause as representation.** In: *Working With Functional Grammar.* 1997.
- MARTIN, J. R. **Metafunctiona profile of the grammar of Tagalog.** p. 255-302. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) *Language typology: a functional perspective.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

MARTIN, J. R. **Realisation, instantiation and individuation: some thoughts on identity in youth justice conferencing**. D.E.L.T.A., (São Paulo) 25: ESPECIAL, 2009.

MARTIN, J.R. **Systemic functional grammar: a next step into the theory -axial relations**. Sydney, march, 2013.

MATTHIESSEN, C. **Lexicogrammar and collocation: a systemic functional exploration**. In: Issues in English grammar. Hyderabad: Central Institute of English and Foreign Languages, 1998.

MATTHIESSEN, C.; TERUYA, K.; WU, C. **Multilingual studies as a multi-dimensional space of interconnected language studies**. In: WEBSTER, J. (Ed.). Meaning in Context : implementing intelligent applications of language studies. London and New York: Continuum, 2008.

MUNDAY, J. **Introducing translation studies: theories and applications**. London & New York: Routledge, 2001.

O'DONNELL, M. The **UAM CorpusTool: software for corpus annotation and exploration**. In: Bretones Callejas, Carmen M. et al. (Eds.) In: Applied Linguistics =ow: understanding language and mind / la lingüística aplicada hoy: comprendiendo el lenguaje y la mente. Almería: Universidad de Almería. p. 1433-1447, 2008.

ROSE, D. Pitjantjatjara: **A metafunctional profile**. In Caffarel, A.; Martin, J. & Matthiessen, C. (eds.) Language Typology: a functional perspective. Amsterdam: Benjamins, 2004, 479- 537.

SANTOS, Z. B. **A lingüística sistêmico-funcional: algumas considerações**. n. 28, Soletas, UERJ, p. 165-181, 2014.

**SAMPLE SIZE CALCULTAOR**. Software online. Disponível em: <<http://www.surveysystem.com/sscalc.htm>> Acesso em 14 abr. 2016.

STEINER, E.; TEICH, E. **Metafunctional profile of the grammar of german**. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) Language typology: a functional perspective. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

TAGNIN, S. E. O. **A lingüística de corpus na e para a tradução**. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. (Orgs.). Corpora Na tradução. 1ªed, São Paulo: HUB Editorial, 2015, p. 19-56.

TERUYA, K. **Metafunctional profile of the grammar of Japanese.** In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) *Language typology: a functional perspective.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

**WORDSMITH TOOLS.** Programa computacional para busca de padrões. Desenvolvido por Mike Scott. Publicado pela Oxford University Press, desde 1996. Disponível em: <<http://lexically.net/wordsmith/version5/>>. Acesso em: 18 mar. 2016.